



UNIDADE UNIVERSITARIA DE CAMPO GRANDE

MARILDA COVRE LINO SIMÃO MARTIM

REPRESENTAÇÃO DA PESSOA IDOSA NOS QUADRINHOS DE ZIDROU:

A OBSOLESCÊNCIA PROGRAMADA DE NOSSOS SENTIMENTOS

E A ADOÇÃO.

CAMPO GRANDE/MS

2025

MARILDA COVRE LINO SIMÃO MARTIM

**“A REPRESENTAÇÃO DO IDOSO NAS HQS DE ZIDROU:
A OBSOLESCÊNCIA PROGRAMADA DE NOSSOS SENTIMENTOS
E A ADOÇÃO”**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos Linguísticos

Linha de Pesquisa: Linguística Aplicada

Orientador: Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes

Campo Grande
2025

Ficha catalográfica

M333r Martim, Marilda Covre Lino Simão.

A representação do idoso nas HQs de Zidrou: a obsolescência programada de nossos sentimentos e a adoção / Marilda Covre Lino Simão Martim. – Campo Grande, MS: UEMS, 2025.

120 p.

Dissertação (Mestrado) – Letras – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2026.

Orientador: Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes.

1. Análise crítica do discurso 2. Histórias em quadrinhos 3. Envelhecimento 4. Representação social I. Gomes, Nataniel dos Santos II. Título

CDD 23. ed. - 401.41

MARILDA COVRE LINO SIMÃO MARTIM

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos Linguísticos

Linha de Pesquisa: Linguística Aplicada

Orientador: Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes (Presidente)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Profa. Dra. Sonia M. Bibe Luyten (Titular)
Universidade de São Paulo/USP

Profa. Dra. Ana Paula Tribesse Patrício Dargel (Titular)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof. Dr. Leonardo Gonçalves de Alvarenga (Suplente)
Universidade do Estado do Pará/UEPA

Prof. Dr. Ruberval Franco Maciel (Suplente)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Campo Grande/MS, 05 de dezembro de 2025.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me proporcionou a realização de sonhos quase já esquecidos.

Ao meu orientador, pela pergunta “Onde está o seu projeto?” que me trouxe ao Mestrado, por suas sábias orientações, até mesmo em mudar o tema da dissertação, e, também, pela paciência com meus prazos.

Ao meu marido, pelo incentivo, apoio irrestrito, pelos livros que me deu, por me acompanhar em minhas viagens de estudo.

A minha filha que esteve comigo em cada etapa dessa dissertação.

Aos meus alunos da UMA/UEMS, que me levaram até as HQs de Zidrou.

Aos colegas e amigas do NUPEQ, da ASPAS, das JORNADAS INTERNACIONAIS DE QUADRINHOS, com os quais tive o prazer e o privilégio de aprender sobre quadrinhos e me divertir muito nesta senda tortuosa de pesquisadora.

Aos meus revisores: Angela, Eneas e Deborah, e, de forma muito especial, a meu pai, que demonstrou um olhar atento e generoso, fundamentais para o término deste trabalho.

É, talvez eu seja simplesmente
como um sapato velho.
Mas ainda sirvo se você quiser.
Basta você me calçar,
que eu aqueço o frio dos seus pés.

Roupa Nova, "Sapato Velho"

MARTIM, Marilda Covre Lino Simão. *Representação da pessoa idosa nos quadrinhos de Zidrou: A obsolescência programada de nossos sentimentos e A adoção*. 2025. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2025.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar, à luz da Análise Crítica do Discurso (ACD), no tocante à representação da pessoa idosa nas Histórias em Quadrinhos (HQs) do roteirista belga Zidrou (Benoît Drousie): *A obsolescência programada de nossos sentimentos* com arte e cores da desenhista holandesa Aimée de Jongh e *A adoção*, arte e cores pelo desenhista francês Arno Monin. A investigação articula a perspectiva dialógica da linguagem, conforme desenvolvida pelo Círculo de Bakhtin, à concepção de discurso como prática social, proposta por Fairclough.. A pesquisa, de caráter qualitativo, bibliográfico e exploratório, fundamenta-se em levantamento seletivo de materiais teóricos e empíricos pertinentes à temática do envelhecimento e sua representação nas HQs, com foco em personagens com mais de 60 anos. A análise concentra-se na forma como os discursos construídos nos quadrinhos de Zidrou tematizam a velhice em diferentes registros: desde cenas cotidianas até reflexões subjetivas, inclusive sobre sexualidade, alternando perspectivas melancólicas e otimistas. A análise dos recursos linguísticos e multimodais empregados nas obras *A obsolescência programada de nossos sentimentos* e *A adoção* proporciona, portanto, uma leitura crítica das formas como a linguagem opera na constituição simbólica da velhice, inserindo o trabalho no campo da Linguística aplicada aos estudos do discurso. Por meio de uma linguagem híbrida, as narrativas visuais e textuais revelam-se recursos potentes para a desconstrução de estereótipos e para a promoção de representações mais inclusivas e humanizadas da velhice. Dessa forma, o discurso presente nas HQs configura-se como reflexo das dinâmicas sociais e culturais de seu tempo, oferecendo subsídios relevantes para a análise crítica e para a transformação social.

Palavras-chave: Análise Crítica do Discurso. Histórias em Quadrinhos. Envelhecimento. Identidade. Representação social. Zidrou (Benoît Drousie)

MARTIM, Marilda Covre Lino Simão. Representation of the elderly in Zidrou's comics: A obsolescência programada de nossos sentimentos and A adoção. 2025. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2025.

ABSTRACT

This paper aims to analyze, based on Critical Discourse Analysis (CDA), the colloquies surrounding the representation of older adults in comic books (comic) by Belgian author Zidrou (Benoît Drouis). The research articulates the dialogic perspective of language, as developed by the Bakhtin Circle, with Fairclough's conception of discourse as social practice. This qualitative, bibliographical, and exploratory research is based on a selective survey of theoretical and empirical material relevant to the theme of aging and its representation in comics, focusing on characters over 60 years old. The analysis focuses on how the discourses constructed in Zidrou's comics address old age in different ways: from everyday scenes to subjective reflections, including on sexuality, alternating between melancholic and optimistic perspectives. The comics are examined as multimodal texts, whose reading requires complex interpretative skills and articulation between verbal and visual language. Critical Discourse Analysis highlights how comics function as discursive and social practices that reproduce, contest, or resignify ideologies about aging. In this perspective, the aim is to understand how the meanings attributed to old age interact with historically consolidated stigmas, such as frailty, loss, and illness, and with new ways of experiencing old age, based on autonomy, dignity, and the joy of living. The proposal is to discuss the social production of elderly individuals' identities, in light of Silva's (2008) studies, recognizing old age as an increasingly long, complex, and heterogeneous stage in contemporary society. The results of the analysis indicate that Zidrou's comics contribute to the problematization of traditional discourses on aging, acting as instruments of resistance to ageism and the appreciation of identity diversity. Through a hybrid language, visual and textual narratives prove to be powerful resources for deconstructing stereotypes and promoting more inclusive and humanized representations of old age. Thus, the discourse present in the comics reflects the social and cultural dynamics of their time, offering relevant insights for critical analysis and social transformation.

Keywords: Critical Discourse Analysis. Comic Strips. Aging. Identity. Social Representation

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Impresso De Vosthem “As idades do homem”	15
Figura 2- Quadro de Hasn Baldung “As sete idades da mulher”	16
Figura 3- Quadro de Hasn von Marés “As idades”	16
Figura 4- Quadro de Gustav Klimt “A morte e a vida”	17
Figura 5- Cartum de Cristiano Gomes falta de respeito com idosos no metrô	26
Figura 6- Tira de Will Leite “Dona Anésia”, insulto de ser chamada de “Velha”	28
Figura 7- Cartum de Márcio Lobo sobre ageísmo/idadismo	29
Figura 8- Fotos alunos da UMA/UEMS em festa junina	34
Figura 9- Símbolos antigo e novo para identificação pessoa idosa	37
Figura 10- Pirâmides etárias 1970 a 2022	39
Figura 11- Pirâmides projeção etária 1940, 1980, 2018 e 2060	40
Figura 12- Mapa do Brasil idoso da Turma da Mônica	42
Figura 13- Foto de Vivienne Westwood	46
Figura 14- Fotografias de Machado de Assis e Carolina de Assis	47
Figura 15- Fotografia de Euclides da Cunha, Anna Emília e Dilermando de Assis	48
Figura 16- Imagens de idosos estereotipados veiculados no whatsapp	53
Figura 17- Quadro da HQ <i>A Obsolescência</i> Último dia de trabalho de Ulisses	60
Figura 18- Quadros da HQ <i>A adoção</i> com símbolos gráficos -corações e 3 pontos	62
Figura 19- Quadros da HQ <i>A adoção</i> , com Onomatopeias	63
Figura 20- Quadro da HQ <i>A adoção</i> com linhas cinéticas de movimento	63
Figura 21- Capas das duas <i>Graphic Novels</i> analisadas	75
Figura 22- Quadro da HQ <i>A Obsolescência</i> , Ulisses último dia de trabalho	76
Figura 23- Quadro da HQ <i>A Obsolescência</i> , Ulisses em sua casa, desnordeado	77
Figura 24- Quadro da HQ <i>A Obsolescência</i> , Mediterrânea convida Ulisses para visitá-la	79
Figura 25- Quadro da HQ <i>A Obsolescência</i> , Ulisses e Mediterrânea se olham com ternura	80
Figura 26- Capa da HQ Sr. Agora – de Luciano Cunha	81
Figura 27- Capa da HQ Odilo – de Wagner Diesel	81
Figura 28- Quadro da HQ <i>A Obsolescência</i> , Mãe de Mediterrânea morta no hospital	82
Figura 29- Quadro da HQ <i>A Obsolescência</i> - Mediterrânea “a mais velha dos Solenza”	82
Figura 30- Montagem de quadros da HQ <i>A Obsolescência</i> , com a imagem do Capítulo 1, de Mediterrânea pensativa e depois se olhando no espelho	83
Figura 31- Quadro da HQ <i>A Obsolescência</i> do Capítulo 3, capa da revista masculina <i>Lui</i>	85
Figura 32- Montagem de quadros da HQ <i>A Obsolescência</i> - Ulisses olhando revista com fotos de Mediterrânea nua, e ao lado, ela já idosa, se despindo em frente ao espelho	86
Figura 33- Quadro da HQ <i>A Obsolescência</i> onde Mediterrânea, em frente ao espelho, analisa, sem compaixão, seu corpo envelhecido	88
Figura 34- Campanha publicitária de perfumes com modelos jovens	91
Figura 35- Página da HQ <i>A Obsolescência</i> : Ulisses e Mediterrânea em momento de intimidade sexual	94
Figura 36- Quadro da HQ <i>A Adoção</i> : Alain e Gabriel, distantes, mesmo sentados juntos	96
Figura 37- Quadro da HQ <i>A Adoção</i> : Rysette e Gabriel em brincadeiras íntimas	97
Figura 38- Página da HQ <i>A Adoção</i> Gabriel e a hora do banho de Qinaya	97
Figura 39- Quadros HQ <i>A Adoção</i> Gabriel relembra seus filhos crianças e que lhes preparava um lanche especial	99
Figura 40- Página da HQ <i>A Adoção</i> Gabriel visita o filho na prisão, e lhe prepara um lanche de aniversário de 50 anos	101
Figura 41- Quadro da HQ <i>A Obsolescência</i> Ulisses nu, saindo do banho	103
Figura 42- Quadro da HQ <i>A Adoção</i> - Gabriel nu, saindo do banho	103

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACD – Análise Crítica do Discurso

ACP – (Associação Campo-Grandense de Professores) - Sindicato Campo-Grandense dos Profissionais da Educação Pública

ASPAS - Associação Pesquisadores em Arte Sequencial

CCI - Centros de Convivência do Idoso

CCJ – Comissão de Cidadania e Justiça

CCXP – Comic Com Experience

CF – Constituição Federal

CONTRAN – Conselho Nacional de Trânsito

ECA – Escola de Comunicações e Arte

ECA- Estatuto da Criança e do Adolescente

FNPAS – Fórum Nacional de Pesquisadores em Arte Sequencial

FIQ – Festival Internacional de Quadrinhos

HQs – História(s) em Quadrinhos

HQMIX – Nome da principal premiação brasileira para histórias em quadrinhos, cartuns, charges e artes gráficas em geral.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IA – Inteligência Artificial

OMS – Organização Mundial da Saúde

ONU – Organização das Nações Unidas

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

STF – Supremo Tribunal Federal

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

TV - Televisão

UEMS – Universidade Estadual do Estado de Mato Grosso do Sul

UEPA - Universidade do Estado do Pará

UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

UMA – Universidade da Maturidade

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 ENVELHECIMENTO COMO FENÔMENO SOCIAL E CULTURAL.....	15
1.1 Conceitos de Envelhecimento	18
1.2 Quando se fica velho?	21
1.3 Terminologia dos Envelhecetes: velho, idoso, ancião, terceira idade e o preconceito	25
1.4 A pessoa idosa no Brasil (ou envelhecimento no contexto brasileiro)	37
1.5 A mulher idosa: dupla invisibilidade	46
2 SOBRE A ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO	55
2.1 A linguagem como forma de construção e transformação social	56
2.2 A multimodalidade na construção do discurso nos quadrinhos.....	59
2.2.1 Histórias em Quadrinhos e seu potencial de pesquisa	64
2.3 A Análise Crítica do Discurso e a Teoria de Fairclough	68
3 A CONSTRUÇÃO DA VELHICE NAS OBRAS DE ZIDROU.....	74
3.1 Análise da obra A Obsolescência Programada de Nossos Sentimentos.....	75
3.1.1 A aposentadoria e seu prepara para ela.....	76
3.1.2 A velhice e a insatisfação corporal feminina.....	82
3.1.3 O envelhecimento, a sensualidade e o sexo	91
3.2 Análise da obra A adoção	95
3.3 Comparações e sentidos atribuídos à velhice nas duas <i>Graphic Novels</i>.....	102
CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS.....	107

INTRODUÇÃO

Conforme dados da Organização Mundial da Saúde- OMS, até 2030, uma em cada seis pessoas no mundo terá 60 anos ou mais (OMS, 2024). Essa projeção também se confirma no Brasil, pois o Censo de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE aponta que a população com 60 anos ou mais representou 15,8% do total, com um crescimento de 46,6% em relação ao Censo Demográfico de 2010, quando essa faixa etária correspondia a 10,8% da população. Em contrapartida, a proporção de jovens de 0 a 14 anos diminuiu, revelando envelhecimento populacional acelerado, o que torna o tema especialmente relevante.

Nas últimas décadas, o aumento da longevidade e as mudanças nas formas de envelhecer têm provocado transformações significativas na maneira como a velhice é percebida e representada na sociedade. No entanto, apesar dos avanços legais e sociais voltados à garantia dos direitos fundamentais da pessoa idosa, ainda persistem estigmas e estereótipos que reduzem o avançar em idade a uma fase de decadência física, inatividade ou exclusão.

Por esta razão é crucial pesquisar, analisar e refletir sobre como esse grupo é representado e percebido na sociedade, bem como romper com estigmas historicamente construídos. Apresenta-se urgente ainda, reconhecer que a longevidade, para ser significativa, deve estar intrinsecamente vinculada à qualidade de vida.

Esta premissa, por sua vez, impõe novos desafios seja no tocante à elaboração de políticas públicas eficazes, voltadas tanto para a promoção do envelhecimento saudável quanto para o combate à exclusão social, seja na implementação de ações educativas sobre o processo de envelhecimento e iniciativas que fomentem o contato intergeracional, visando à construção de uma sociedade mais inclusiva e integrada.

Nesse contexto, as Histórias em Quadrinhos (HQs), enquanto meio de comunicação de massa (Luyten, 1987, p. 10), a exemplo da televisão, da internet e da publicidade, podem contribuir significativamente para iniciativas que fomentem o contato intergeracional, visando à construção de uma sociedade mais inclusiva e integrada. Tal potencial decorre do fato de que, nas HQs, os elementos visual e verbal “atuam em constante interação, sendo que cada um desses elementos ocupa um papel especial, reforçando um ao outro e garantindo que a mensagem seja entendida em plenitude” (Vergueiro, 2006, p. 31). Por essa razão, o meio tem se mostrado um espaço fértil para a reflexão sobre questões sociais complexas, de maneira sensível, crítica e acessível, como o processo de envelhecimento.

Além disso, as Histórias em Quadrinhos são designadas por uma variedade de termos, tais como quadrinhos, arte sequencial, nona arte, literatura desenhada, *graphic novel*, comics,

comic book, fumetti, banda desenhada, gibi, mangá, novela gráfica e narrativa gráfica (Chinen, 2020, p. 119), o que evidencia tanto a diversidade de formatos quanto a amplitude cultural desse meio expressivo.

Independentemente da nomenclatura, o fato é que elas podem ser consideradas ferramentas importantes para a comunicação junto às massas, ao combinar texto e imagens sequenciais para a construção de narrativas e fontes de informação, por meio de seus personagens característicos, temas e enredos, contribuindo, dessa forma, para expandir as percepções do leitor, produzindo ideários sobre as muitas possibilidades de se alcançar uma longevidade plena, com a inclusão de diferentes perfis, culturas e modos de ser.

Assim, os aspectos sociointeracionais e intergeracionais de cada texto auxiliam na construção de concepções de valorização, cujo efeito discursivo ideológico poderia ser amplamente explorado por todos os meios de comunicação, de modo que a pessoa idosa possa sentir orgulho de alcançar esta etapa da vida, sendo protagonista de sua própria história.

O tema proposto, “A representação da pessoa idosa nos quadrinhos de Zidrou: *A obsolescência programada de nossos sentimentos e A adoção*”, insere-se na área da Linguística, por meio da abordagem discursiva, ao considerar que os sentidos produzidos sobre os idosos nessas obras são normas sociais que se materializam na linguagem verbal e visual. E, em termos de linguística visual e semiótica, a "linguagem" do desenho fala tanto ou mais que qualquer texto, pois "as pessoas falam também com os gestos" (Cagnin, 1975, p. 110).

Considerando a Análise Crítica do Discurso (ACD), conforme proposta por Norman Fairclough, é possível compreender os textos como práticas sociais que refletem e, ao mesmo tempo moldam estruturas de poder, identidades e ideologias. Neste sentido, pergunta-se: como as *Graphic Novels* analisadas constroem discursivamente a representação da pessoa idosa? E em que medida essas representações contribuem para a ruptura com os estereótipos tradicionais sobre a vida longa, promovendo uma ressignificação no imaginário social contemporâneo?

Desse modo, o estudo das representações das pessoas com mais de 60 anos nas duas HQs não se restringe a uma leitura estética ou narrativa, mas investiga como determinados discursos sobre a velhice e a dignidade da pessoa idosa são legitimados, tensionados ou contestados nos textos. Os Quadrinhos se destacam por apresentar personagens idosas em papéis centrais e por abordar o muito viver não de forma estigmatizante, mas como uma etapa complexa, repleta de afetos, conflitos, memórias, com pessoas ativas e participantes da sociedade, plenas de sua autonomia.

Logo, a análise dos recursos linguísticos e multimodais empregados nas novelas gráficas escolhidas, permitem uma leitura crítica das formas como a linguagem opera na constituição

simbólica da maturidade avançada, permitindo uma reflexão sobre os ideários que cercam essa etapa da vida, cuja duração tem se ampliado significativamente e cujos valores, percepções e representações encontram-se em constante transformação, mas não se tornam, jamais, obsoletos.

Por essa razão, esta pesquisa tem como objetivos específicos: identificar as representações da pessoa idosa e suas posições nas Histórias em Quadrinhos; conceituar o princípio da dignidade da pessoa envelhecendo; e, criticamente, considerar os efeitos de sentido que tais construções discursivas produzem no imaginário social.

1. ENVELHECIMENTO COMO FENÔMENO SOCIAL E CULTURAL

Na Antiguidade, Aristóteles¹ concebia a vida humana como um processo natural estruturado em fases de crescimento, comumente interpretado, pela historiografia moderna como um “arco biológico”, no qual a idade adulta é o ápice, e o idoso entra em progressivo declínio rumo à morte. O conceito perdurou no século 16 e pode ser visto na cena alegórica do holandês De Vosthem: uma construção em degraus onde estão nove homens, representando diferentes fases da vida, identificadas com um animal e a “Morte”, com uma foice, num nicho na parte inferior central da gravura. (British Museum, 2024).

Figura 1: Imagem da obra *As Idades do Homem*, impresso por De Vosthem.



Fonte: British Museum, 2024

No início do século 17, a obra “As Sete Idades da Mulher”, do pintor alemão Hans Baldung Grien, é uma das imagens mais emblemáticas do imaginário renascentista sobre o corpo feminino, o tempo e a mortalidade. Na pintura se observa uma representação da vida feminina, onde cada figura está conectada com a seguinte através dos detalhes da vestimenta e dos acessórios que usam. A obra também reflete a mentalidade da época, 1544, sobre a mulher, em que a juventude era valorizada por sua fertilidade e erotismo; a velhice era frequentemente associada à perda de valor social, beleza e utilidade; e o corpo da mulher era compreendido dentro de uma lógica cíclica de reprodução e decadência. Essa concepção, embora historicamente situada, continua a influenciar representações do corpo feminino em diferentes contextos.

¹ Segundo Aristóteles, a característica mínima de um ser vivo (plantas, animais, homem) é ser capaz de se alimentar, de crescer e de se desenvolver, passando da fase inicial à fase madura e à velhice. Aristóteles, *De anima* II.2, 413b7-9; II.3, 414a32-b1

Figura 2: Imagem do quadro de Hans Baldung. As Sete Idades da Mulher. Início do século 16.



Fonte: Early Modern World, 2024

A forma de retratar as fases da vida humana, especialmente no que se refere ao envelhecimento, variou significativamente ao longo da história, embora sempre houvesse uma visão predominante da velhice como um período de decadência física e mental. Nessa perspectiva, a pessoa idosa lembra a obra de Hans von Marées, onde as idades são representadas por seis pessoas, uma mulher, três homens e duas crianças. Ela retoma o tema clássico das “idades do homem”, mas com uma abordagem simbólica, poética e introspectiva, típica do artista. A pintura mostra que juventude, maturidade e velhice coexistem como dimensões da experiência humana. As figuras estão próximas, integradas pelo mesmo espaço pictórico, reforçando a continuidade do tempo.

Figura 3: Quadro do pintor alemão Hans von Marées. As Idades, 1877



Fonte: Web Gallery, 2024

Ao contrário de artistas que dramatizam a velhice, Marées usa uma abordagem serena e contemplativa, apresentando a velhice sem negatividade, como parte natural da vida. “O idoso não está na mesma altura dos adultos, nem a um passo da sepultura, mas curva-se junto das crianças como que a fechar um ciclo.” (Tendimag, 2016). Cada figura não é caricatura, mas

encarnação de um momento da existência humana, com seu valor próprio, pois “Nenhuma fase da vida tem o monopólio da importância ou da felicidade. Mas as “condições de felicidade” são distintas. (Erving Goffman *apud* Tendimag, 2016)

Segundo Ariès (1981), o homem de épocas passadas vivia em contextos de alta mortalidade, sendo que poucos vivenciavam todas as fases da existência humana, de forma que a vida era compreendida como um processo contínuo e cíclico. Essa concepção de continuidade não se baseava na experiência individual concreta, mas sim em uma ordem abstrata e universal.

É interessante notar como a arte de Gustav Klimt representa esses conceitos, não como etapas distintas, mas aglomerando as idades da vida num único bloco humano exposto à Morte, mas que não se isolam nem se alinham, podendo refletir a multiplicidade e a continuidade da existência.

Figura 4: Quadro de Gustav Klimt. A morte e a vida.



Fonte: Klimt, Gustav, Lopold Museum Viena, 2024

A vida, com suas várias idades, representa a diversidade humana e a união, com figuras que parecem conectadas pelo amor, cuidado e pela continuidade das gerações. Já a Morte, observa a cena ao lado, simbolizando a inevitabilidade da finitude. (Carvalho, 2022). Com ricos detalhes ornamentais, cores vibrantes e forte carga simbólica, “A Morte e a Vida” foi pintada em 1915, no período da Primeira Guerra Mundial, num contexto marcado por grande sofrimento que certamente promoveu a reflexão sobre a vida, a morte e o destino da humanidade.

Assim, a construção da identidade individual decorre dos processos de socialização, sendo influenciada pelas representações sociais que emergem das interações, da circulação informacional, das dinâmicas coletivas, dos discursos sociais vigentes e do posicionamento do sujeito em relação a si e ao outro. Essas representações são historicamente situadas, podendo transformar-se ou desaparecer, o que exige a consideração do contexto em que são produzidas para que sejam plenamente compreendidas (Jodelet, 2005).

Nessa mesma linha de raciocínio, Simone Beauvoir (2024) e Guita Debert (2003) asseveram que a velhice não se restringe a uma mera condição biológica, um fenômeno dissociado da linearidade do tempo cronológico ou das alterações físico-psicológicas inerentes ao ciclo vital humano.

Pelo contrário, ela se configura como uma construção social multifacetada, moldada pelas interações históricas, culturais e econômicas que determinam a posição do indivíduo idoso na estrutura da sociedade, refutando-se, assim, a concepção de uma velhice como categoria puramente natural, como assevera Mary Del Priore (2025) que a velhice, o ser velho varia no tempo e no espaço, pois cada época e cada cultura tem uma forma diferente de ver, compreender e tratar as pessoas idosas. E arremata com uma positividade contagiante: envelhecer “é a única maneira de continuar vivo”.

1.1 Conceitos de Envelhecimento

A pessoa idosa é aquela que adentrou na etapa da vida chamada de velhice, definida pela Organização Mundial de Saúde - OMS como aquela que possui 65 anos ou mais nos países desenvolvidos e 60 anos ou mais nos países em desenvolvimento, como por exemplo, o Brasil. Para Diniz (1998, apud Vieira, Nascentes, 2024), o idoso é aquele que ingressou na velhice e que já apresenta declínio nas funções físicas, emocionais e intelectuais, o mesmo ocorrendo sob o ponto de vista biológico. Já para Featherstone (1998), a velhice tem início no período da fecundação (no útero) e termina com a morte.

Gonçalves explica que para alguns cientistas as “fases” da vida sofrem subdivisões: a) a fase da infância é dividida em 3 etapas: Primeira infância: do nascimento aos 3 anos de idade; Segunda infância: dos 3 aos 6 anos e Terceira infância: dos 6 aos 11 anos; b) fase da adolescência segmentada também em três partes: Pré-adolescência ou adolescência menor: dos 11 aos 14 anos de idade; Adolescência média: dos 14 aos 17 anos; Adolescência maior ou juventude: dos 17 aos 20 anos; c) a fase adulta dividida em 2 etapas: Adulto jovem: dos 21 aos 40 anos de idade; Meia idade: dos 40 aos 65 anos; d) e a velhice, igualmente em duas fases: Idoso jovem: dos 65 aos 75 anos de idade; Idoso mais velho: acima dos 75 anos. (Gonçalves, 2016.p. 79).

Com a ideia, frequentemente difundida nas mídias sociais, de que os “50” são os novos “40”, observa-se certo consenso no senso comum de que a meia-idade compreende indivíduos entre 54 e 59 anos. A partir daí, considera-se idosos aqueles entre 60 e 74 anos; anciãos, os que têm entre 75 e 90 anos; e, por fim, fala-se em velhice extrema para pessoas com mais de 90 anos. Esse entendimento pode ser decorrente das pessoas viverem mais e com mais saúde do

que nas décadas passadas, de forma que a fase tradicionalmente chamada de "velhice" se estende por muito mais tempo, exigindo subdivisões para descrever melhor as diferentes realidades dentro desse período.

Vinculado ao tema da velhice, estão os termos “senescência” e “senilidade”, que se manifestam de maneira distinta, sendo, no entanto, carregados de sentidos e concepções particulares e, não raramente, depreciativos (Argimon et al., 2011), razão pela qual, torna-se pertinente destacar as diferenças entre eles, que, embora se relacionem ao envelhecimento, apresentam impactos distintos sobre a saúde. Segundo Borges (s.d.), a senilidade está associada a condições patológicas, enquanto a senescência refere-se às alterações naturais do processo de envelhecimento.

A senescência abrange as alterações fisiológicas, ou seja, naturais, que ocorrem no curso do envelhecimento. Não configuram doenças. Podemos citar o embranquecimento dos cabelos, o aparecimento de rugas e a perda da flexibilidade da pele, a redução da estatura, a redução da proporção de água corporal e da massa muscular etc.

A Senilidade é o processo de envelhecimento associado a diversas alterações decorrentes de doenças crônicas, como hipertensão arterial, diabetes, doenças cardíacas, pulmonares, renais e neurológicas, bem como hábitos inadequados adquiridos ao longo da vida. A senilidade pode levar à incapacidade funcional em graus variados, insuficiência de órgãos e perda da qualidade de vida. (Borges, s.d.).

A velhice não deve ser compreendida como equivalente ao adoecimento, assim como a morte precisa ser entendida como um acontecimento natural e inevitável do ciclo vital. Nesse contexto, o controle adequado das enfermidades e limitações, aliado à prevenção de complicações, pode possibilitar à pessoa idosa um processo de envelhecimento satisfatório, marcado pela preservação da qualidade de vida e pela vivência do fim da vida com conforto, respeito e dignidade.

Todos os que tiverem a oportunidade de uma vida longa irão envelhecer. Esse é um processo normal e universal de desenvolvimento que atinge a todos os seres humanos, num ato contínuo de transformação. Desse modo, é necessário refletir sobre como nos relacionamos com a vida prolongada e uns com os outros. É certo que muitos desafios e tarefas exigirão mudanças pessoais e familiares, que dependerão dos recursos, das estratégias de resolução de conflitos, da comunicação, do afeto e da proximidade adquiridos ao longo das etapas anteriores. Também é importante considerar a competência e a flexibilidade de cada indivíduo para aceitar perdas e administrar novas demandas. (Walsh, 1988, apud Coelho, Diniz, 2005, p. 179).

Na área da Gerontologia e Ciências Sociais alguns adotam a abordagem biologista/comportamental que tende a homogeneizar a velhice e focar apenas na decrepitude física, envolvendo mudanças em diversas áreas da vida de uma pessoa: a) mudanças biológicas, com

alterações em células, tecidos e órgãos, levando a declínios na função física e capacidade de adaptação; b) mudanças psicológicas, que inclui alterações na cognição, memória e outras funções mentais, bem como mudanças na personalidade e bem-estar emocional; c) mudanças sociais, referentes às alterações nos papéis sociais, relações interpessoais e interação com a sociedade. (Paul, 1991)

Segundo o Instituto Norberto Bobbio (2024), Norberto Bobbio foi um dos grandes pensadores italianos do século XX, destacando-se como renomado filósofo, jurista e cientista político, tendo vivido até os 95 anos de idade.² Para o autor (Bobbio, 1997), a velhice é apenas uma, a última, das várias etapas da vida (infância, adolescência, idade adulta e velhice), de forma que o envelhecimento deve ser compreendido como um processo natural e multifacetado, que envolve aspectos físicos, emocionais e sociais, marcados tanto por perdas quanto por ganhos, tanto no plano individual quanto coletivo. E, neste mesmo sentido é o conteúdo do “Glossário Antidiscriminatório” do Ministério Público do Estado de Minas Gerais, no verbete velhice:

Diz-se que a velhice é o estado decorrente do processo de envelhecimento. Embora para fins legais a velhice, enquanto estado, obedeça ao critério cronológico definido pelo Estatuto da Pessoa Idosa (pessoas com idade igual ou superior a sessenta anos), especialistas apontam que não é possível homogeneizar a velhice porque ela depende da construção social que o indivíduo fez de si próprio e na qual ele está inserido. Portanto, podemos dizer que a compreensão da velhice, para além do critério universal cronológico de etapa da vida biológica, passa pelas respostas físicas e psicológicas dadas por cada indivíduo em seu contexto social. Por isso é muito importante que as relações com as pessoas idosas levem em conta a compreensão que elas têm de si próprias, antes de qualquer juízo prévio e estereotipado de sua condição no mundo. (Glossário, 2022, p. 38)

Assim, continuamos a nascer, crescer, envelhecer e morrer, porém, mudou a experiência e a representação do percurso da vida, seja pelo avanço da tecnologia, da medicina, da gerontologia, das políticas públicas, sendo que na sociedade atual muitos são os que chegam à velhice, ultrapassando os 80, 90 e continuam senhores de sua autonomia.

A lista é enorme, mas para nos atermos apenas a alguns exemplos pesquisados na Wikipédia (2025): Charles Aznavour, aos 92 anos e idade, veio ao Brasil em março de 2017 para uma série de shows em São Paulo e no Rio de Janeiro. A soprano Kathleen Battle, quando tinha 60 anos, se apresentou no Teatro Municipal do Rio de Janeiro em maio de 2008, e aos 75 anos, em maio de 2024, realizou um recital no Metropolitan Opera, em Nova York. Também aos 75 anos, Djavan se apresentou em Campo Grande-MS, em 27 de abril de 2024. Vale ressaltar ainda, a cantora Alaíde Costa, com sua carreira de 70 anos dedicados à MPB, e que aos 89 anos, lançou em 9 de maio de 2025 o álbum “Uma Estrela para Dalva”.

² Nasceu em Piemonte, na Itália, no dia 18 de outubro de 1909 e faleceu em 9 de janeiro de 2004.

Saindo dos cantores, partindo para os atores, podemos citar Antony Tornado, 92 anos, e Laura Cardoso, 98 anos, que continuam atuando. Noutras vertentes artísticas, temos o maestro brasileiro Isaac Karabtchevsky, que celebrou seu 90º aniversário com um concerto gratuito e histórico na Cinelândia, no Rio de Janeiro, em 27 de dezembro de 2024; a escritora de livros infantis Ruth Rocha, 94 anos, ainda em atividade, que divulgou em sua página no Instagram (@ruthrochaoficial) em 21 de maio de 2024 a renovação de seu contrato com a editora Salamandra por mais 15 anos; o escritor e quadrinista Alan Moore, 71anos, frequentemente considerado o mais influente autor da história dos quadrinhos, e que revolucionou o meio com narrativas complexas, maduras e filosóficas.

É oportuno destacar ainda, os pesquisadores de quadrinhos da USP, Waldomiro Vergueiro, Roberto Elísio dos Santos e Sonia Luyten, como exemplos de idosos contemporâneos que, mesmo aposentados, permanecem em plena atividade acadêmica. Eles organizam e participam de eventos, produzem livros e artigos e orientam dissertações e teses. Contribuem de forma significativa para a sociedade e para o avanço do conhecimento, especialmente na consolidação e institucionalização dos estudos de Histórias em Quadrinhos no Brasil.

O fato é que o envelhecimento é um processo natural e complexo, com impactos na saúde física, mental, social, política e econômica, cujas mudanças na percepção da idade vão sendo adaptadas ao longo das décadas, já que efetivamente cada época, povo e cultura, tem a sua forma peculiar de concebê-lo e caracterizá-lo, tratando-se efetivamente de uma construção social. Daí a dizer que o envelhecimento é vivenciado individualmente

1.1. Quando se fica velho?

A relação anotada de personalidades que ultrapassaram os 60 anos, revela que a indagação sobre quando se fica velho não está vinculada à questão etária, à idade cronológica de cada pessoa. Quando se fica velho? não é um questionamento recente. No início do século 20, Vilfredo Pareto (Tendimag, 2016), perguntava quando começa a riqueza e quando chega a velhice. Ou seja, a partir de que valor uma pessoa se torna rica e a partir de que idade uma pessoa passa a ser velha.

Oswaldo Montenegro também questionou “que dia a gente fica velho?”, narrando o texto "Se puder, envelheça”, cuja resposta traz um certo impacto, pois ainda se vê, se sente um garoto, e constata que envelheceu “de repente”:

A pergunta é, **que dia a gente fica velho?** Não vem dizer que ‘aos poucos’, colega, faz 5 minutos que eu tinha 17 anos e fui-me embora de Brasília, pra mim meu primeiro show foi ontem, e hoje eu tô na fila preferencial pra embarcar no avião. Tem um garoto

dentro de mim que não foi avisado de que o tempo passou e tá louco pra ter um filho, e eu já tenho netos. **Aconteceu de repente**, o personagem do Kafka acordou incerto, eu acordei idoso... (Montenegro, 2021, 00:00 - 00:35) (grifo nosso)

Esse entendimento não é único e pessoal. No livro “Velhos são os outros” (2018) a Juíza Andréa Pacha narra o que Dona Maria, aos 92 anos, lhe disse: “... **a gente fica velho de uma hora para outra. Nem percebe ...** envelhecer de repente é como ganhar na loteria.” (p. 58). E ousou concordar com ela. (grifo nosso)

A percepção sobre a idade e suas responsabilidades, muda ao longo da história. As noções de infância, juventude e velhice são produtos históricos, resultantes de transformações culturais que redefiniram as etapas da vida e suas respectivas funções sociais, com a construção de “novos” sujeitos.

É o que ocorreu com a infância, que só começou a ser reconhecida como uma fase distinta a partir do século 13. Antes desse período, na França medieval, crianças participavam da vida adulta assim que tinham força física. Com o tempo, especialmente na modernidade, consolidou-se a separação entre infância, enquanto dependência, e idade adulta, significando independência e maturidade. (Debert, 2020, p. 44).

Os estudos do historiador francês Philippe Ariès especialmente na obra “História Social da Criança e da Família” (Ariès, 1981), busca evidenciar, a partir do contexto medieval, o processo histórico de conceber a categoria “infância” e, posteriormente, a emergência social de novos sujeitos situados no período pós-infância, como aqueles associados à juventude.

Esse movimento revela uma forma de vida em que a idade cronológica possuía pouca relevância e que foi gradualmente substituída por outra em que a idade se constitui como uma categoria socialmente construída e estruturante das relações humanas, orientando valores, comportamentos (aceitáveis ou não), e produzindo estigmas e preconceitos. Processos que, conforme Bourdieu (2011), refletem os mecanismos de classificação e diferenciação simbólica característicos das sociedades modernas.

Tanto é assim, que Vieira e Nascentes (2024) apontam que em 1930, definiam-se como pessoas idosas aquelas que possuíam mais de 50 anos; já em 1945, o demógrafo Alfred Sauvy atribuía tal vocábulo àqueles com mais de 60 anos; e em 1978, na obra “A França enrugada”, o termo “idoso” é destinado àqueles com mais de 75 anos.

Essa variedade também é observada ainda hoje. Basta olharmos ao nosso redor e encontraremos pessoas em pleno vigor físico e mental aos 90 anos e outras em situações de maior vulnerabilidade aos 50, de forma que o conceito de envelhecimento, como ensina Duarte (1999, p. 41) não é definido apenas pela idade cronológica e, portanto, podemos concordar

como a cantora Paula Toller (2020): **"Idade eu tenho, mas não uso. Não serve para determinar o que faço ou deixo de fazer."** (grifo nosso).

Os dados levantados, pela antropóloga e cientista social Guita Grin Debert (2020), por meio de pesquisas e observação de comportamentos, permitiram concluir que “a idade cronológica não é um marcador importante na vida das pessoas entrevistadas” (p. 29), pois, para as mulheres “a velhice não tinha relação com a idade, mas com a perda de autonomia” (p. 26), enquanto para os homens “não era a dependência, mas a perda da lucidez que aparecia com um índice irrefutável da velhice” (p. 28).

O fato é que o próprio conceito do termo “idoso” não é apenas uma designação cronológica, mas reflete os valores e a cultura de cada época, sendo, portanto, historicamente produzidos. Ele evidencia a natureza dinâmica e ideológica dos sentidos produzidos pela linguagem, de modo que falar sobre o envelhecimento é, inevitavelmente, falar dos discursos que o constroem, discursos que ora reforçam estereótipos de fragilidade e dependência, ora promovem imagens de vitalidade e autonomia.

Deflui-se, portanto que não há uma idade específica a partir da qual alguém se torne, de fato, “velho”. Assim, a data de nascimento não deveria ser o principal critério utilizado para situar uma pessoa nesta categoria etária, vez que fatores para além do cronológico, como biológico, psicológico, sociológico e cultural, podem revelar-se ainda mais determinantes na caracterização do “idoso”.

Nesse sentido, fatores internos, como a herança genética, e externos, relacionados ao estilo de vida, pelas condições ambientais e ao estado de saúde de cada um, bem como as experiências profissionais, familiares e sociais que exercem influência significativa sobre o processo de envelhecimento é que definem o que é ser idoso. É certo ainda, que ao envelhecermos trazemos conosco a criança, o adolescente e o adulto que fomos, sujeitos que somam e que se integram na construção da pessoa que somos hoje.

Na esteira do que afirma Mendes (2010) elas nunca são abandonadas em um lugar ou tempo do passado, mas permanecem vivas e presentes nas novas aprendizagens e nos conflitos vivenciados pelos indivíduos que se encontram em processo de envelhecimento. Poeticamente Colasanti (1994) expressa a coexistência de diferentes idades no sujeito que envelhece:

“Pensei entrar na velhice por inteiro
como um barco ou um cavalo
Mas me surpreendo jovem, velha e madura
ao mesmo tempo.”
(Colasanti, Marina, 1994)

Aquele que tem essa compreensão, será eternamente um aprendiz, e poderá reencontrar-se consigo, com seus medos, com seus anseios, bem como com sua esperança de “ser” enquanto viver (Mendes, 2011, p. 157). Ao adotar essa posição, fica mais fácil compreender que os grupos sociais são dinâmicos e que estão em constante transformação, seja em virtude de processos demográficos e sociais (nascimento, casamento, morte, econômicos e culturais), o que afeta os aspectos pessoais, interpessoais, significando que “a história de cada um afeta e é afetada pela história de todos” (Bruschini; Ridenti, 1994, p. 31).

Independentemente da idade, as necessidades psicológicas e sociais permanecem, de forma que as pessoas em processo de envelhecimento continuam a almejar a manutenção de vínculos afetivos e relações sociais. (Siqueira, 2002, p. 49). Um exemplo literário que ilustra essa necessidade de conexão humana é relatado por Herman Hesse ao descrever o reencontro com um amigo dos tempos de colégio, que hospedou em sua casa, em 1952, quando então estava com 75 anos de idade:

O reencontro foi uma festa (...) sua presença era como uma volta aos tempos de infância e juventude na terra natal. Ao nos olharmos (...) cada um viu no outro o ontem por detrás de hoje. (...) Sob as inúmeras camadas de tempo sobrepostas, cada um reconheceu no outro o colega de 14 anos. Na despedida, sorrímos um para o outro, sem, no entanto, dizer uma só palavra sobre o que ambos pensavam: ‘esta talvez tenha sido a última vez. (Hesse, 2018, 117-121).

O episódio evidencia como as relações interpessoais constituem uma dimensão essencial da identidade, permitindo que o passado se atualize no presente, reafirmando a continuidade do sujeito ao longo do tempo. Para que haja a manutenção desses vínculos, bem como da saúde mental dos cidadãos, cabe ao Estado compreender a estrutura da sociedade e possibilitar a identificação de tendências demográficas, como o envelhecimento ou o aumento da população jovem e, com base nessas informações, direcionar políticas públicas e ações sociais de forma mais eficiente, atendendo às necessidades específicas de cada grupo etário, evitando o reforço das desigualdades.

Por esta razão é que as estatísticas do IBGE são agrupadas por segmentos específicos da população a partir dos grupos geracionais (crianças, adolescentes, jovens, idosos), étnico raciais (indígenas, quilombolas, entre outros) ou regionais.

A faixa etária é considerada como um intervalo de idades que agrupa pessoas com características ou necessidades similares, e estão definidas legalmente: criança de 0 a 12 anos e adolescentes dos 13 aos 18 anos (Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA- Lei 8.069/1990, art. 2º); jovem adulto entre 18 e 29 anos (Estatuto da Juventude Lei 1.852/2013, §1º, art. 1º); já a idade do adulto, dos 30 aos 59 anos é determinada pela ausência de lei,

enquanto a pessoa idosa é aquela com 60 anos ou mais nos termos do Estatuto da Pessoa Idosa (Lei 10.474/2003, art. 1º). Tais divisões não são absolutas, podendo variar dependendo de contextos, como saúde, educação, etc.

Essas informações permitem o reconhecimento por parte do Estado de que os grupos etários têm necessidades próprias, e justamente por isso devem ser alvo de políticas públicas específicas, objetivando a eficácia do dever Constitucional de promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação (Art. 3º, IV, de IV).

A concepção de que o envelhecimento ocorre de forma segmentada em etapas ainda é predominante em diferentes discursos sociais e científicos. Ao classificar as pessoas em categorias como “crianças”, “adolescentes”, “adultos” e “idosos”, ou ao evocar noções como a “crise da meia-idade”, constroem-se rótulos que nem sempre correspondem às experiências corporais e sociais efetivamente vivenciadas pelas pessoas. Tais classificações operam, sobretudo, como formas de representação dos diferentes momentos da vida, orientando modos de pensar e compreender seu caráter contínuo, ao atribuir significados e valores específicos a cada fase etária.

Nesse contexto, a idade cronológica assume papel central como um marcador socialmente instituído, sobretudo em função de exigências legais que regulam direitos e deveres dos cidadãos. Essa centralidade não decorre, necessariamente, de um consenso científico que delimite de forma rígida as etapas do envelhecimento, mas de convenções normativas que organizam a vida social. Tal aspecto torna-se particularmente relevante quando se considera que a velhice tem se configurado, nas sociedades contemporâneas, como uma das fases mais longas da vida.

1.3 Terminologia dos Envelhecetes: velho, idoso, ancião, terceira idade e o preconceito

Envelhecete diz respeito ao processo de envelhecimento, que é natural, gradual, e complexo, envolvendo alterações celulares, orgânicas e sociais, com impactos na aparência e comportamento. As mudanças, sejam físicas, mentais ou sociais, ocorrem ao longo de toda a vida, continuando até a velhice, caracterizada como a última fase desse processo.

Assim, velho, idoso, ancião, terceira idade, melhor idade, são muitos dos nomes para quem já tem várias décadas de vida. Mario Prata (2019), de forma mais poética entende a envelhecência como sendo uma preparação para entrar na velhice, entre os 50 e 70 anos, assim como a adolescência é uma preparação para a idade adulta.

A velhice, à luz dos princípios da multidimensionalidade e da multidirecionalidade do desenvolvimento, configura-se como uma experiência heterogênea, resultante da interação entre múltiplas variáveis de natureza biológica, psicológica, social e cultural (Neri, 1995, p. 26). Essa compreensão do envelhecimento encontra ressonância na escrita sensível de Hermann Hesse, cuja obra expressa, de modo poético, as ambivalências e potencialidades da velhice.

“Assim como é bela a juventude, a época de efervescência e das lutas, a velhice e a maturidade também possuem seus encantos e alegrias. (...) As pessoas (ao envelhecer) vão pouco a pouco deixando de cometer algumas tolices; conquistando a fama e a honestidade, começam a olhar para trás, encarando as próprias vidas com imparcialidade. Aprendem a esperar, a calar e a ouvir. (...) [Um dos benefícios] é a camada protetora, feita de esquecimento, cansaço e afeição, que se cria entre nós e nossos problemas e nossas mágoas. (...) A velhice nos faz desprezar muita coisa.” (Hesse, 2018, p. 26 e 60).

O trecho evidencia a visão do autor acerca da velhice não como um período de declínio, mas como uma fase em que se alcança uma forma de sabedoria, emergente da aceitação das perdas e da valorização das conquistas acumuladas ao longo da vida. Essa representação literária reforça a compreensão do envelhecimento como um processo de aprendizagem e reorganização subjetiva, no qual se constroem novas formas de relação consigo mesmo, com o tempo e com a experiência vivida.

Nesta esteira, a Constituição Federal Brasileira (CFB) estabeleceu os fundamentos necessários para a construção de uma política pública inclusiva. Contudo, para que os direitos das pessoas idosas se tornem efetivos (produzam resultado prático), é necessário que sejam compreendidos não apenas como obrigações legais, mas como um imperativo ético e social, exigindo respostas articuladas nas esferas jurídica, política e social.

A distância entre o arcabouço normativo e a realidade vivida pelos idosos evidencia a urgência de ações concretas que promovam uma velhice digna, participativa e que conscientize a sociedade do valor e do respeito devido a essas pessoas.

Figura 5: Cartum sobre falta de respeito no transporte público, metrô



Fonte: Gomes, 2008

As pessoas que envelhecem passam por diversas transformações ao longo do tempo e, conforme analisa Peixoto (1998, p. 68), essas mudanças podem ser observadas, por exemplo, na própria terminologia utilizada para designar essa etapa da vida, razão pela qual se faz necessário refletir sobre o conceito que o idoso faz de si mesmo, atentando aos sentidos sociais e simbólicos que permeiam a velhice, ou ainda, aquelas denominações que surgem decorrentes de outros fatores sociopolíticos.

Considerando que o conceito de velhice está relacionado às formas como as sociedades o constroem simbolicamente, a análise dos significados atribuídos aos termos nos dicionários revela a presença de valores predominantemente negativos associados a essa fase da vida, como fragilidade, enfermidade e inutilidade.

O termo “velho” no Dicionário Online de Português, por exemplo, é definido como relacionado a pessoas de idade avançada, com significados que se ampliam conforme o contexto social e cultural: gasto pelo uso, ultrapassado, antiquado, desatualizado, obsoleto (Ribeiro, 2012). De modo semelhante, o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (Ferreira, 1999, p. 2054) apresenta definições para “velhice” como “estado ou condição de velho; idade avançada; antiguidade, vetustez; as pessoas velhas; e rabugice ou disparate próprio de velho”. E, o Dicionário Michaelis (online), traz exemplos dos usos dos significados:

sm

1 Homem que tem muita idade; ancião, idoso: Meu avô é um velho sábio.

adj

1 Que atingiu a ancianidade; de idade avançada; idoso, vetusto.

2 Que existe há muito tempo; que já tem muitos anos: Mora numa casa velha, com cerca de 100 anos.

3 Que se conhece há muito tempo: Ele é um velho amigo dos tempos da escola.

4 Que data de épocas remotas: É uma comunidade que preserva velhos costumes.

5 Que exerce há muito uma profissão: Contratou um velho e experiente advogado.

6 Que está gasto pelo uso: Este vestido está muito velho para você ir à festa com ele.

7 Que está fora de moda, antiquado, obsoleto, ultrapassado: Sua fala é formal e cheia de expressões velhas.

A procura por sinônimos da palavra “velho” no Google, resultou como primeiro resultado o quadro “Palavras semelhantes e opostas”, cuja fonte é Oxford Languages com uma lista que atordoia qualquer pesquisador: gasto, acabado, batido, puído, surrado, usado, despesa, antigo, antiquado arcaico, bolorento, borocoxô, broco, caduco, carcomido, decrépito, embolorado, o que contribui para uma associação predominantemente negativa do vocábulo. Evidente que ninguém quer ser velho ao se deparar com estas expressões. Em contrapartida, como palavras opostas figuram moço, conservado, novo, recente, atual, contemporâneo, corrente, hodierno, moderno, novato, recém-chegado, principiante etc. (Oxford Languages, s.d.)

Nesse contexto, o uso do termo “velha” muitas vezes é associado a um insulto, como destacou Will Leite na tira de Dona Anésia, evidenciando o preconceito implícito que envolve essa expressão.

Figura 6: Tira de Dona Anésia que se sente insultada ao ser chamada de velha.



Fonte: Will Leite, 2016

Os sinônimos de “velho” se constituem um verdadeiro ageísmo, também conhecido como idadismo ou etarismo, que é definido por Moragas (2022) como “o preconceito e a discriminação em razão da idade de uma pessoa”. Segundo o autor, o termo é oriundo da Língua Inglesa, *ageism*, cunhado em 1969 por Robert Neil Butler, médico e gerontologista.

O ageísmo, está enraizado em nossa cultura, sendo mais frequente do que imaginamos. Júnior e Queiroz (2024) pontuam como a prática discriminatória que se manifesta frequentemente por meio de estereótipos negativos associados ao envelhecete, exclusão social e invisibilidade, especialmente em relação às mulheres. Nesse sentido, cabe registrar o trabalho da Dra. Sandra Regina Gomes, que é a idealizadora e coordenadora geral do “Glossário Coletivo de Enfrentamento ao Idadismo” que funciona como uma ferramenta educativa para sensibilizar a sociedade, utilizada para combater a discriminação às pessoas idosas.

Para tanto, foram ouvidas pessoas nas cinco regiões do Brasil e questionas em como se sentem ao serem alvo de frases ou comportamentos idadistas, ou como superaram e como enfrentam estas questões. Reuniu-se também palavras, expressões, frases e depoimentos que expressam o idadismo contra a pessoa idosa. (Gomes,2022). Eis algumas frases:

Bonitona para a sua idade” Se usada de modo pejorativo, significa surpresa pela boa aparência da mulher idosa.

Como você faz para parecer tão jovem?” Demonstra surpresa com a aparência da pessoa idosa, quando não corresponde à expectativa.

Conservada” Quando a aparência da pessoa idosa é mais jovem do que sua idade cronológica.

Deixa o vovô quieto, ele já está velho” Muitos acreditam que a pessoa idosa precisa estar sempre descansando, quieta no seu canto. Supõem que, nessa altura da vida, o vovô ou a vovó não gostam ou não precisam mais interagir com outras pessoas. O preconceito de gerações dentro dos lares acaba por destruir ainda mais a autoestima da pessoa idosa. Os netos, às vezes, reproduzem o comportamento e as relações cotidianas da família.

Está fazendo hora extra” Expressa que a pessoa idosa já passou da hora de morrer, ou está velho demais. Também deixa subentendido que os velhos podem ser negligenciados nos tratamentos de saúde por não fazerem parte mais do processo produtivo. (Gomes,2022)

Figura 7: Cartum sobre fala preconceituosa - ageísmo



Fonte: Gomes,2022, p.18

Na luta contra o preconceito, Horvath Júnior e Queiroz (2024) citam o Relatório Mundial sobre o Idadismo, de 2021, da Organização Mundial da Saúde, que recomenda três eixos estratégicos: formulação de leis e políticas antidiscriminatórias, promoção de ações educativas sobre o envelhecimento e estímulo ao contato intergeracional.

O provérbio popular “a boca fala do que está cheio o coração”, de origem bíblica (Mateus 12:34), evidencia a relação intrínseca entre linguagem e interioridade, demonstrando que aquilo que é verbalizado reflete valores, crenças e representações sociais. Nesse sentido, a linguagem pode tanto expressar respeito quanto reproduzir formas sutis ou explícitas de discriminação, inclusive em relação às pessoas idosas.

Assim, o uso consciente da linguagem torna-se fundamental para a promoção de uma sociedade mais inclusiva, equitativa e respeitosa. Com base nos conceitos discutidos, o próximo capítulo será dedicado à aplicação da Análise Crítica do Discurso. O *corpus* selecionado consiste nas Histórias em Quadrinhos de Zidrou que serão analisadas com o objetivo de identificar os sentidos construídos discursivamente em torno do envelhecimento. Esse tipo de estereótipo é recorrente em diferentes mídias, como livros, cinema, HQs e novelas.

Em razão das conotações pejorativas atribuídas ao termo “velho”, embora seja tecnicamente correto para designar indivíduos com 60 anos ou mais, é compreensível que ele seja cada vez menos utilizado no discurso cotidiano. Em seu lugar, surgem várias denominações consideradas mais respeitosas ou neutras, como pessoa idosa, utilizada em documentos legais; sênior, utilizado no ambiente comercial/trabalho para o profissional maduro, com vasta experiência; senescente, um termo formal e técnico, constantemente utilizado em contextos

biológicos ou médicos, mas em linguagem comum também se refere a alguém que está em idade avançada).

A chamada “geração prateada” refere-se às pessoas com mais de 60 anos de idade. O nome faz referência à cor grisalha do cabelo, comum entre indivíduos dessa faixa etária. O perfil da chamada geração prateada tem mostrado hábitos de consumo e estilo de vida mais modernos, principalmente relacionados ao constante uso das mídias sociais. Diante disso, uma das principais características dessa geração está relacionada ao intenso uso da tecnologia. (Chérolet, 2023).

A denominação “ancião” deriva do latim e significa “que tem idade avançada (especialmente de pessoa); velho, respeitável e venerável” (Oxford Languages, s.d.). O termo apresenta também dimensões sociais, sendo frequentemente utilizado para designar indivíduos respeitáveis, cuja experiência e maturidade podem conduzir à chamada velhice espiritualizada, caracterizada pelo acúmulo de sabedoria.

Nesse sentido, para o Rabino Zalman (apud Gross, 2022, p. 111), os anciãos vivenciam um processo de desenvolvimento consciente e intencional, adquirindo uma sabedoria que lhes permite orientar suas famílias e comunidades, fruto de experiências por vezes dolorosas, assimiladas ao longo da vida. Na mesma linha o Papa João Paulo II (1999), na Carta aos anciãos de Roma, escreveu que os anciãos são os “guardiões da memória coletiva, intérpretes privilegiados do conjunto de ideais e valores humanos que mantêm e guiam a convivência social. Excluí-los é como rejeitar o passado, em nome de uma modernidade sem memória”. Depreende-se, daí, a relação dos velhos e/ou anciãos com o fato de serem eles “transmissores qualificados dos tempos idos e, com isso, terem como formar seu pensamento na base das experiências já vividas no passado.” (Gross,2022)

Portanto, as mudanças vivenciadas pelas pessoas ao tomar consciência do próprio envelhecimento podem assumir um caráter positivo, contribuindo para o seu desenvolvimento subjetivo, ou, em contrapartida, interferir negativamente no processo de construção identitária. Segundo Duran e Magalhães (2012) “A identidade permite que o indivíduo se perceba como sujeito único, tomando posse de sua realidade e, portanto, a consciência de si mesmo. Ela é consolidada a partir de uma percepção que se faz do “eu” e do “outro”.

No que tange à velhice, normalmente essa consciência identitária é muitas vezes deslocada, pois a pessoa idosa não se vê como velha, independentemente da idade que tenha, de forma que ela tende a ser mais evidente para os outros do que para o próprio indivíduo. Velhos são os outros, é o que constatou o levantamento de dados de Debert, com homens e mulheres velhos, de diferentes estratos socioeconômicos:

mulheres ... com 70 anos ou mais não se consideravam velhas, sendo que a velhice era vista como um problema de outros que se comportavam como velhos, mesmo que com menos idade... todos os homens entrevistados, mesmo com muito mais do que 70 anos, não se consideravam velhos; os velhos eram os outros, aqueles que mesmo com menos idade já perderam a lucidez. (Debert, 2020, p. 26 e 28)

Esse processo representa um novo estado de equilíbrio biológico e, quando a adaptação às transformações impostas pela idade ocorre sem grandes traumas, como doenças crônicas ou acidentes graves, o sujeito que envelhece tem a sensação de continuidade de seu estado anterior (Vilhena; Novaes; Rosa, 2014), o chamado “envelhecimento bem-sucedido”, viver por mais tempo e livre de doenças incapacitantes.

Voltando à juíza Andréa Pachá e à Dona Maria, que aos 92 anos, lhe disse: “Eu mesma, até os 85 anos, achava que não ia ficar velha nunca!!” (Pachá, 2018). Infere-se, portanto, que velho é sempre o outro. Tanto é assim que as pessoas levam um susto quando começam a ser chamadas de “tio, tia” pelos mais jovens, um claro indicativo de envelhecimento. E se forem chamados por estranhos de “vô, vó”? Muito pior. Nesse sentido Mirian Rodrigues compartilha sua experiência de ser avó antes dos 50 anos:

Ficava constrangida se me chamassem de vovó. Me parecia tão contraditório ser avó e ainda ter tantos sonhos, querer estudar, viajar, trabalhar... Esse título não combinava com meu perfil dinâmico, questionador, vaidoso, com vitalidade física e sexual... Sexualidade? Vovó?!... Definitivamente não combinava! (Rodrigues, 2019)

Entretanto, esses sentimentos não são injustificados. Essa negação simbólica da velhice revela não apenas uma resistência individual ao envelhecimento, mas também a força dos discursos sociais que atribuem à velhice valores negativos, como inutilidade e dependência. Assim, investigar como a identidade da pessoa idosa é construída ou desconstruída nos discursos presentes nas Histórias em Quadrinhos é uma das formas pela qual se pode compreender os sentidos contemporâneos da velhice e suas implicações socioculturais.

Com a entrada do Estado e da ciência na gestão do envelhecimento da população, associadas às amplas mudanças sociais e culturais, surgiram novas formas de se ver, perceber e conceber os idosos; novos espaços, lugares e posições sociais destinadas aos mais velhos; novas diferenciações e categorizações do processo de envelhecimento, como a criação de novos termos para a pessoa velha. Segundo Siqueira (2002), este processo de envelhecimento demográfico repercute nas esferas da estrutura social e denota demandas específicas que se adequem às condições de vida daqueles que já passaram dos 60 anos.

A luta pela mudança na percepção do indivíduo envelhecido obteve significativos avanços a partir da década de 1960, particularmente na França pós Segunda Guerra Mundial, quando o termo “velho” começou a ser associado a estigmas de decadência física e incapacidade

produtiva, especialmente para aqueles pertencentes às camadas mais vulneráveis da sociedade, já que a velhice era frequentemente associada à pobreza e à indigência social. A gestão da velhice foi uma das consequências da institucionalização dos sistemas de aposentadoria, que levou a transferência da responsabilidade das famílias para o Estado; e a consolidação da velhice como categoria política.

Ao analisar esse processo, Silva (2008) afirma que antes da institucionalização da aposentadoria, os indivíduos acima de 50 anos eram percebidos como financeiramente incapazes. E, portanto, não se via neles o desejo de um estilo de vida baseado em práticas de consumo, que era restrito aos mais jovens, destacando que “o aposentado não é somente o sujeito incapaz para o trabalho, mas também o sujeito de direito” (p. 260). Todavia, o que há de negativo neste processo é a associação entre velhice e incapacidade, que só recentemente vem sendo desfeita.

Em resposta a toda esta mudança, os movimentos sociais buscaram uma nova forma de valorização da velhice. Assim passaram a adotar o termo “idoso” para se referir a essa faixa etária. Soava menos estereotipada e foi utilizada nos documentos oficiais e nas políticas públicas, consolidando-se juridicamente e culturalmente nos anos 1990 e 2000 por ser mais respeitosa e distintiva das camadas médias (Correa, 2009). Foi então implementada na França a política de integração da velhice, em 1962, visando reformas político administrativas, e a modificação da imagem das pessoas envelhecidas e recém-aposentadas, pertencentes à camada média assalariada, que passaram a ser associadas à concepção de um estilo de vida saudável.

Tais modificações, na percepção social e autopercepção do idoso, tem promovido o desenvolvimento de novos modos de viver e compreender as distintas etapas do curso da vida até os dias de hoje, bem como alterado o sentido da aposentadoria, passando-a de um direito a um valor de mercado. No entanto, estas alterações ainda não impactaram de forma plena e positiva a sociedade, eis que ainda hoje se depara com a violência etária, que se manifesta em múltiplos contextos sociais, permeando diferentes espaços e interações cotidianas.

No trânsito, observa-se quando condutores idosos são alvo de comentários depreciativos que associam a idade avançada à lentidão ou à incapacidade de dirigir. No ambiente laboral, ocorre ao se questionar a competência e a produtividade de trabalhadores mais velhos, especialmente no que se refere a adaptação às tecnologias contemporâneas. No campo do lazer, manifesta-se na desconfiança em relação à autonomia desse grupo para realizar atividades de forma independente, como viagens. Nas práticas de consumo, expressa-se por meio da imposição de padrões estéticos ou de moda vinculados a faixas etárias específicas, restringindo escolhas individuais. Nas relações interpessoais, pode assumir a forma de censura à vida afetiva

dos idosos, principalmente quando retomam relacionamentos amorosos. Até mesmo em serviços de estética, identifica-se a imposição de modelos de aparência considerados adequados apenas para pessoas jovens.

Esses exemplos evidenciam que o etarismo/ageísmo transcende fronteiras institucionais, estando enraizado em práticas discursivas e representações culturais que naturalizam a discriminação etária, trazendo sofrimento, e muitas vezes o afastamento do convívio social.

Não se trata, portanto, apenas de uma questão legal, mas de reconhecer o valor da experiência e da diversidade para uma sociedade mais justa. A construção social da velhice se faz numa perspectiva interacionista e colaborativa, o que somente será alcançado com ações educativas que promovam a troca de experiências entre as gerações, possibilitando a desconstrução de estereótipos, rompendo com visões preconceituosas referentes a este grupo etário, inclusive pela linguagem, com sua natureza dinâmica e ideológica dos sentidos produzidos pela linguagem.

Por esta razão, o preconceito não apenas limita a participação social, mas também impacta negativamente a saúde física e mental das pessoas idosas, aumentando a incidência de doenças crônicas, como problemas cardiovasculares e Alzheimer, e acelerando o declínio funcional (Júnior e Queiroz, 2024), o que também repercute em toda a família, pois, como destaca Fraiman (1995, p. 19), envelhecer “(...) tem implicações tanto para quem vivencia como para a sociedade que o suporta ou assiste a ele”,

A solução, para os autores, é implementar medidas legais e políticas públicas que coíbam práticas discriminatórias, como previsto no artigo 5º, inciso XLI, da Constituição, e no artigo 96 do Estatuto da Pessoa Idosa, que criminaliza a discriminação por idade. Este quadro começa a mudar com o surgimento das primeiras gerações de aposentados da classe média, com interesses e hábitos de consumo plurais, cujo potencial de consumo é rapidamente percebido pelo *marketing*, derrubando os preconceitos e os estereótipos que eram associados à idade mais avançada.

Dessa forma, os termos “velho” e “idoso” se tornaram inadequados para nomear os “jovens aposentados” da geração *baby boomer* (nascidos aproximadamente entre 1946 e 1964, após o fim da Segunda Guerra Mundial), que ocupam posições centrais na produção, no consumo e na divulgação de bens e estilo de vida identificados com a pós-modernidade. Este reconhecimento delineou um novo contorno sobre a velhice, consolidando a conexão entre o planejamento da aposentadoria e a noção de terceira idade. (Debert, 1999, *apud* Gagliatti; Barbosa, 2007, p. 145-146)

Diante desse panorama, é possível constatar que o século 21 está testemunhando um envelhecimento mais rápido do que o ocorrido no século passado, de forma que os velhos estão socialmente mais visíveis no cotidiano e no espaço público, como parques, praças, universidade e eventos, como o Arraiá na ACP (Sindicato Campo-grandense dos Profissionais da Educação Pública), realizado em 07 de junho de 2025, onde os alunos da UMA (Universidade da Maturidade da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul) ficaram responsáveis por uma barraca (Figura 8)

Figura 8: Fotos dos alunos da UMA/UEMS participando e divertindo-se na festa junina na ACP



Fonte: Instagram UMA/UEMS, 2025

Nesse contexto, surgiu a necessidade de introduzir um novo termo para designar, de forma mais respeitosa, essa nova fase da vida: a “terceira idade”, associada ao conceito de envelhecimento ativo e independente. De acordo com a OMS “envelhecimento ativo é o processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas.” (OMS, 2005, p. 13)

Destaca-se que o enfoque não está restrito apenas à prevenção de doenças e ao cuidado com a saúde, pois o envelhecimento bem-sucedido não se resume à longevidade, mas envolve seu engajamento social de acordo com suas necessidades e capacidades, ao passo que a sociedade deve implementar o acesso à saúde, e investimentos em segurança, primando pela dignidade das pessoas longevas.

(...) conceito “ativo” não abrange apenas a capacidade de estar fisicamente ativo ou fazer parte da força de trabalho. Refere-se à participação contínua do idoso em questões sociais, econômicas, culturais, espirituais e civis. O envelhecimento ativo aumenta a expectativa de uma vida saudável e de qualidade. Essa abordagem do envelhecimento ativo baseia-se no reconhecimento dos direitos humanos das pessoas idosas, associados aos princípios estabelecidos pela Organização das Nações Unidas (ONU) de independência, participação, dignidade, assistência e autorrealização. Apóia a responsabilidade dos idosos no exercício de sua participação ativa nos aspectos de sua vida e da comunidade.

O envelhecimento ativo aplica-se tanto a indivíduos quanto a grupos populacionais. Ele permite que as pessoas percebam o seu potencial para o bem-estar físico, social e mental ao longo do curso da vida, e que essas pessoas participem da sociedade de acordo com suas necessidades, desejos e capacidades; ao mesmo tempo, propicia proteção, segurança e cuidados adequados, quando necessários (OMS, 2005, p. 13).

Birman (2015) e Rebouças et al. (2013) revelam que o termo terceira idade começou a ser utilizado na França no fim dos anos 1970; e, na Inglaterra, nos anos 1980. Estava (e ainda está) associado à tentativa de otimizar a figura do idoso, marcando uma fase caracterizada por novas oportunidades e direitos, tornando-o útil à sociedade. Tem-se, assim, que a categoria “terceira idade” surge como rótulo que vem sendo utilizado para identificar a nova sensibilidade que passa a compor o processo de envelhecimento, antes marcado pela decadência física, momento de descanso, quietude, solidão e isolamento afetivo.

De acordo com Côrte (2018), o termo "terceira idade" foi moldado socialmente ao longo do tempo, sendo influenciado por diversas ideologias e percepções existenciais, conforme o contexto sócio-histórico em que se insere, de forma que, com a institucionalização do termo “terceira idade”, o que era próprio da velhice passa a significar momento de lazer, propício à realização pessoal, que ficou incompleta na juventude; à criação de novos hábitos, *hobbies* e habilidades (Silva, 2008). Desta forma, pode-se afirmar que o termo “terceira idade” foi criado como uma maneira de mudar as imagens pejorativas associadas ao termo “velhice”:

De modo simplificado, esse conceito (terceira idade) pode descrever um movimento baseado no empoderamento de pessoas mais velhas que lutam contra os estereótipos da velhice e por melhores condições de vida. Terceira idade é, em geral, positiva - e não necessariamente velhice - e cria novos estereótipos que estão frequentemente ligados à atividade constante (Katz, 1999), ao consumo (Featherstone e Hepworth, 1982), independência, empoderamento, e “diversão” num mundo muito mais orientando para viver o presente sem deterioração (...) (Trad. livre) (Leibing, 2004, p. 4).

Na atualidade, o idoso é o adulto que agora pode viver e usufruir de um novo status, que lhe permite, mesmo depois dos 60 anos de idade, ter uma vida ativa, um rendimento fixo garantido (aposentadoria), poder consumir e enfim, desempenhar um papel social distinto do que tinham os chamados “velhos”.

Na percepção de Sousa (2008), o discurso sobre a terceira idade no Brasil é construído a partir da valorização da juventude, em que atributos como jovialidade, beleza física e sensação de ser jovem tornam-se parâmetros para se falar sobre o envelhecimento, o que também não corresponde à realidade de todas as pessoas que ultrapassaram os 60 anos.

Profissionais de diversas áreas, especialistas, jornalistas, publicitários e representantes governamentais, buscam projetar a imagem de uma velhice ativa, destacando os aspectos positivos dessa fase e evitando associações com tristeza, solidão ou perda de capacidades. Essa visão está inserida em uma cultura marcada pelo culto à beleza, à juventude e à sensualidade, (Debert, 2003), o que torna o envelhecimento demográfico também um desafio cultural.

Correa (2009) destaca que as qualidades atribuídas à terceira idade estão inscritas no espírito jovem e afirma a ideia de autorrealização, bem como a busca por um corpo saudável, o que envolve cuidados com a alimentação e a prática de atividades físicas, medidas que visam, dentre outras vantagens, evitar a perda de massa muscular (sarcopenia). Com essa mudança, a “terceira idade” passa a aparecer como uma categoria etária associada à especialização dos agentes de gestão do envelhecimento, ao discurso reivindicador da gerontologia social e aos interesses da cultura do consumo.

De acordo com Silva (2008), se tornou praticamente impossível envelhecer na contemporaneidade sem considerar a noção de terceira idade, que por outro lado, impõe ao próprio idoso a responsabilidade por seu bem-estar, o que carece de veracidade, uma vez que acidentes e doenças independem da idade ou de um corpo saudável.

Contudo, as imagens positivas que a compõem não são necessariamente representantes de todos os idosos brasileiros. Logo, o desafio é garantir que os indivíduos possam envelhecer com segurança e dignidade, mantendo sua participação ativa na sociedade, e que as relações entre as gerações sejam constantemente estimuladas.

Até porque, se tudo der certo, envelheceremos, e velho é velho, independentemente das terminologias: maduro, terceira idade, melhor idade, idoso. Só precisamos associá-la a adjetivos mais positivos e generosos, que acolham o tempo vivido em vez de temê-lo, capazes de reconhecer as múltiplas possibilidades de viver a velhice.

Um exemplo claro dessa mudança, ocorreu com as placas identificadoras dos espaços disponíveis nos estacionamentos, destinados a pessoas com idade igual ou superior a 60 anos. O Conselho Nacional de Trânsito (Contran) mudou a imagem da placa de trânsito sobre vagas de estacionamento exclusivas para idosos.

Tal mudança objetivou que as placas de identificação não tenham mais o estigma de saúde debilitada, com uma imagem retratando um homem curvado e de bengala, o que na atualidade é considerado pejorativo, razão pela qual as placas brasileiras estão sendo substituídas por uma figura com um homem em posição ereta e a expressão 60+ ao lado. A mudança vai ao encontro da realidade: as pessoas estão chegando à velhice cada vez mais saudáveis e com características e costumes que, outrora, eram exclusivas aos jovens.

Figura 9: Novo símbolo para identificação de pessoas idosas, proposto em projeto de lei



Fonte: BRASIL (2018)

Ainda com relação ao símbolo, em outubro, a Comissão de Cidadania e Justiça (CCJ) da Câmara Legislativa aprovou um projeto de lei para alterar a imagem que representa idosos em vagas, assentos, filas e outros serviços prioritários, refletindo o aumento da expectativa de vida e da mobilidade. Todas as medidas foram embasadas no entendimento de que a alteração do pictograma constitui uma forma eficaz de combater o preconceito. Dessa maneira, busca-se assegurar que esse grupo etário seja mais respeitado e adequadamente representado.

1.4 A pessoa idosa no Brasil (ou envelhecimento no contexto brasileiro)

A organização da vida em sociedade pressupõe a existência de normas e dispositivos legais que orientem as relações interpessoais e garantam a proteção dos direitos fundamentais. No contexto brasileiro, após mais de duas décadas de regime autoritário (1964–1985), o processo de redemocratização culminou na promulgação da Constituição Federal de 1988, que consagrou, entre seus fundamentos, a cidadania e a dignidade da pessoa humana (art. 1º, III). Conforme leciona Sarlet (2001), a dignidade da pessoa humana consiste na qualidade intrínseca e distintiva de todo ser humano, que o torna merecedor de respeito e consideração por parte do Estado e da comunidade.

a qualidade intrínseca e distintiva de cada ser humano que o faz merecedor do mesmo respeito e consideração por parte do Estado e da comunidade, implicando, neste sentido, um complexo de direitos e deveres fundamentais que assegurem a pessoa tanto contra todo e qualquer ato de cunho degradante e desumano, como venham a lhe garantir as condições existenciais mínimas para uma vida saudável, além de propiciar e promover sua participação ativa e corresponsável nos destinos da própria existência e da vida em comunhão com os demais seres humanos..(Sarlet, 2001,p.60)

A Constituição Federal de 1988 não definiu expressamente quem é a pessoa idosa no Brasil. Apesar disso, representou um marco na história da República, introduzindo importantes inovações ao eleger como princípios fundamentais a cidadania e a dignidade da pessoa humana (art. 1º, III) que conjuntamente com o princípio da isonomia (art. 5º), formam a tríade fundamental do Estado Democrático de Direito.

No que concerne às pessoas maiores de 60 anos, a norma constitucional adota uma proteção rígida e enfática, atribuindo à família, à sociedade e ao Estado o dever e a obrigação de ampará-los na velhice (art. 230). Essa disposição visa assegurar a dignidade e o bem-estar dos idosos, assegurando-lhes o direito à vida em sua plenitude.

O texto Constitucional elevou a dignidade a um patamar central, pois sendo um princípio ético e jurídico que reconhece o valor intrínseco de cada ser humano, independentemente de sua origem, raça, gênero, religião ou qualquer outra característica, inaugurou a lógica da proteção, impondo ao Estado o dever de garantir a possibilidade de desenvolvimento pleno das potencialidades do indivíduo, tornando a dignidade um critério interpretativo orientador para todo o ordenamento jurídico.

O pleno exercício da cidadania pressupõe o conhecimento dos direitos e deveres estabelecidos na legislação brasileira, o que exige a realização de uma análise interpretativa, posto que o conteúdo legal nem sempre é acessível ao público em geral. Essa dificuldade torna-se ainda mais evidente entre a população idosa, que, em muitos casos, não teve a oportunidade de frequentar instituições de ensino formal ao longo da vida, em virtude das desigualdades sociais. Em consequência, esse grupo etário foi privado de uma compreensão mais ampla acerca do conceito de cidadania e de seu papel enquanto sujeito de direitos e deveres, o que contribui para a manutenção de um contexto de alienação social.

Nesse grupo mais longevo, observa-se que as demandas extrapolam a esfera das ações institucionais, requerendo, igualmente, mudanças culturais. A sociedade contemporânea, orientada por valores associados à produtividade, tende a desvalorizar os indivíduos à medida que envelhecem, revelando posturas de desrespeito e exclusão. Tal cenário infelizmente se manifesta a partir dos 40 ou 45 anos, com a recorrente violação de direitos fundamentais, tanto por parte do poder público quanto da sociedade civil e, por vezes, do próprio ambiente familiar, sendo que é no mercado de trabalho onde se evidencia com maior ênfase às práticas discriminatórias baseadas na idade, conhecidas como ageísmo.

Essa forma de preconceito é naturalizada em expressões e atitudes cotidianas que associam a velhice à incapacidade, improdutividade e dependência, contribuindo para o isolamento e a marginalização da população idosa. Por esta razão, o ageísmo não apenas limita a participação social, mas também impacta negativamente a saúde física e mental das pessoas idosas, aumentando a incidência de doenças crônicas, como problemas cardiovasculares e Alzheimer, e acelerando o declínio funcional (Júnior e Queiroz, 2024). Diante desse cenário, o Estatuto, em art. 96, § 1º, tipificou a discriminação como crime, buscando proteger a pessoa idosa.

Paulo Flange (2012) explica que estabelecer parâmetros precisos para determinar o início da velhice revela-se uma tarefa complexa, contudo, para fins estatísticos e de assistência social, torna-se imprescindível a definição de um critério etário que delimite esse grupo populacional, o que coube ao Estatuto da Pessoa Idosa, estabelecendo a idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos para caracterizar a pessoa considerada idosa no atendimento em diversos serviços públicos e privados.

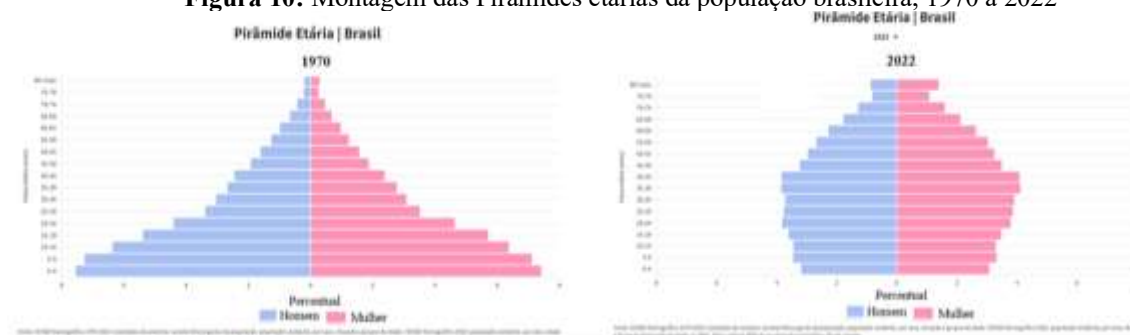
No entanto, nem sempre foi assim. Segundo o IBGE (2016), no final do século 19, uma pessoa de 40 anos era considerada velha, pois a expectativa de vida ao nascer era de 33 anos. Em 1844 foi publicado o romance “A Moreninha”, onde Joaquim Manuel de Macedo descreve que “Entramos. Era um quadro de dor e luto, que tínhamos ido ver. Uma pobre velha, e três meninos malvestidos e magros, cercavam o leito em que jazia moribundo um ancião de cinquenta anos, pouco mais, ou pouco menos” (Macedo, 1975, p. 66).

Em 1993 a expectativa média de vida ao nascer no Brasil era de 67,7 anos e chegou aos 71,3 anos em 2003, quando a população brasileira tinha uma idade média de 28,3 anos. Em 2022 a idade média era de 35 anos, a expectativa de vida era de 75,5 anos, e a população idosa (com 60 anos ou mais) atingiu 32,1 milhões de pessoas, (representando 15,8% da população total do país) dos quais 17,8 milhões eram mulheres e 14,2 milhões eram homens. (IBGE 2022).

As pirâmides etárias apresentadas a seguir permitem observar, de forma clara e objetiva, as transformações demográficas ocorridas no Brasil ao longo das últimas décadas, resultado direto de fenômenos como o envelhecimento populacional, a redução das taxas de natalidade e o aumento da expectativa de vida. No ano de 1970, a pirâmide etária brasileira apresentava o formato clássico de uma sociedade jovem: base ampla e topo estreito.

Essa configuração demográfica refletia um cenário de elevada taxa de natalidade, crescimento populacional acelerado e expectativa de vida relativamente baixa, em torno de 59 anos. Tal estrutura indicava a predominância de crianças e jovens na composição populacional. Contudo, ao se analisar os dados de 2022, verifica-se uma mudança significativa nesse perfil.

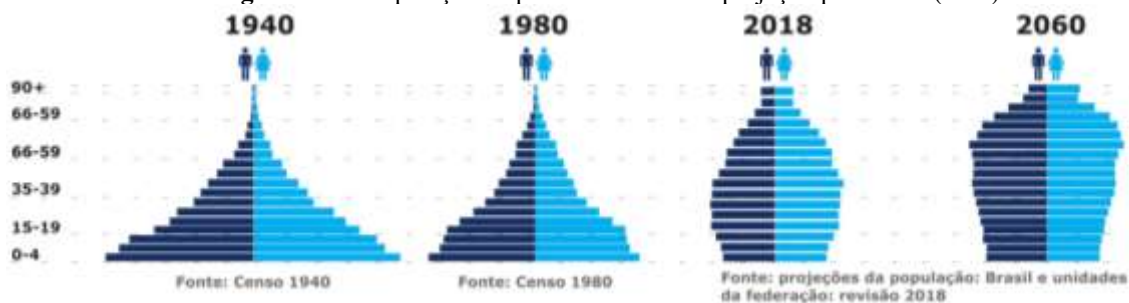
Figura 10: Montagem das Pirâmides etárias da população brasileira, 1970 a 2022



Fonte: IBGE. *Pirâmide etária 1970–2022*. Atlas Escolar IBGE

A base da pirâmide estreitou-se consideravelmente, revelando uma queda no número de nascimentos. Simultaneamente, as faixas intermediárias e superiores da pirâmide se alargaram, apontando para um processo avançado de transição demográfica, no qual se observa o aumento da proporção de adultos e idosos na população total. Além disso, a expectativa de vida alcançou aproximadamente 75 anos, evidenciando melhorias nas condições de vida, nos serviços de saúde e nos indicadores sociais em geral. Tais mudanças, que também se mostram na projeção para 2060, refletem não apenas transformações no perfil etário da população brasileira, mas também impõem novos desafios para as políticas públicas, especialmente no que tange à previdência social, à saúde e ao planejamento urbano.

Figura 11: Comparação de pirâmides etárias e projeção para 2060 (anos)



Fonte: UFRN – Assessoria de Comunicação, 2019

Essas informações refletem o envelhecimento da população brasileira como um fenômeno complexo com diversas implicações sociais e econômicas, incluindo a redução da força de trabalho e de adaptações no sistema previdenciário, que precisam ser consideradas nas políticas públicas, conjuntamente com o aumento da expectativa de vida e, como resultado, o aumento da população idosa, além das diferenças internas existentes entre a população das diversas regiões brasileiras.

De acordo com o Censo 2022, quanto à distribuição etária, a idade mediana em 2022 varia por região: Norte: ~29 anos; Centro-Oeste e Nordeste: ~33 anos; Sul: ~36 anos; Sudeste: ~37 anos. Enquanto o percentual de crianças (≤ 14 anos) e idosos (≥ 65 anos): Norte: 25 % crianças, 7 % idosos; Sudeste: 18 % crianças, 12 % idosos.

Esses elementos demonstram o crescimento desigual no Norte e Centro-Oeste, a urbanização crescente, principalmente nas regiões Sul e Sudeste, onde também se encontram o maior contingente de população envelhecida e com o menor percentual de crianças. A região Norte é a mais jovem. Estas informações evidenciam como nosso país vive contextos socioeconômicos distintos, que exigem políticas públicas para garantir um desenvolvimento mais equilibrado entre as diferentes regiões do Brasil, atuando de forma estratégica e contextualizada para diminuir as desigualdades.

Qualquer cidadão brasileiro, por mais leigo que possa ser, sabe ou intui, a necessidade da infraestrutura básica para que o desenvolvimento ocorra: saneamento, energia, internet, estradas, transporte urbano, habitação (social principalmente nas áreas urbanas mais densas). Olhando ao nosso redor é fácil identificar vulnerabilidades como fome, falta de acesso à água, energia, saúde etc. que precisam urgentemente serem sanadas.

A ênfase na educação e na saúde (com atenção à população rural e indígena) nunca deixará de ser relevante devendo estar em qualquer pauta de desenvolvimento, sendo que, para diminuir as desigualdades regionais não há como promover uma luta isolada. União, Estados e Municípios devem se unir num planejamento integrado, para melhor distribuir os investimentos.

São muitas as opções: em ciência e tecnologia: energia renovável, gestão da água, reciclagem; preservação ambiental, corrigindo distorções no acesso e qualidade, implementando o desenvolvimento sustentável nas áreas mais carentes do Brasil; a inclusão social e crescimento econômico local, respeitando as realidades culturais e regionais (agricultura, artesanato, extrativismo), combatendo desigualdades históricas e valorizando os saberes locais. E, no que tange aos idosos, sabemos que as medidas governamentais para um envelhecimento ativo não podem ser desprezadas, incluindo saúde preventiva, mobilidade, lazer, inserção digital e a atenção integral à saúde física e mental ao longo de todo o ciclo de vida.

Numa tentativa de viabilizar a promoção e a integração de políticas públicas formuladas no âmbito federal e a intersetorialidade orientadora da ação local, pelos entes federados estaduais e municipais, em 2020 o Brasil apoiou a declaração da Assembleia Geral das Nações Unidas sobre a Década do Envelhecimento Saudável 2020-2030, gerando a Estratégia Brasil Amigo da Pessoa Idosa (2021). Esta política do Governo Federal é uma prova que existe a possibilidade de unir forças para realizar mais em favor desse grupo que tanto contribuiu para nosso país.

Entretanto, basta olhar ao nosso redor para constatar que tanto os projetos quanto as leis existentes em nosso país, voltadas a proteção da pessoa idosa, revelam-se insuficientes diante dos desafios concretos para sua efetivação. De fato, quando se trata da aplicação das leis, sejam elas destinadas à segurança, à proteção da vida, da dignidade, do patrimônio, da pessoa idosa (e infelizmente de toda a população) seu cumprimento apresenta índices insatisfatórios. Leis e políticas públicas precisam ser efetivas, produzir resultados benéficos, o que não se tem visto.

A violência se apresenta na forma física; psicológica (incluindo xingar, humilhar, ridicularizar, ameaçar, abandonar emocionalmente); econômico-financeira e patrimonial, como a apropriação de cartões bancários ou de aposentadoria para benefício próprio; violência sexual; negligência quando há recusa ou omissão de cuidados básicos para o bem-estar do idoso (como não fornecer cuidados médicos, higiene, alimentação etc.).

E é preciso colocar em relevo a violência institucional, quando há omissão ou falha por parte de instituições (públicas ou privadas) em garantir os direitos dos idosos, como a falta de equipamentos públicos de apoio social, como abrigos e centros de atendimento. A fraude no INSS que infelizmente causou grandes prejuízos aos nossos idosos, é outro exemplo. Dessa forma o cumprimento da lei não se alcança pelo mero agravamento de penas ou pela redução da maioridade penal, ou ainda pela edição e novas leis.

Nesse contexto, não se pode sustentar que o simples endurecimento das punições seja suficiente para coibir práticas criminosas dessa natureza. Reduzir problemas sociais complexos à adoção de sanções mais severas constitui uma abordagem simplificadora, que desconsidera a multiplicidade de fatores envolvidos, amplamente evidenciada pela realidade social que nos é lembrada todos os dias nos telejornais.

O enfrentamento da violência contra a pessoa idosa exige estratégias mais amplas, que incluam ações educativas, culturais, sociais e políticas públicas voltadas à promoção do respeito e da valorização desse grupo em diferentes esferas, como a educação, os meios de comunicação, as produções audiovisuais, a literatura e as Histórias em Quadrinhos e a integração entre as instituições (nas esferas federal, estadual e municipal, e no âmbito dos poderes executivo, legislativo e executivo), e de fiscalização eficiente. Nesse sentido, a formação de uma cultura de respeito à pessoa idosa deve ser compreendida como um processo amplo e contínuo, que ultrapassa o campo jurídico e se inscreve no âmbito ético e social.

Até porque, o número de pessoas idosas só tem aumentado, bem como a longevidade delas, o que deve ser levado em consideração em todos os sentidos, seja nas políticas públicas, nas escolas, nas academias, nos anúncios publicitários, novelas e filmes, nos *outdoors*, produtos etc. a fim de que sejam respeitados e desfrutem de uma vida com dignidade.

Figura 12: Quadrinho representando o mapa do Brasil idoso



Fonte: Turma da Mônica Intergeracionalidade

Mas, infelizmente, a condição da população idosa do Brasil não é boa. Segundo pesquisa realizada pelo Laboratório de Desigualdades, Pobreza e Mercado de Trabalho (PUCRS) por Izete Bagolin e André Salata, sobre a incidência de pobreza entre os idosos de 2012 a 2022, houve um aumento de 800 mil idosos, identificando como o acelerado processo do envelhecimento da população brasileira impactou o perfil etário da pobreza e a participação dos idosos no grupo das pessoas consideradas monetariamente pobres.

Entre outros dados, a pesquisa constatou que: a) Os idosos passaram de 7,72% para 10,49% da população entre 2012 e 2022, o que em termos absolutos significa um aumento de 15,2 para 22,4 milhões de pessoas; b) em 2022, a renda média entre os idosos era de R\$2.142, o que é significativamente maior que a média entre os adultos (R\$1.716) ou jovens (R\$1.076); c) 12,6% da população idosa estava em situação de pobreza em 2022.

Em termos absolutos, havia 2,8 milhões de idosos abaixo da linha de pobreza naquele ano; d) em relação à pobreza extrema, o patamar alcançado foi de 1,8% em 2022, ou seja, 410 mil idosos; e) percentual de idosos entre os pobres subiu de 3% para 4,2% entre 2012 e 2022; f) o percentual de idosos entre os extremamente pobres subiu de 1,5% para 3,2% entre 2012 e 2022 (Bagolin, Salata, 2023). Como os dados apontam, a pobreza é uma das causas determinantes nas condições de saúde e bem-estar, apresentando, por consequência, desafios para o sistema de saúde e previdência social.

A situação de vulnerabilidade socioeconômica vivenciada por grande parcela da população idosa no Brasil está associada a piores indicadores de saúde, ao menor acesso a serviços médicos e, conseqüentemente, a maiores taxas de mortalidade precoce, incapacidade e depressão. Tal realidade contraria os objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil, previstos no artigo 3º da Constituição Federal, que preconiza a erradicação da pobreza, a redução das desigualdades sociais e a promoção do bem de todos.

Nesse contexto, a criação da Política Nacional do Idoso (PNI), instituída pela Lei nº 8.842/1994, fundamenta-se no princípio do compartilhamento de responsabilidades, envolvendo de forma articulada a família, a comunidade, a sociedade civil e o Estado. Contudo, os resultados observados nas últimas décadas indicam a necessidade de reavaliar sua efetividade e fortalecer a participação de todos os atores envolvidos, uma vez que muitos de seus objetivos permanecem distantes da realidade. Isso se deve, em grande medida, à ausência de políticas preventivas consistentes voltadas à promoção das condições de vida desde as fases iniciais da existência, muito antes da chegada da velhice ou da aposentadoria.

Diversos estudos apontam que os ambientes em que as pessoas vivem na infância, e até mesmo durante a gestação, combinados com suas características individuais, exercem efeitos

de longo prazo sobre o modo como envelhecem. Os contextos físico e social influenciam a saúde tanto de forma direta quanto por meio de barreiras ou incentivos que condicionam as oportunidades, as decisões e os comportamentos relacionados ao bem-estar.

A manutenção de hábitos saudáveis ao longo da vida, como uma alimentação equilibrada, a prática regular de atividades físicas e a abstinência do tabagismo e alcoolismo, contribuem significativamente para reduzir os riscos de doenças crônicas não transmissíveis, preservar a capacidade física e mental e retardar a dependência de cuidados, como é notório para todos.

Outro aspecto relevante, diz respeito aos ambientes físicos e sociais favoráveis que possibilitam que as pessoas realizem atividades relevantes para elas e mantenham autonomia, mesmo diante de alguma limitação funcional. A disponibilidade de edificações e transportes públicos seguros e acessíveis, bem como de espaços urbanos que facilitem a mobilidade e a convivência, como as universidades da terceira idade, que se exemplifica com a UMA/UEMS, e, os Centros de Convivência do Idoso (CCI).

Ao desenvolver uma resposta de saúde pública voltada ao envelhecimento, é essencial considerar não apenas abordagens individuais e ambientais que atenuem as perdas associadas à idade, mas também estratégias que promovam a recuperação, a adaptação e o crescimento psicossocial, conforme preconiza a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2024), para que não tenham medo de envelhecer, como escreveu Barbosa Lima Sobrinho, em 1920:

“Não temas envelhecer, meu jovem amigo, desde que envelheçam contigo as tuas paixões de hoje. A velhice não é má, nem martirizante. Tu poderás descobrir, na tua ancianidade, prazeres que ignoravas e que te declinarão mais que os teus gozos de hoje, porque nesse tempo a tua alma será muito mais sensível e muito mais meiga” (Sobrinho, 1998, p. 174).

Considerando que a representação da pessoa idosa no Brasil se apresenta de forma multicultural, torna-se necessária a ruptura de paradigmas socialmente impostos sobre o envelhecimento. Entre as práticas mais recorrentes de etarismo dirigidas às pessoas idosas destacam-se a infantilização e a retirada de sua autonomia na tomada de decisões, ambas fundamentadas na ideia de que, em razão da velhice, essas pessoas seriam incapazes de gerir a própria vida ou de exercer competência física e psíquica para decidir sobre si, tomando suas próprias decisões.

Sob a perspectiva ética e jurídica, tais práticas desconsideram a dignidade enquanto princípio ético e jurídico que reconhece o valor intrínseco de cada ser humano, independentemente de idade, condição física ou estado de saúde. A negação da autonomia e a imposição de condutas paternalistas não apenas violam direitos fundamentais, como também

impactam negativamente o bem-estar psicológico e social das pessoas idosas, perpetuando um ciclo de exclusão e desvalorização que se manifesta em diferentes contextos, incluindo a família, o trabalho, os serviços de saúde e a esfera pública.

Nesse sentido, destaca-se a decisão do Supremo Tribunal Federal, em 01/02/2024, que fixou a seguinte tese: "Nos casamentos e uniões estáveis envolvendo pessoa maior de 70 anos, o regime de separação de bens previsto no art. 1.641, II, do Código Civil, pode ser afastado por expressa manifestação de vontade das partes, mediante escritura pública", pois a obrigação do regime de bens reforça uma lógica etarista que desvaloriza a pessoa idosa.

Essa compreensão menos estigmatizante e mais democrática do envelhecimento afirma que a idade, isoladamente, não é suficiente para afastar a capacidade civil plena, nem para restringir a autonomia nas decisões relativas ao patrimônio e às relações afetivas, reafirmando a dignidade enquanto princípio ético e jurídico que reconhece o valor intrínseco de cada ser humano, inclusive das pessoas idosas.

Assim, faz-se mister proclamar, em alto e bom som, que esta pode ser uma época marcada pela liberdade, na qual, já desincumbidas do papel de pais e dispendo de tempo em decorrência da aposentadoria, as pessoas idosas podem dedicar-se ao que realmente gostam, à aquisição de novos saberes e à realização de planos e sonhos outrora adiados pela ausência de oportunidades.

Nessa perspectiva, o “hoje” é um “presente” que deve ser compreendido como um tempo a ser vivido com entusiasmo, no qual as pessoas, especialmente as idosas, assumem o protagonismo de suas próprias histórias.

1.5 A mulher idosa: dupla invisibilidade

Infelizmente quando falamos em dignidade a realidade é bem diferente, especialmente para as mulheres e se mostra oportuno abordar, ainda que brevemente, sobre a desigualdade de gênero em que é alicerçada a construção social da velhice.

Ser mulher e envelhecer é um contexto que envolve desafios e preconceitos específicos, pois desde a juventude elas já enfrentam uma pressão social para manter uma aparência jovem e corresponder aos padrões estéticos impostos pela sociedade. A manutenção de uma imagem jovem, cria uma forte pressão para que elas se preocupem com rugas, cabelos brancos e outros sinais externos, sendo que a partir dos 30 anos, muitas começam a ser vistas com desconfiança no mercado de trabalho, onde a "idade" começa a ser associada à menor produtividade ou à necessidade de adaptação a novas tecnologias, mesmo que tais ideias sejam baseadas em estereótipos infundados.

Esse fenômeno, frequentemente denominado "ageísmo", afeta a autoestima e as oportunidades de muitas mulheres, que são rotuladas como "velhas" ou "menos atraentes" muito antes de realmente envelhecerem. Assim, o preconceito etário é uma realidade que permeia toda a vida da mulher, impactando suas escolhas, relações e, principalmente, sua presença no mercado de trabalho. Talvez por esta razão, Gloria Pires em 2024, dirigiu e estrelou o filme "Sexa" que aborda o etarismo, lutando contra o preconceito em torno da idade de forma humorística e emocional.

Em 2024, a cantora Gretchen então com 65 anos compartilhou nas redes sociais um vídeo em que aparece dançando e recebeu várias críticas. "Envelhecer é difícil, né?", disparou uma internauta. Gretchen expôs o comentário da mulher e rebateu: "É seu caso, amor? Porque para mim envelhecer é vida. Quem não envelhece é porque já morreu". (Wandermurem, 2024). Susana Vieira exibe vitalidade e personalidade forte, pelo que não aceita ser limitada por rótulos. Também entende ser desumano as duras críticas que recebe de uma parcela do público:

“Olha, não é fácil você ler comentários do tipo: ‘Nossa, ainda está viva? Pensei que já tinha morrido’, ‘O que essa velha ainda tá fazendo aqui?’, alguns ataques são bem pesados. No começo, eu rebatia, xingava. Porque é algo que machuca muito. Ai a minha assessora falou pra eu não fazer mais isso, porque você dá mais munição quando responde. Agora, eu apago e bloqueio rápido. Finjo que não leio. Mas chega a ser desumano”, refletiu. (UAI, portal de notícias, 2025)

A jornalista e influenciadora Patrícia Parenza, enquanto representante do ativismo contra o etarismo feminino afirmou que “Mulher não tem prazo de validade” e a atriz Ingrid Guimarães em seu Instagram faz publicações para conscientizar sobre a “velhofobia”, como em novembro 2021, com a imagem da ousada designer britânica Vivienne Westwood, de 80 anos. Também escreveu: “Tenho percebido um certo silêncio quando digo que tô chegando perto dos 50. Quando a pessoa quer ser simpática ainda diz: Olha, você está ótima, tá?! Quase como quem diz: ‘Calma, que vc não parece velha’”. (Souza, 2022)

Figura 13: Foto de Vivienne Westwood



Fonte: Souza (2022)

Ser mulher e envelhecer traz uma dupla invisibilidade, já que a sociedade, na maioria das vezes, ignora a mulher idosa, e cobra a manutenção de uma imagem jovem, criando uma pressão para que as mulheres se preocupem com rugas, cabelos brancos e outros sinais externos e internos de envelhecimento. Dessa forma, o ageísmo se manifesta por meio de estereótipos, preconceitos e atitudes negativas que atuam com veemência contra as mulheres, que podem ser marginalizadas e desvalorizadas tanto no âmbito profissional quanto no social, acarretando impactos na saúde física, mental, e na autoestima.

Enquanto o envelhecimento masculino é frequentemente associado a atributos positivos, como charme, maturidade e prestígio, o envelhecimento feminino tende a ser percebido de forma negativa, associando-se à perda da atratividade e à marginalização social. Por exemplo, em 1960, a expectativa de vida era de 52,5 anos (IBGE, Censo Demográfico 2022), ocasião em que o “Jornal do Comercio” publicou matéria sobre um acidente de ônibus ocorrido com uma mulher de quarenta e dois anos, descrita como ‘velhinha’, algo impensável atualmente, razão pela qual a notícia republicada viralizou nas redes sociais em 2018.

De outro ângulo, é socialmente aceitável que homens mais velhos mantenham relações românticas com mulheres mais jovens, o que reforça um padrão de dominação patriarcal naturalizado. Em contrapartida, quando mulheres mais velhas se relacionam com homens mais jovens, frequentemente são alvo de censura moral e julgamento social desproporcional.

Um exemplo emblemático ocorreu em 1869, no Rio de Janeiro, quando o escritor Joaquim Maria Machado de Assis, 30 anos, casou-se com Carolina Augusta Xavier de Novais, uma mulher branca, portuguesa de 35 anos, que enfrentou a família para casar-se, uma vez que não concordavam que ela se envolvesse com um mulato.

Figura 14: Fotografia de Machado de Assis e Carolina



Fonte: Norte (2018)

A reação social ao casamento de Machado de Assis com Carolina Novais, revela a seletividade moral de uma sociedade que, ao mesmo tempo em que naturalizava uniões entre homens adultos e adolescentes de 15 a 17 anos, passou a tratar como escandalosa uma relação que subvertia os padrões hegemônicos de gênero, idade e raça.

Tal postura evidencia a hipocrisia social e a rigidez das normas simbólicas que regulavam, e ainda regulam, as expectativas acerca do papel feminino, especialmente quando essas normas são atravessadas por marcadores como idade, raça e gênero.

Se a diferença etária de cinco anos entre Machado e Carolina já era capaz de suscitar escândalo no início do século XX, maior repercussão causou o relacionamento em que a mulher era 16 anos mais velha que o parceiro. Tal situação ocorreu no Rio de Janeiro, em 1905, quando Ana Emília Ribeiro da Cunha, então com 33 anos, casada com o renomado escritor Euclides da Cunha, envolveu-se afetivamente com o jovem cadete do Exército Brasileiro Dilermando de Assis, de apenas 17 anos.

O episódio desafiou de forma contundente as convenções morais e sociais vigentes à época, sobretudo no que diz respeito aos papéis de gênero e às expectativas atribuídas à mulher casada. Amplamente conhecido na historiografia brasileira, esse triângulo amoroso culminou em uma tragédia de grandes proporções, cujas consequências extrapolaram a esfera privada e se inscreveram de maneira duradoura na memória histórica, cultural e literária do país.

Figura 15: Fotos de Euclides, Anna Emília e Dilermando de Assis



Fontes: Barbosa (2024) e Carneiro (2019)

Ambos os episódios evidenciam as distintas construções sociais atribuídas aos papéis de gênero, que são historicamente aprendidos, internalizados e perpetuados ao longo do tempo. As categorias "ser mulher" e "ser homem" não são apenas biológicas, mas culturalmente definidas e reforçadas por normas sociais que naturalizam desigualdades.

A hipocrisia do preconceito se torna aviltante, como explica Márcia Raspanti, em face dos “casamentos de homens mais velhos e meninas mal saídas da infância ter sido prática comum no Brasil desde os tempos da Colônia, e as uniões entre mulheres maduras e homens mais jovens eram vistas como indecentes. A mulher com mais de trinta anos estava “passada”.” (Raspanti, s.d.).

E, não obstante os avanços sociais observados nas últimas décadas, essa lógica de tolerância seletiva não constitui fenômeno restrito ao passado. Episódios contemporâneos evidenciam a permanência de padrões sociais seletivos no julgamento das relações afetivas marcadas por assimetrias etárias.

Exemplo disso foi o caso envolvendo o então prefeito do município de Araucária/PR, Hissam Hussein Dehaini, à época com 65 anos, cujo casamento com uma adolescente de 16 anos gerou menor repercussão social do que o ato administrativo subsequente, consistente na nomeação da mãe da jovem para o cargo de secretária municipal de Cultura e Turismo. Tal reação revela que a indignação pública tende a se concentrar menos na desigualdade etária e de poder presente na relação e mais em aspectos de natureza político-administrativa, evidenciando a normalização social de determinadas assimetrias quando atravessadas por gênero, idade e posição social.

Essa constatação adquire contornos alarmantes quando confrontada com dados contemporâneos sobre maternidade na adolescência, que demonstram a permanência de estruturas sociais que normalizam a exposição precoce de meninas à sexualidade e à reprodução. Estudo realizado pelo Centro Internacional de Equidade em Saúde da Universidade Federal de Pelotas aponta que, anualmente, uma em cada 23 adolescentes entre 15 e 19 anos torna-se mãe, sendo que entre os anos de 2020 e 2022, mais de um milhão de jovens dessa faixa etária tiveram filhos. Entre meninas de 10 a 14 anos, o número ultrapassou 49 mil casos. (Corrêa, 2025)

Importa destacar que, nos termos da legislação penal brasileira, qualquer gestação na faixa etária de 10 a 14 decorre juridicamente de estupro de vulnerável, conforme dispõe o art. 217-A do Código Penal, com pena de 8 a 15 anos de reclusão, o que evidencia a gravidade da violação de direitos fundamentais envolvida nesses casos.

Em contraste com a relativa naturalização social de relações afetivas marcadas pela superioridade etária masculina, as relações nas quais a mulher ocupa a posição etária mais elevada continuam sendo alvo de estigmatização social. Tal fenômeno evidencia não apenas a persistência do preconceito, mas também a permanência de estruturas simbólicas associadas a padrões machistas que, historicamente, delimitam o papel feminino na sociedade.

Ainda assim, experiências concretas e exemplos de figuras públicas contribuem para a gradual desconstrução desse tabu, como Brigitte e Emmanuel Macron, 24 anos de diferença, e Fátima Bernardes 26 anos mais velha que Túlio Gadêlha. Nesse sentido, Mirian Goldenberg, autora do livro “Por que os Homens Preferem as Mulheres mais Velhas?”, publicado em 2017, relata que a mulher, quando é mais velha que seu parceiro é terrivelmente criticada, o que a abala emocionalmente, deixando-a insegura:

As mulheres são mais críticas e inseguras com a inversão da lógica da dominação masculina. O “normal” é casar com um homem superior: mais alto, mais velho, mais poderoso, com mais sucesso e dinheiro etc. Inverter esta lógica é questionar a própria lógica reproduzida pela maior parte das mulheres. O que incomoda muito! Assim,

acusam as mulheres que invertem a lógica de serem ridículas, sem noção, periguetes, de não aceitarem a própria idade, de quererem se fazer de garotinhas etc. Interessante perceber que os homens pesquisados não enxergam suas esposas como mais velhas, mas como “superiores” às demais mulheres, principalmente às mais jovens. No início, elas têm muita dificuldade, muita insegurança e muito medo. Elas sofrem muito, principalmente no início. Aham que é algo provisório, que serão trocadas por mulheres mais jovens. Elas têm pânico de envelhecer. Só com o tempo, e com a certeza de que o amor deles é realmente especial e único, elas conseguem ter um pouco mais de segurança. No entanto, elas, muito mais do que eles, demonstram ter medo de perder o amor do parceiro, com o envelhecimento. A ideia de que elas são ou parecem mais jovens do que eles são compartilhados pelos dois. Tanto pela energia delas, a capacidade de fazer muitas coisas, de desejar se aventurar e fazer coisas diferentes, enquanto eles preferem ficar em casa vendo televisão e namorando, quanto pela aparência. Eles, em vários casos, parecem mais velhos fisicamente ou da mesma idade. As mulheres têm muito mais recursos para parecer mais jovens (tintura do cabelo, roupas, corpo etc.). Mas, o mais importante, é que eles não enxergam a idade delas, isso não é importante para eles. Mas, para elas é muito importante. Daí a necessidade de reforçar que eles é que são mais velhos. Elas são superiores, mas não mais velhas. (Goldenberg, 2017)

As mulheres representam a maioria da população brasileira, pois, no Censo do IBGE de 2022, dos 203.080.756 habitantes, 104.548.325 (51,5%) eram mulheres e 98.532.431 (48,5%) eram homens. Um excedente de 6.015.894 mulheres em relação ao número de homens. O Censo 2022 também revelou que as mulheres são responsáveis por quase metade dos lares brasileiros. Dos cerca de 72,5 milhões de unidades domésticas (conjunto de pessoas que vivem em um domicílio particular), 36 milhões (49,1%) tinham responsáveis do sexo feminino, estando a grande maioria concentrada na região Nordeste. Em 10 estados, o percentual de mulheres responsáveis pela unidade doméstica foi maior que 50%: Pernambuco (53,9%), Sergipe (53,1%), Maranhão (53,0%), Amapá (52,9%), Ceará (52,6%), Rio de Janeiro (52,3%), Alagoas e Paraíba (51,7%), Bahia (51,0%) e Piauí (50,4%). (IBGE, 2025)

Mesmo diante desse quadro, as mulheres continuam enfrentando barreiras estruturais nos campos da educação, da saúde, da inserção no mercado de trabalho e do acesso às políticas públicas. Tais obstáculos são sustentados por estereótipos de gênero e raça, práticas discriminatórias e padrões normativos que restringem o exercício pleno da cidadania e da autonomia feminina, agravando-se de modo significativo no contexto do envelhecimento.

Nesse sentido, Neri (2006) destaca que, ao longo do curso de vida, as mulheres estão mais expostas a condições de pobreza, a trajetórias educacionais menos extensas e a níveis ocupacionais mais baixos, fatores que contribuem para que, na velhice, sejam mais vulneráveis a doenças, incapacidades, sobrecarga do papel de cuidadora e isolamento social, quando comparadas aos homens. Tal constatação evidencia que as desigualdades de gênero acumuladas ao longo da vida se refletem de forma particularmente intensa na experiência do envelhecimento feminino.

Segundo Simone de Beauvoir (2024) no que se refere à representação da mulher velha, observa-se que sua imagem é positivamente ressignificada apenas de forma pontual, geralmente quando associada à figura da avó, uma construção semiótica que a reconecta simbolicamente à maternidade. Contudo, é importante destacar que essa figura é desprovida de poder real ou simbólico, sendo sua valorização social vinculada exclusivamente à perpetuação do papel materno, que permanece como o principal, e por vezes único, marcador de reconhecimento social atribuído às mulheres.

Outra situação interessante se refere ao estado civil da mulher idosa. Segundo Lloyd-Sherlock (2002, apud Camarano, 2004), mesmo que a velhice não seja universalmente feminina, ela possui um forte componente de gênero, pois há maior probabilidade de as mulheres ficarem viúvas e em situação socioeconômica mais difícil. Aliás, a viuvez é o estado conjugal predominante entre as mulheres idosas.

O Censo Demográfico de 2022 do IBGE trouxe a informação de que, em 2000, cerca de 41% das mulheres idosas encontravam-se na condição de viúvas. Tradicionalmente, a viuvez tem sido associada à solidão e ao isolamento social. No entanto, esse processo pode assumir significados distintos: pode representar tanto uma experiência de sofrimento e ruptura quanto uma possibilidade de libertação.

Debert (1999) observa que, para muitas mulheres idosas, especialmente aquelas que vivenciaram juventudes e vidas adultas marcadas por restrições impostas pelas normas de gênero, a viuvez pode significar um momento de autonomia e liberdade. “Elas se tornaram o maior público de teatro, passaram a sair à noite com amigas, fizeram as malas e foram conhecer o mundo.” (Priore, 2025, p 269).

Enquanto público consumidor, e com necessidades específicas, no que tange às revistas em quadrinhos, Luyten (2011) destaca a importância do *shoujo* mangá, que são voltados para o público feminino no Japão. A historiadora Valéria Fernandes, em entrevista a Pedro Cirne (Cirne, 2024), esclareceu que “*shoujo* são quadrinhos que tentam dialogar diretamente com o público feminino, mas que podem falar de qualquer tema, ou ser de qualquer gênero, além de serem interessantes para outros públicos.”

A sociedade japonesa passa por um acelerado processo de envelhecimento populacional, o que tem se refletido diretamente nos interesses dos leitores de mangás, pois, enquanto o público idoso busca narrativas que abordem suas vivências e desafios relacionados à velhice, os mais jovens demonstram curiosidade em compreender as experiências e transformações associadas ao envelhecimento.

A demanda por histórias focadas em idosos cresceu junto com seu público: 27,7% dos japoneses têm mais de 65 anos, acima dos 21,5% há apenas uma década. Os editores dizem há leitores em todos os segmentos da sociedade, de aposentados à procura de histórias com as quais se identificar, até os jovens observando sua nação envelhecer, com uma crescente preocupação com seus anos finais. (Fernandes, 2018)

Essa nova etapa permite, em certos contextos, a ressignificação dos papéis sociais e das identidades femininas, antes fortemente condicionadas pelas expectativas patriarcais, o que pode ser ratificado e fortalecido com a leitura desses mangás, pois as Histórias em Quadrinhos são um meio de comunicação poderoso que pode transmitir mensagens, promover reflexões e até mesmo estimular o senso crítico sobre questões sociais, culturais e históricas, como disse Atsuko Ito, 66 anos, “Então, às vezes, quando um personagem principal toma uma decisão, eu penso: 'Eu também posso fazer isso', e isso me dá coragem para minha vida diária.” (Fernandes, 2018)

No Brasil há um enorme público para essa categoria de mangás. A maior presença feminina entre a população idosa deve-se, em grande parte, à maior taxa de mortalidade entre os homens. Conforme o Censo Demográfico 2022 do IBGE, em 1980, a expectativa de vida das mulheres superava a dos homens em 6,4 anos, e essa diferença aumentou para 8,7 anos em 2000. Esse predomínio feminino na velhice gera implicações relevantes para a formulação de políticas públicas, uma vez que muitas dessas mulheres encontram-se viúvas, com baixa escolaridade, histórico de pouca ou nenhuma inserção no mercado formal de trabalho e condições de saúde geralmente mais precárias.

Observa-se ainda que, com o avanço da idade, cresce a proporção de mulheres viúvas e diminui a de casadas. Para Dias e Serra (2018), tal disparidade está relacionada, por um lado, à maior longevidade feminina e, por outro, a normas culturais que incentivam uniões entre homens mais velhos e mulheres mais jovens. Além disso, para os autores, devido a fatores socioculturais, os homens viúvos tendem a se recasar com mais frequência do que as mulheres na mesma condição.

Diante desse cenário, a velhice bem-sucedida não deve ser entendida como responsabilidade individual; pressupõe um suporte ampliado, com a participação de profissionais, famílias, idosos, comunidade e Estado.

Apesar da vulnerabilidade social afetar significativamente as idosas, especialmente aquelas com menor escolaridade e inserção no mercado de trabalho, observa-se que a proporção de mulheres sem rendimentos é relativamente menor entre as viúvas. Essa realidade pode ser explicada pelo fato de que muitas dessas mulheres recebem benefícios da Seguridade Social provenientes de pensões por viuvez ou aposentadorias do cônjuge, uma vez que, em sua

maioria, não exerceram atividades remuneradas formais ao longo da vida laboral, o que explica a baixa proporção de viúvas sem rendimentos (3,7%)

De acordo com os “Retratos Sociais das Pessoas Idosas no Brasil” (2022), a velhice constitui uma etapa da vida marcada por grande heterogeneidade, sendo profundamente influenciada por fatores sociais, econômicos e culturais, que moldam, tanto a forma como a mulher idosa é percebida pela sociedade, quanto sua própria autoimagem. Nesse cenário, os meios de comunicação exercem papel fundamental na produção e disseminação de representações sociais, contribuindo para a consolidação de estereótipos da mulher idosa, como nos casos das imagens de circulação digital.

Figura 16: Imagens estereotipadas de pessoas idosas



Fonte: WhatsApp

Isso porque os idosos são mostrados como extremamente ativos, saudáveis, sem limitações físicas e com corpos que desafiam a idade biológica, que não representam a grande maioria desta faixa etária. O objetivo muitas vezes é negar a própria velhice, promovendo um "culto ao corpo" que pressiona os idosos a se manterem dentro de padrões de juventude, em uma abordagem que ignora a diversidade das experiências de envelhecimento e cria expectativas irreais. A representação como reflexo, ou melhor, como distorção da realidade.

Observa-se que a mídia, sobretudo a televisiva e a publicitária, tende a invisibilizar a beleza do envelhecimento feminino, ao exaltar padrões de juventude e perfeição estética muitas vezes construídos artificialmente por meio de softwares de edição de imagens ou Inteligência Artificial (IA). Tal padrão estético, inatingível e excludente, reforça a opressão estética sobre as mulheres idosas, provocando impactos significativos na autoestima e refletindo negativamente em diversas esferas da vida, como nas relações afetivas, na vivência da sexualidade e na inserção profissional. Suas histórias, experiências e contribuições são frequentemente negligenciadas, o que leva a uma compreensão e reconhecimento limitados de suas diversas perspectivas.

Outro grande desafio enfrentado por essas pessoas são as oportunidades limitadas. Minorias sub-representadas têm poucas oportunidades de participação na produção de mídia e nos processos de tomada de decisão. Essa falta de representatividade nos bastidores dificulta ainda mais a representação autêntica de suas histórias.

A legislação brasileira começa a se movimentar muito lentamente nesse sentido³, o que pode ser considerado como um avanço social, mas ainda muito distante do mínimo ideal. É injusto e não há como fazer comparações entre uma mulher de 70 anos e outra de 20 ou de 30, seria a mesma coisa que comparar um bebê com uma jovem de 20 anos! Cada idade tem a sua beleza e as suas dores. Torna-se crucial, portanto, que a representação da beleza madura seja amplamente disseminada e valorizada em todas as esferas midiáticas.

No contexto de sua obra "O melhor momento" (2012), Jane Fonda postula que "nunca é tarde para escolher a si mesma, uma vez que a celebração da própria vitalidade constitui, em qualquer fase da vida, um ato político de resistência." Tal afirmação sublinha a urgência e a necessidade de que as mulheres idosas sejam capacitadas a exercer a autonomia sobre suas próprias escolhas, e que aprendam a escolher a si mesmas, reconhecendo e usufruindo do privilégio de uma existência longa. Isso merece ser festejado.

No próximo capítulo, o foco será a Análise Crítica do Discurso, que oferece um arcabouço robusto para desmistificar as mensagens veiculadas nas Histórias em Quadrinhos. Essa abordagem revela como elas participam da construção da realidade social e das relações de poder, transcendendo a mera função de entretenimento.

³ Projeto de Lei do Senado- PLS 691/07, fica proibida a exibição pública da imagem de profissionais da área com Índice de Massa Corporal (IMC) inferior a 18.

2. SOBRE A ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

A Análise Crítica do Discurso (ACD) integra o conjunto de ciências que investigam a linguagem, adotando uma abordagem interdisciplinar que compreende o discurso como prática social e, portanto, inseparável das estruturas de poder, ideologia e dominação presentes na sociedade, uma vez que é justamente por meio da linguagem que se constrói o acesso ao mundo. (Fairclough, 2001, p. 94)

Dentre seus principais teóricos, destaca-se o linguista britânico Norman Fairclough, atualmente com 84 anos, cuja concepção de discurso envolve três dimensões integradas: o texto (linguagem propriamente dita), a prática discursiva (processo de produção e interpretação) e a prática social (contexto ideológico e institucional em que o discurso ocorre). (Fairclough, 2001, p. 89). A ACD busca evidenciar como a linguagem contribui para a (re)produção de relações sociais, assim como para sua contestação e transformação.

Para Fairclough, o contexto está diretamente relacionado à prática discursiva, ou seja, a forma como se interpreta o que é dito ou escrito, em uma determinada situação, depende do tipo de discurso. Por isso, o autor leva em consideração o contexto de situação (a leitura da situação comunicativa) e o contexto sequencial (o tipo de discurso) para compreender o enunciado (Fairclough, 2001, p. 112).

De acordo com ele, os textos são compreendidos na sua relação com as condições sociais, o que envolve as condições imediatas do contexto situacional e as condições das estruturas institucionais e sociais. Assim, as noções de texto, prática discursiva e prática social esclarecem a relação dialética entre discurso e estrutura social. (Fairclough, 2001 p. 91).

A escolha dessa abordagem justifica-se pelo seu potencial crítico ao examinar como a linguagem é utilizada para manter ou desafiar estruturas simbólicas, sobretudo no que tange à representação de grupos historicamente marginalizados, como os idosos. Os discursos, inclusive aqueles que envolvem o tema da pessoa idosa são manifestados nos modos particulares de uso da linguagem e de outras formas simbólicas, tais como imagens visuais, eles não apenas refletem ou representam entidades e relações sociais, eles as constroem ou as constituem. (Fairclough, 2001, p.22)

A partir da concepção saussuriana de linguagem como um sistema de signos definido por diferenças, compreende-se que a representação da pessoa idosa nas obras de Zidrou *A obsolescência programada de nossos sentimentos* e *A adoção*, é estruturada por oposições simbólicas que organizam o campo semântico da velhice, como jovem/velho, autonomia/dependência, utilidade/descartabilidade e vitalidade/declínio.

Esses contrastes, que determinam o valor dos signos na arquitetura textual, constituem apenas uma dimensão do fenômeno discursivo. Ao integrar a perspectiva dialógica da linguagem formulada pelo Círculo de Bakhtin, torna-se possível perceber que tais signos não são apenas elementos estruturais, mas unidades impregnadas de vozes sociais, marcadas por confrontos de valores e posições enunciativas.

A teoria do discurso desenvolvida pelo Círculo de Bakhtin oferece uma leitura dialógica da linguagem, na qual todo enunciado é compreendido como resposta a outros enunciados anteriores e antecipação de outros futuros, onde, o conceito de dialogismo propõe que os discursos estão sempre atravessados por múltiplas vozes sociais, refletindo tensões ideológicas e culturais, e a noção de polifonia, a coexistência de diferentes vozes em um mesmo texto, permite compreender como os sujeitos são constituídos discursivamente em interação com o outro e com a sociedade. (Fairclough, 2001, p. 92)

No caso das representações da velhice, essa perspectiva é essencial para evidenciar os conflitos entre discursos hegemônicos (marcados pelo ageísmo e estereótipos) e discursos contra-hegemônicos (que ressignificam o envelhecimento), de forma que a articulação entre ACD e dialogismo oferece uma base teórica sólida para a análise dos quadrinhos de Zidrou, como práticas discursivas inseridas em um contexto cultural e ideológico.

2.1. A linguagem como forma de construção e transformação social

As representações sociais da velhice são constituídas historicamente por meio de discursos que muitas vezes reforçam estigmas. Eles cristalizam imagens que limitam a identidade e a participação social da pessoa idosa, contribuindo para sua invisibilização e adoecimento emocional e a linguagem, longe de ser apenas um instrumento de comunicação neutro (Bakhtin, 1998, p.100), é um dos principais meios de construção da realidade social visto que por ela, identidades são formadas, valores são disseminados e normas sociais são naturalizadas (Fairclough, 2001, p.91).

Portanto, a linguagem ocupa um papel central tanto na reprodução quanto na contestação de estigmas sociais e, por meio da Análise Crítica do Discurso (ACD) nas obras de Zidrou, busca-se compreender de que modo os usos linguísticos podem funcionar como formas de resistência simbólica ao ageísmo e aos processos de marginalização das pessoas idosas, evidenciando a dimensão política e transformadora do discurso.

Assim, as formas de falar sobre a velhice, o corpo envelhecido e os papéis sociais atribuídos às pessoas longevas, revelam ideologias profundas que impactam diretamente a forma como esse grupo é percebido e tratado na sociedade.

O caráter social da vida humana é revelado, segundo Bakhtin, pela compreensão de que a existência se dá na fronteira entre o “eu” e o “outro”, e se realiza por intermédio da linguagem. A palavra, presente em todas as formas de interação, é tecida por múltiplos fios ideológicos e constitui o elemento fundamental que organiza e sustenta as relações sociais, funcionando, assim, como instrumento de interação e construção de sentido.

“As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É, portanto, claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem-formados. A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de adquirir uma nova qualidade ideológica, que ainda não tiveram tempo de engendrar uma forma ideológica nova e acabada. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais.” (Bakhtin, 2014, p. 42)

Para Bakhtin (2003), toda atividade humana está vinculada ao uso da linguagem, cuja compreensão só se torna possível no âmbito da interação verbal entre os sujeitos, sendo que é no processo comunicativo que a língua se concretiza, e se materializa em enunciados, orais ou escritos, concretos e únicos, que emanam dos integrantes de uma ou de outra esfera da atividade humana.

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não apenas por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua, recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais, mas também e, sobretudo, por sua construção composicional. (Bakhtin, 2003, p. 261).

A partir da concepção de linguagem, que compreende a palavra como elemento presente em toda e qualquer atividade humana, Bakhtin (2014) formula seu conceito de dialogismo, entendido como a relação de sentido que se estabelece entre enunciados, cada um deles social e ideologicamente situado. No âmbito da linguagem, a dialogicidade constitui a propriedade que mantém a língua viva e concreta, ultrapassando o modelo de comunicação face a face (Bakhtin, 2014, p 35), pois todo discurso é, inevitavelmente, atravessado pela voz e pela presença do “outro”.

[...] todos os enunciados no processo de comunicação, independentemente de sua dimensão, são dialógicos. Neles, existe uma dialogização interna da palavra, que é perpassada sempre pela palavra do outro, é sempre inevitavelmente também a palavra do outro. Isso quer dizer que o enunciador, para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu. Por isso, todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio (Fiorin, 2008, p. 19).

Segundo Fiorin (2017), só é possível discutirmos a enunciação a partir de um posicionamento de estudo do discurso centrado na interação verbal, considerando a história e o lugar social dos sujeitos discursivos. A enunciação é a instância de mediação entre as estruturas semionarrativas e as do discurso; ela é o lugar do exercício da competência semiótica, constituída das estruturas semionarrativas. Ao mesmo tempo, é a instância de instauração do sujeito da enunciação, que atua em um tempo específico, o “agora” e em um espaço determinado, o “aqui”. (Fiorin, 2017, p. 976) (grifo nosso).

Quando produz um ato de fala, o enunciador apropria-se do conhecimento linguístico e, ao fazê-lo, institui-se como “eu”. “Eu” é quem diz “eu”, quem toma a palavra. Então, o ato de dizer estabelece um “eu” e, ao mesmo tempo, como esse “eu” fala para alguém, ele constitui simultaneamente um “tu”. Esse “eu” fala num determinado espaço, que é o “aqui”, o lugar do “eu”. A partir desse marco espacial, são estabelecidas todas as diferenças de espaço: por exemplo, em português, aqui, ali, lá, acolá, etc. Além de falar num dado espaço, o “eu” fala num certo tempo, o “agora”. **O “agora” é o momento da fala. “Agora” é o momento em que o “eu” toma a palavra.** (Fiorin, 2017, p.971,972)
(grifo não constante do original)

Benveniste (1974) diz que o tempo linguístico é radicalmente diferente do tempo físico e do tempo cronológico, porque o tempo linguístico se constitui na e pela linguagem, ou seja, o “agora” é o momento em que se toma a palavra, não importando em qual momento do tempo físico ele esteja colocado (Benveniste, 1974, p. 73). A importância desse enfoque se revela também na análise de como o autor utiliza a HQ para transmitir sua própria visão de mundo, influenciando o leitor a refletir e compreender certas perspectivas contemporâneas, como no presente caso, a questão do envelhecimento.

Compreender é participar de um diálogo com o texto, mas também com seu destinatário, uma vez que a compreensão não se dá sem que entremos numa situação de comunicação, e ainda com outros textos sobre a mesma questão. Isso quer dizer que a leitura é uma obra social, mas também individual. Na medida em que o leitor se coloca como participante do diálogo que se estabelece em torno de um determinado texto, a compreensão surge da sua subjetividade. Ela é tributária de outras compreensões. Ao mesmo tempo, como o leitor participa desse diálogo mobilizando aquilo que leu e dando a todo esse material uma resposta ativa, sua leitura é singular (Fiorin, 2008, p. 6)

Assim, a análise das representações que Zidrou traz em suas histórias sob a perspectiva da ACD, evidencia os mecanismos discursivos que perpetuam ou contestam tais estigmas, bem como a contextualização sócio-histórica, pois as Histórias em Quadrinhos são “produtos de seu tempo”, o que permite analisar como seu discurso interage como o contexto social, político e cultural, de sua elaboração e distribuição.

A crítica ao discurso estigmatizante permite não apenas desnaturalizar os sentidos impostos à velhice, mas também abrir espaço para novos significados e formas de reconhecimento social, refletindo valores outros.

Dessa forma, quem sabe um dia nossos dicionários não mais atribuam termos pejorativos, mas ao consultarmos o verbete “velho” encontremos: pessoa que teve vida longa; pessoa que adquiriu sabedoria com o passar dos anos; aquele que não morreu jovem; aquele cujos cabelos brancos representam vitória sobre as intempéries da vida”.

2.2. A multimodalidade na construção do discurso nos quadrinhos

Os quadrinhos são um gênero discursivo multimodal, ou seja, integram diferentes modos de significação, textual, visual, espacial e simbólica, que atuam de forma complementar na construção de sentidos. A imagem dos quadrinhos é o desenho manual, que revela a intenção do desenhista na emissão do ato sêmico e transforma o desenho em mensagem icônica, carregando em si, além das ideias, a arte, o estilo do emissor. (Cagnin, 1975, p. 33)

Cabe ainda distinguir o desenho enquanto técnica e linguagem. O primeiro pode ser aprendido e reproduzido por meio de treino e prática, já o desenho enquanto linguagem, entendida como sistema de significação vai além da mera ilustração, pois articula pensamento visual, constituindo-se um processo em que a imaginação adquire forma e voz. (Ching e Juroszek, 2001, p.9).

Às vezes, a “voz”, enquanto texto oral, nem é preciso, pois, “quando a personagem não tem nada a dizer, somente a ação mostrada na imagem é bastante eloquente para explicar a cena e movimentar a narrativa” (Cagnin, 1975, p. 184), o que solidifica as HQs como um meio de comunicação único, onde a leitura se dá muitas vezes pela interpretação da sequência de cenas e gestos, sem a necessidade de um suporte verbal constante, evidenciando a sua potência comunicativa intrínseca."

A partir dos estudos e pesquisas foi possível elencar os principais recursos semióticos comumente utilizados nos quadrinhos: o quadro, a linha demarcatória, o balão, a cor, a calha, as linhas cinéticas e os recursos presentes no modo expressão corporal/facial, as cores e outros elementos compõem uma linguagem complexa que, com sua função de complementariedade, amplia as possibilidades de representação. É o que nos ensina o mestre Cagnin (1975)

Ao se debruçar sobre os elementos constitutivos das histórias em quadrinhos, Cagnin analisa separadamente os elementos constitutivos da imagem, com destaque para a percepção visual, os contextos, as possibilidades da leitura da imagem, os meios expressivos (abrangendo planos, os ângulos, as perspectivas), os estilos de desenhos etc. Não o faz com o sentido de separar um elemento do outro, mas apenas como estratégia metodológica enfatizando que deve-se ter “sempre em mente a função de complementariedade que os une” (Cagnin, 1975, apud Vergueiro, Santos, 2015, p. 16)

Na análise das obras de Zidrou, é fundamental considerar essa multiplicidade semiótica, pois os sentidos atribuídos à velhice não estão apenas no texto verbal, mas também nas formas visuais que sugerem emoções, relações sociais e transformações identitárias. Assim, a multimodalidade é tratada como parte integrante do discurso, contribuindo para uma leitura mais rica e crítica das narrativas.

No que se refere ao processo de leitura das Histórias em Quadrinhos, Bari (2008, p. 5) concebe essa prática como um diálogo estabelecido entre autor e leitor, no qual a articulação entre linguagem verbal e imagética possibilita a construção de uma experiência de leitura marcada por uma diversidade de significados. Segundo a autora, trata-se de uma experiência “intensa, contínua, de significados vinculados e vinculantes do pensamento e da realidade, da subjetividade e da objetividade”. Nesse sentido, as HQs configuram-se como um suporte relevante para o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores, favorecendo a compreensão e a elaboração de conceitos e juízos de maior complexidade.

Quando uma imagem é representada com competência estética e comunicativa, sua exposição tem o potencial de ativar lembranças partilhadas, desencadeando processos de reconhecimento que afetam diretamente o campo emocional do observador, instaurando, assim, uma memória coletiva da experiência vivida, “é precisamente por isso que a forma humana e a linguagem dos seus movimentos corporais tornam-se os ingredientes essenciais dos quadrinhos” (Eisner, 2010, p.103).

Figura 17: Quadros da HQ *A Obsolescência*, com o personagem Ulisses no último dia de trabalho.



Fonte: Zidrou, 2022, p. 15

Nesta página 15, da história *A obsolescência programada de nossos sentimentos*, temos a primeira aparição do personagem Ulisses que está em seus últimos minutos de trabalho. Em decorrência do “enxugamento”, depois de 40 anos de labor, a empresa (Mudanças Clément) lhe concedeu a aposentadoria, aos 59 anos de idade.

A falta de palavras reforça o silêncio discursivo que permeia os primeiros quatro quadros. Este silêncio que não é ausência de sentido, mas sua condensação simbólica. Essa estratégia intensifica a dimensão emocional da narrativa e convida o leitor a preencher as lacunas interpretativas, o que, segundo Bakhtin, constitui o princípio dialógico do discurso: o sentido nasce na interação entre texto e leitor (Fairclough, 2001, p. 21).

Depois, no 5º quadro, Ulisses reflete: “Então isso é a aposentadoria?” E, no 6º e último quadro, quase como uma resposta, outra pergunta: “Esta sensação de vazio?” A economia verbal também sugere a impossibilidade de dizer, um esgotamento simbólico que dialoga diretamente com o tema da obsolescência, tanto dos objetos quanto dos próprios sujeitos, quando socialmente descartados.

Os demais elementos que constituem as HQs também contribuem para o sentido das cenas e das histórias, razão pela qual precisam ser “lidos”. Por exemplo, a sequência inicial de cinco quadros (mostrando as mãos dobrando uma peça de roupa) utiliza planos fechados e ângulos próximos, que destacam a gestualidade cotidiana e banal do trabalho manual. Essa proximidade cria uma atmosfera de intimidade e repetição, evidenciando o caráter mecânico da ação (depois de 40 anos de prática).

Já no quadro inferior, o enquadramento se amplia, Ulisses é mostrado de corpo inteiro, de costas, diante de um caminhão, com a cabeça e os ombros curvados. O plano aberto e o ângulo ligeiramente superior produzem um efeito de distanciamento e pequenez, pois o personagem parece “engolido” pelo espaço, o que reforça visualmente seu sentimento de ser descartável.

Podemos mencionar ainda a importância das calhas (os espaços em branco entre os quadros) que funcionam como pausas significativas, impondo ao leitor um ritmo lento, quase contemplativo, que espelha a rotina repetitiva e silenciosa do personagem. Cada calha representa uma elipse temporal mínima, mas carregada de tensão: nelas, o leitor projeta a passagem do tempo e a introspecção do trabalhador. O vazio das calhas, assim como o silêncio verbal, metaforiza o vazio existencial do sujeito retratado, que não sabe o que o espera o “amanhã”.

A paleta cromática dominada por tons acinzentados e azulados evocam frieza, desgaste e monotonia, a saturação é baixa, o que contribui para o sentimento de esgotamento e apagamento. O cinza do uniforme e das paredes reforça a fusão entre o trabalhador e o ambiente industrial: ele se torna parte da engrenagem, quase indistinto do cenário, já a ausência de cores quentes elimina qualquer sensação de vitalidade, compondo uma atmosfera melancólica.

Roberto Elísio dos Santos (2015) ensina que “as histórias em quadrinhos contêm elementos artísticos facilmente perceptíveis, seja em relação ao aspecto narrativo-textual do roteiro, seja quanto elemento plástico que mais se destaca na sua leitura, o desenho.” (p. 25). É que um dos traços distintivos das histórias em quadrinhos é o balão. (p. 29)

Os balões são compostos por um contorno, a linha que o envolve e o apêndice que se alonga para fora do balão e aponta para a cabeça do personagem que fala, o rabicho, com um conteúdo escrito. Estes detalhes têm grande relevância para a narrativa visual e para organizar as informações para o leitor.

Eles são elementos gráficos que além das falas, podem indicar cochichos, pensamentos, gritos, sons vindos de aparelhos eletrônicos, utilizando diferentes formatos e contornos para comunicar o tom e o tipo de vocalização. Além de palavras eles também podem conter símbolos como interrogação (?), indicando dúvida, exclamação (!), admiração, ou ainda notas musicais, canto, ou uma lâmpada representando uma ideia, e muitos outros. Abaixo, no primeiro quadro temos Gabriel e Rysette conversando no carro e acabam trocando beijos e carinhos, o que se revela ao leitor com os corações dentro do balão, e .no segundo, Gabriel ao telefone e o balão com três pontinhos (...) indica a resposta de sua filha Brigitte.

Figura 18: Quadros da HQ *A Adoção* com símbolos gráficos



Fonte: Zidrou, 2024, p.39

O tamanho da fonte deve ser considerado, pois, letras grandes podem indicar que o personagem está falando alto, gritando, assim como a forma da letra e suas cores também são sugestivas de um tom de voz alterado, ou da emoção do momento.

As onomatopeias são palavras que imitam sons, sendo um recurso visual e sonoro crucial para dar vida às narrativas. São usadas para representar barulhos de ações, objetos, animais e pessoas, como "bum" para uma explosão, "miau" para um gato ou "cof cof" para uma tosse. Artistas manipulam o formato, tamanho e cor da letra para aumentar a expressividade, podendo estar dentro ou fora de balões de fala. Nas cenas abaixo, da novela gráfica *A Adoção*, elas se destacam para indicar chuva e uma campainha tocando.

Figura 19: Quadros da HQ *A Adoção* com onomatopeias



Fonte: Zidrou, 2024

As limitações da imagem fixa exercitam a imaginação dos artistas na procura de sinais que deem vida à figura. Nas HQs, as linhas cinéticas são linhas de movimento que indicam a trajetória e a velocidade de personagens e objetos, tornando a narrativa mais dinâmica e visualmente envolvente. Elas ajudam o leitor a entender a ação, como o caminho de um carro rápido, um soco ou a vibração de um celular. Por exemplo, na cena abaixo, as linhas cinéticas indicam o movimento da água quando a pequena Qinaya pula na piscina e brinca com a água, para alegria de seus avós, Rysette e Gabriel.

Figura 20: Quadro da HQ *A Adoção* com linhas cinéticas



Fonte: Zidrou, 2024

Os diversos tipos de leitores farão vários relacionamentos entre o que veem e suas experiências passadas, já que a figura suscita uma comparação com o acervo de imagens sensoriais. A adequação com algumas delas é que leva à representação de um determinado objeto e posteriormente a um significado (p. 48). Como enunciado, a imagem se torna unidade de discurso, unidade de comunicação e, como tal, unidade do discurso narrativo. (p. 82) (Cagnin, 1975). No estudo da arte sequencial, todos estes elementos multimodais se unem para formar a narrativa e para construir sentido, sendo certo que “A linguagem dos quadrinhos está longe de ser uma ‘camisa de força’. Os recursos estão em constante processo de mudança” (Ramos, 2007, p.212).

Essa abordagem envolve a análise de sua estrutura composicional, dos aspectos semióticos que regem a interação entre linguagem verbal e visual, bem como de suas potencialidades pedagógicas e de seu papel na cultura e na sociedade contemporânea. Portanto, a multimodalidade nos quadrinhos é o princípio estruturante do discurso, na medida em que ela organiza como o leitor interpreta o tempo, o espaço, a emoção e o enredo. Os sentidos emergem na interface entre texto e imagem, forma e conteúdo, linearidade e simultaneidade.

Nesse contexto, as Histórias em Quadrinhos, por sua natureza híbrida e expressiva, possuem grande potencial para ressignificar representações sociais, especialmente no que se refere à imagem dos idosos, apresentando personagens envelhecidos como protagonistas. Dessa forma, os quadrinhos se tornam-se um espaço discursivo apto para a construção de novos sentidos sociais, capazes de promover empatia, valorização da experiência e reconhecimento da diversidade que marca o envelhecimento humano.

A escolha da Análise Crítica do Discurso como abordagem metodológica para a presente pesquisa justifica-se por sua capacidade de revelar as relações entre linguagem, poder e ideologia nas representações da velhice. Ao integrar os aportes de Fairclough e do Círculo de Bakhtin, a análise adquire uma dimensão dialógica e crítica, que permite explorar a complexidade dos discursos presentes nas obras *A obsolescência programada de nossos sentimentos* e *A adoção*.

Além disso, a atenção à linguagem multimodal dos quadrinhos amplia o olhar analítico, permitindo compreender como texto e imagem constroem, em conjunto, discursos que podem tanto reforçar quanto subverter estereótipos etários. Por meio dessa abordagem, espera-se não apenas interpretar os sentidos atribuídos à velhice nas narrativas, mas também contribuir para o debate sobre o papel da arte na formação de uma cultura mais inclusiva e sensível às questões do envelhecimento.

2.2.1. Histórias em Quadrinhos e seu potencial de pesquisa

Em razão de sua natureza multimodal e caráter interdisciplinar, as Histórias em Quadrinhos se apresentam como um objeto de estudo de grande relevância e vêm conquistando espaço cada vez mais expressivo no meio acadêmico. Sua capacidade de representar e comunicar realidades sociais, históricas e culturais, aliada à diversidade semântica, à sofisticação de sua expressão artística e ao potencial como ferramenta pedagógica, tem despertado o interesse de pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento.

Mas nem sempre foi assim. Dos anos 1940 à década de 1960, as Histórias em Quadrinhos foram fortemente criticadas, seja por parte de grupos conservadores, que as viam como um produto disseminador de ideias perniciosas, que afastam crianças e jovens da literatura e dos

estudos, seja dos teóricos críticos, que as consideravam produtos de baixo nível cultural, que induziam comportamentos sociais indesejados (Vergueiro; Santos, 2015, p. 24).

Após a Segunda Guerra Mundial, as atrocidades reveladas nos campos de concentração e o impacto das bombas atômicas expuseram a humanidade a um terror sem precedentes, instaurando um clima de medo e desesperança, sendo este um dos motivos que são associados ao crescimento e popularização dos quadrinhos de crime e terror, que se tornaram um fenômeno cultural significativo nos anos seguintes.

Diante do aumento da delinquência juvenil nos Estados Unidos, entre o final da década de 1940 e o início da de 1950, diversos setores da sociedade preocupados com a formação moral das novas gerações, passaram a responsabilizar as mídias, de especial forma, as Histórias em Quadrinhos por supostamente estimular condutas consideradas antissociais ou moralmente inadequadas. (Cassoni, 2016).

Esse quadro foi acentuado em grande escala, com a publicação do livro do psicólogo alemão Fredric Wertham, “Sedução dos Inocentes”, em 1954. Ele alegava que os quadrinhos corrompiam os valores morais dos jovens, apresentando o crime e a imoralidade de forma glamourosa ou aceitável razão pela qual elas eram a principal causa da delinquência juvenil e de outros problemas sociais nos Estados Unidos.

Nobu Chinen entende que não se pode lançar toda a responsabilidade da aversão aos quadrinhos sobre o livro de Wertham, mas que sem dúvida alguma, ele “foi o rastilho de pólvora que se ascendeu num ambiente altamente inflamável” (Chinen, 2013, p.2).

Assim como nas outras artes (Cinema, Literatura, Teatro) existem conteúdos voltados para o público infantil, o mesmo ocorre com a Nona Arte, que, como um hipergênero (Ramos, 2025, p. 20), composto por diversos gêneros autônomos (tiras, charges, *graphic novels*, etc.), que, por sua vez, podem subdividir-se em subgêneros temáticos, a exemplo dos quadrinhos de terror, romance, erotismo, autobiográfico, adaptação literária, reportagem jornalísticas ou voltados ao público infantil.

No entanto, para se chegar a esse “status” de Nona Arte, e bem acolhida nas escolas e universidades, há que se falar da importância de pioneiros da pesquisa sobre quadrinhos no Brasil, como José Marques de Melo, Álvaro de Moya, Sonia Maria Bibe Luyten, Moacyr Cirne, Antônio Luiz Cagnin e Waldomiro de Castro Santos Vergueiro, pesquisadores que sofreram muita rejeição, principalmente nas décadas de 1960 e 1970, ao tema no ambiente acadêmico (Vergueiro et al., 2013, p.8.) entre outros, que insistiram em seus estudos mesmo diante do preconceito no meio acadêmico, e atuaram como guias dos futuros pesquisadores e estudantes universitários.

No livro “Os Pioneiros no estudo de quadrinhos no Brasil” temos uma ideia da grande contribuição desses mestres:

Sonia Bibe Luyten é doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1987) e uma pesquisadora especialista em histórias em quadrinhos e na cultura pop do Japão. Tem 50 anos de profissão ligado às Histórias em Quadrinhos. Em 1972 criou na Escola de Comunicação e Artes da USP a disciplina Editoração de Histórias em Quadrinhos. Ministrou também a primeira matéria de Pós-graduação em Histórias em Quadrinhos em 1983 na ECA/USP, e incluiu a categoria de teses (TCC, Mestrado, Doutorado) no Troféu HQMIX.

Waldomiro Vergueiro (25/07/1956 – 69 anos), é um bibliotecário, escritor, professor universitário. Frequentou as aulas sobre Histórias em Quadrinhos da Prof. Sonia Luyten, e sua tese de mestrado foi Histórias em quadrinhos: seu papel na indústria de comunicação de massa, em 1985. Em 1990, juntamente com Moya e Cirne criam o atual Observatório de Histórias em Quadrinhos. Foi um dos organizadores das Jornadas Internacionais de Quadrinhos, em 2011, que perduram até hoje com extremo sucesso. (Vergueiro et al, 2013)

José Marques de Melo (15/06/1943 – 20/06/2018-75 anos), foi o coordenador da primeira pesquisa científica sobre HQs no Brasil, em 1967, foi o fundador dos cursos de Jornalismo e de Editoração da então Escola de Comunicações Culturais, hoje Escola de Comunicações e Artes -ECA/USP; em 1989 foi Diretor da ECA/USP e convidou os professores Álvaro de Moya, Antonio Luiz Cagnin e Waldomiro Vergueiro para criar uma Comissão de Eventos sobre Histórias em Quadrinhos que, em 1990, resultaria na criação do Centro de Estudos das Histórias em Quadrinhos, que passou a ser chamado Núcleo de Pesquisa de Histórias em Quadrinhos., hoje Observatório de Histórias em Quadrinhos, na área da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Antonio Luiz Cagnin (13/06/1930-08/10/2013 – 83 anos) foi professor universitário, semiólogo e pesquisador de Histórias em Quadrinho. Sua dissertação de Mestrado resultou, em 1975, no livro Os Quadrinhos (trabalho pioneiro nessa área no Brasil, perfila-se entre os mais importantes estudos teóricos já feitos sobre HQs- Vergueiro, Santos,2015). Ingressou na USP em 1984. Em 1986, iniciou uma pesquisa sobre Angelo Agostini, pioneiro da história em quadrinhos no Brasil. Em 1990 formou, ao lado de Moya e Vergueiro o hoje Observatório de Histórias em Quadrinhos.

Álvaro de Moya (19/07/1930 – 14/08/2017-87 anos) foi jornalista, escritor, produtor, ilustrador e diretor de cinema e televisão, professor da USP, pesquisador de quadrinhos. Foi o organizador da I Exposição Internacional de Histórias em Quadrinhos no Brasil em 18 de junho de 1951, da Gibiteca Henfil, da Gibiteca do SESI- Serviço Social da Indústria, que em sua inauguração organizou o ciclo de debates “Heróis e Vilões” em 28.11.2002. Também foi organizador do livro Shazam! (1977) e autor de História das Histórias em Quadrinhos (1994), e A Reinvenção dos Quadrinhos (2012). Em 1990 formou, juntamente com Vergueiro e Cagnin, o hoje Observatório de Histórias em Quadrinhos.

Moacyr Cirne (13/03/1943-11/01/2014 -71 anos), foi professor da Universidade Federal Fluminense, Departamento de Comunicação Social, onde lecionava disciplinas sobre Histórias em Quadrinhos e ficção científica. Trabalhando na Revista de Cultura Vozes, nos anos 70, como secretário de redação editou vários números sobre a ideologia dos quadrinhos, o mundo do super-heróis. Ainda investiu na produção dos livros A explosão criativa dos quadrinhos (1970), A linguagem dos quadrinhos (1971), Para ler os quadrinhos (1972). Ele defendia que os quadrinhos e as produções artísticas, em geral, deveriam ter uma função social no sentido de transformar a realidade. (Ito, 2015)

Graças a estes pioneiros, e a outros que continuam nesta vereda tão gratificante, o campo de estudo das HQs na academia cresceu, abrangendo pesquisas em graduação e pós-graduação que passaram a receber prêmios, como o Troféu HQ/MIX:

Com o aprimoramento dos critérios de avaliação, também passaram a receber premiações as reportagens noticiosas e os trabalhos acadêmicos de 37 grau, como trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses sobre o tema. Nos dezenove anos seguintes, a importância do prêmio chamado de TRÓFEU HQ/MIX só tem acrescentado prestígio à produção de histórias em quadrinhos no Brasil (Bari, 2008, p 53).

Somado a isso, o uso de quadrinhos como recurso didático nas escolas, proporcionado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), é destacado por Vergueiro (2017) como caminho para um aumento no número de leitores e das possibilidades de aplicação desse recurso em sala de aula, concorrendo para o crescimento do mercado de trabalho nessa área, não apenas lançando em terra, mas enterrando o preconceito de que os quadrinhos reproduzem um hábito de leitura superficial, que não desafiam o leitor por serem “mais fáceis de ler”.

Muito pelo contrário, quanto ao processo de leitura das HQs, Bari (2008, p. 5) afirma que constitui um diálogo entre o autor e o leitor no qual a diversidade de significados existentes na composição entre imagens e texto contribuem para uma experiência “intensa, contínua, de significados vinculados e vinculantes do pensamento e da realidade, da subjetividade e da objetividade. Ou seja, as histórias em quadrinhos auxiliam os processos psicológicos superiores na compreensão e emissão de conceitos e juízos complexos”.

Não podemos deixar de mencionar o valor do Festival Internacional de Quadrinhos (FIQ), que ocorre a cada dois anos em Belo Horizonte, bem como a contribuição para a pesquisa em quadrinhos das várias associações, dentre elas, a Associação de Pesquisadores em Arte Sequencial (ASPAS). A ASPAS é uma associação de pesquisadores que buscam promover o desenvolvimento de pesquisas do saber científico e pedagógico relacionados à arte sequencial, com ênfase nas histórias em quadrinhos. Sediada na cidade de Leopoldina, em Minas Gerais, a ASPAS agrega pesquisadores de diferentes regiões do país e pretende-se um espaço livre e interdisciplinar.

Entre seus objetivos estão: reunir e promover grupos de pesquisa e pesquisadores, a realização de eventos como o Fórum Nacional de Pesquisadores em Arte Sequencial (FNPAS) e o Entre ASPAS, produzir estudos e pesquisas sobre artes sequenciais, estimular o diálogo entre a produção acadêmica e o trabalho docente como meio de divulgação científica, contribuir para a ampliação do corpo de pesquisadores especializados na área, entre outros.

Atualmente todas as áreas do conhecimento são passíveis de pesquisas sobre Histórias em Quadrinhos.

2.3 A Análise Crítica do Discurso e a Teoria de Fairclough

O discurso, em Fairclough (2001), pode ser definido como prática social, modo de ação das pessoas sobre as outras, sobre o mundo e como forma de representação e significação de ambos. O discurso também se constitui em uma relação dialética entre a prática social e a estrutura social, sendo a estrutura tanto condição como efeito da prática (Fairclough, 2001).

Pensar o discurso como prática social pode ter diversas orientações: econômica, política, cultural, ideológica, ou pode ainda ser atravessado por todas essas, como é o caso do *corpus* para análise nesta pesquisa: duas narrativas gráficas de Zidrou *A obsolescência programada de nossos sentimentos* e *A adoção* que evocam as dimensões política e ideológica da prática social, e por consequência a cultural.

O discurso como prática política estabelece, mantém e transforma as relações de poder e as entidades coletivas (classes, blocos, comunidades, grupos) entre as quais existem relações de poder. O discurso como prática ideológica constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder. Como implicam essas palavras, a prática política e a ideológica não são independentes uma da outra, pois a ideologia são os significados gerados em relações de poder como dimensão do exercício do poder e da luta pelo poder. Assim, a prática política é a categoria superior. Além disso, o discurso como prática política e não apenas um local de luta de poder, mas também um marco delimitador na luta de poder: a prática discursiva recorre a convenções que naturalizam relações de poder e ideologias particulares e as próprias convenções, e os modos em que se articulam são um foco de luta (Fairclough, 2001, p. 94).

Para Fairclough (2001, p. 114), a intertextualidade pode ser definida como texto que se remete a outro ou a vários outros textos, e, citando Bakhtin (p. 134), nos esclarece que a intertextualidade é o “modo como os textos e os enunciados são moldados por textos anteriores aos quais eles estão ‘respondendo’ e por textos subsequentes que eles ‘antecipam”

Na abordagem proposta por Norman Fairclough (2001), a análise do discurso não se limita ao exame textual ou à interação comunicativa imediata, mas se estende à compreensão do discurso como parte de uma prática social mais ampla, articulada com estruturas históricas, políticas, culturais e ideológicas.

Essa dimensão, considerada o nível da Análise Crítica do Discurso (ACD), permite compreender como a linguagem se insere em processos sociais maiores, nos quais relações de poder, dominação e resistência são construídas, reproduzidas ou transformadas. A prática social corresponde, portanto, ao contexto histórico e social mais amplo em que os discursos são produzidos e circulam. Ela inclui instituições, normas culturais, valores compartilhados e sistemas ideológicos que moldam os modos como os sujeitos significam e atuam no mundo.

Nesse sentido, o discurso não é um fenômeno isolado, mas sim um elemento constitutivo da vida social. Ele participa da estruturação das práticas sociais, contribuindo para consolidar ou

questionar hegemonias discursivas e ordens de discurso, isto é, os conjuntos de discursos legitimados em determinados contextos institucionais ou culturais, o que se adéqua perfeitamente ao *corpus* pesquisado, pois as histórias com protagonistas idosos podem produzir um efeito de visualização desse grupo etário, rompendo paradigmas negativos já estabelecidos na sociedade.

Na prática analítica, observar a dimensão da prática social implica investigar as condições de produção e interpretação do discurso, considerando fatores como o momento histórico, os atores sociais envolvidos, os sistemas de crenças e as disputas ideológicas em jogo. Por exemplo, ao se analisar representações da velhice em Histórias em Quadrinhos, é preciso levar em conta os modelos culturais de envelhecimento, os estigmas associados à terceira idade e os discursos sociais que sustentam ou combatem o etarismo, todos imersos em práticas sociais mais amplas, como o sistema de saúde, o mercado de trabalho e a mídia.

A atenção à prática social permite que a ACD vá além da descrição linguística e avance para uma interpretação crítica, que ilumina os vínculos entre linguagem, sociedade e poder. Esse movimento é essencial para revelar os mecanismos muitas vezes naturalizados que mantêm desigualdades sociais e simbólicas, bem como para contribuir com formas de emancipação discursiva, especialmente de grupos historicamente marginalizados, como as pessoas idosas.

Diante da necessidade de compreender como as representações da velhice, construídas nos quadrinhos de Zidrou, estão imbricadas em práticas sociais e ideológicas que sustentam ou questionam o etarismo, a exclusão e os estereótipos sobre o envelhecimento optamos pela teoria de Norman Fairclough, baseada na Análise Crítica do Discurso (ACD), por ser uma ferramenta poderosa para analisar como o discurso constrói significados sociais, ideológicos e identitários.

Aplicar essa abordagem a uma dissertação sobre as HQs de Zidrou (especialmente *A adoção* e *A obsolescência programada de nossos sentimentos*) é perfeitamente viável e relevante, sobretudo quando o foco é a representação da pessoa idosa e os discursos sobre envelhecimento, que é fenômeno global e multifacetado.

Na perspectiva da ACD, conforme delineada por Norman Fairclough (2001), o discurso deve ser compreendido não apenas como um conjunto de enunciados ou como uma forma de comunicação verbal, mas como uma prática social que atua diretamente na constituição e reprodução das estruturas sociais. Isso significa que o discurso não apenas reflete a realidade social, mas também contribui ativamente para moldá-la, mantê-la ou transformá-la. Assim, as relações de poder, ideologia, identidade e cultura são produzidas, legitimadas e desafiadas por meio do uso da linguagem em contextos específicos.

Fairclough propõe um modelo teórico tridimensional da análise discursiva: o texto (nível micro), a prática discursiva (nível intermediário) e a prática social (nível macro). O discurso,

enquanto prática social, está inserido no nível macro e envolve as condições sociais históricas e institucionais nas quais os textos são produzidos, distribuídos e interpretados. Dessa maneira, torna-se possível compreender como os textos estão atrelados a relações de dominação e resistência, permitindo a identificação de ideologias subjacentes e o exame crítico de como diferentes grupos sociais são representados ou silenciados no discurso.

Essa abordagem é particularmente útil na análise de produtos culturais, como as novelas gráficas de Zidrou, pois permite investigar como as representações da velhice são construídas discursivamente e quais significados sociais essas representações promovem ou contestam. Ao considerar o discurso como prática social, torna-se viável analisar como as HQs contribuem para a reprodução ou transformação de discursos ageístas, bem como para a reconfiguração de narrativas sobre o envelhecimento, a dignidade e as relações intergeracionais.

Dessa forma, Análise Crítica do Discurso, ancorada na ideia de discurso como prática social, revela-se como um potente recurso para compreender as implicações sociais, culturais e ideológicas presentes nos discursos sobre a velhice e sobre a pessoa envelhecida, permitindo uma leitura mais sensível e politicamente engajada das representações sociais veiculadas nas mídias contemporâneas.

Nas narrativas gráficas analisadas, observa-se que o discurso sobre a pessoa idosa é construído a partir de uma perspectiva que tensiona os estereótipos sociais negativos. Sob a ótica da ACD de Fairclough (2001), esse discurso deve ser interpretado em três níveis: textual, discursivo e social. No nível textual, destaca-se a escolha lexical afetuosa nos diálogos entre a criança e o avô, marcando uma representação de afeto e reconstrução de laços. No nível discursivo, a narrativa reposiciona o idoso como sujeito ativo, afetivo e transformador. Já no nível da prática social, percebe-se um questionamento das normas etárias dominantes, abrindo espaço para a revalorização da velhice como etapa produtiva e significativa da vida.

Assim, o referencial teórico de Fairclough permitiu revelar dimensões ideológicas, afetivas e sociais do envelhecimento representado nas HQs, contribuindo para desconstruir discursos ageístas e valorizar narrativas intergeracionais.

Dessa forma, a linguagem não atua apenas como instrumento de comunicação, mas como instância fundamental de constituição da realidade social, pois é nela que se organizam e se expressam as visões de mundo compartilhadas por um grupo. É a partir dessa perspectiva que se pode compreender a reflexão de Gaglietti e Barbosa (2007), para quem a chamada construção da realidade social se efetiva e se manifesta no próprio plano das palavras, que carregam em si representações e valores culturais.

A compreensão do envelhecimento, assim como de qualquer fenômeno humano, não pode ser dissociada das formas pelas quais é nomeado, descrito e representado na linguagem, pois é por meio do discurso que a sociedade elabora e perpetua significados, consolidando modos particulares de perceber e interpretar o mundo.

A forma como concebemos e nomeamos o mundo está intrinsecamente ligada aos sistemas simbólicos que estruturam nossa experiência e orientam nossas práticas sociais. A linguagem, nesse sentido, não apenas reflete a realidade, mas participa ativamente de sua produção, na medida em que organiza, delimita e legitima determinados modos de ver e compreender os fenômenos. Essa perspectiva, amplamente discutida nas ciências da linguagem e nas ciências sociais, sustenta que os significados são construídos socialmente e se manifestam por meio das palavras e dos discursos.

Essa construção da realidade social, expressão consagrada atualmente, efetua-se e manifesta-se no próprio plano das palavras, que contêm sempre uma visão do mundo. Com efeito, a linguagem, conforme esclarece Ernst Cassirer, é não somente “um mediador na formação dos objetos” (CASSIRER, 1969), mas também, e sobretudo, um “condicionamento do comportamento”, algo que também foi sugerido por meio de uma formulação singular nos escritos de Sapir (1967) e Whorf (1969). Assim, **no simples fato de se falar de “velhice” já está inscrita uma certa representação social dos grupos a que se está fazendo referência.** (Gaglietti, Barbosa, 2007) (grifo nosso)

Assim, a ACD, conforme Fairclough (2001), mostra-se essencial para compreender como as HQs de Zidrou constroem significados sobre a velhice, articulando dimensões textuais, discursivas e sociais. Ao conceber o discurso como prática social, torna-se possível identificar não apenas os recursos linguísticos e visuais utilizados nas narrativas, mas também as relações de poder, ideologias e representações culturais nelas inscritas, que permeiam a construção da imagem do idoso.

Nesse sentido, dialogando com Teun A. van Dijk (2008), entende-se que tais representações são mediadas por modelos de cognição social, por meio dos quais determinados grupos, como os idosos, são simbolicamente posicionados no discurso, contribuindo para a naturalização ou contestação de estereótipos e hierarquias sociais. Tal se dava ao fato de que para ele, os discursos sociais operam como formas privilegiadas de reprodução ou contestação de ideologias, uma vez que ativam modelos mentais e crenças compartilhadas que orientam a percepção dos grupos sociais. No âmbito da ACD, no caso da representação das pessoas idosas, permite compreender como discursos midiáticos, institucionais e cotidianos frequentemente associam o envelhecimento à dependência, fragilidade ou improdutividade, silenciando a diversidade, a autonomia e a voz desse grupo social.

Interagindo com Fairclough, que destaca o discurso como prática social articulada a estruturas sociais mais amplas, a abordagem de van Dijk possibilita analisar como tais representações não apenas refletem, mas também reforçam relações de dominação etária, ao mesmo tempo em que aponta o potencial crítico do discurso para questionar e transformar essas imagens socialmente cristalizadas. Tal se deve ao fato de que os discursos sociais operam como formas privilegiadas de reprodução ou contestação de ideologias, uma vez que ativam modelos mentais e crenças compartilhadas que orientam a percepção dos grupos sociais.

Nas HQs, essa dinâmica se realiza por meio da articulação entre texto verbal, imagem, enquadramentos visuais, sequenciação narrativa e silêncios, que configuram um discurso multimodal capaz de reforçar ou subverter representações hegemônicas, eis que não apenas refletem discursos sociais existentes, mas os rearticulam criticamente, funcionando como práticas discursivas que evidenciam tensões ideológicas e contribuem para a ressignificação das representações sociais no espaço cultural contemporâneo.

Cabe, ainda, colocar em evidência a contribuição de Pierre Bourdieu para a Análise Crítica do Discurso, enquanto base teórica. A partir de uma perspectiva bourdiana, a ADC permite compreender como as representações da velhice são atravessadas por relações de poder e por processos de dominação simbólica e legitimação.

Segundo Bourdieu (2011), o discurso não é neutro; ele atua como prática social situada em campos específicos, como a mídia, a literatura ou as HQs, em que determinados agentes possuem capital cultural e autoridade para definir normas de significação. No caso da velhice, isso significa que imagens de idosos como frágeis ou passivos não surgem de forma natural, mas são produzidas e legitimadas socialmente, refletindo e reforçando hierarquias simbólicas. A noção de *habitus* ajuda a compreender como essas representações se incorporam aos modos de percepção e interpretação do público, enquanto o conceito de campo evidencia que o espaço cultural e discursivo é disputado, permitindo tanto a reprodução de estereótipos quanto a criação de narrativas alternativas que valorizem a experiência e a longevidade. Para Bourdieu, os discursos participam da produção e legitimação do poder simbólico ao naturalizarem esquemas de percepção e classificação que estruturam o *habitus* dos sujeitos. (Bourdieu, 2011)

O diálogo com a Análise Crítica do Discurso de Teun A. van Dijk, a teoria de Fairclough e a contribuição de Pierre Bourdieu oferece condições fundamentais para aprofundar a compreensão das HQs de Zidrou enquanto práticas simbólicas inseridas em campos sociais específicos e permeadas por relações de poder.

Portanto, as *graphic novels* *A obsolescência programada de nossos sentimentos* e *A Adoção*, podem ser lidas como discursos que tensionam a *doxa*⁴ social associada ao envelhecimento, à afetividade e à família, ao questionar categorias socialmente legitimadas que definem quem possui valor, voz e reconhecimento. Articulando essa perspectiva à noção de cognição social de van Dijk, observa-se que as narrativas de Zidrou atuam sobre os modelos mentais coletivos, promovendo deslocamentos simbólicos capazes de enfraquecer formas de violência simbólica que desqualificam determinados grupos sociais.

Assim, ao operar no interior do campo cultural e editorial, essas HQs exercem uma função crítica ao expor e desestabilizar estruturas simbólicas dominantes, evidenciando o potencial do discurso artístico como espaço de resistência, reorientação das formas de perceber e interpretar o social e transformação das representações sociais naturalizadas.

Dessa forma, as narrativas analisadas revelam como os quadrinhos podem desafiar estereótipos, valorizar experiências intergeracionais e contribuir para a transformação de sentidos sociais sobre o envelhecimento, evidenciando o papel ativo da linguagem na constituição da realidade social. A linguagem, longe de ser mero instrumento de comunicação, atua como força constitutiva da realidade social, consolidando ou transformando visões de mundo, o que torna a análise das representações da velhice em quadrinhos um campo relevante para investigações críticas sobre cultura, ideologia e práticas sociais.

Tendo em vista os fundamentos teóricos que nortearam a discussão sobre linguagem, discurso e envelhecimento, no próximo capítulo será analisado o potencial das HQs na promoção da consciência crítica popular, de especial forma quando alude a questões sociais, como a construção discursiva da velhice nas obras do roteirista belga Zidrou. Por meio de uma abordagem crítica e interpretativa, pretende-se investigar como o envelhecimento é representado em suas histórias, considerando aspectos simbólicos, narrativos e discursivos que contribuem para a produção de sentidos sobre a pessoa idosa no contexto dos Quadrinhos.

⁴ Para Bourdieu a doxa é uma propriedade específica dos campos em que o senso comum é admitido como uma verdade incontornável. (Siqueira,2024)

3 A CONSTRUÇÃO DA VELHICE NAS OBRAS DE ZIDROU

Zidrou nos propõe em suas *graphic novels* *A obsolescência programada de nossos sentimentos* e *A adoção* narrativas que desestabilizam os imaginários negativos sobre a velhice, apresentando personagens idosos com uma gama completa de emoções, desejos, falhas e virtudes, que não são definidos apenas pela idade, mas por suas histórias de vida e personalidades multifacetadas, que foram levados a categoria de protagonistas, concedendo-lhes uma posição discursiva de resistência.

Sob a ótica da Análise do Discurso, essas obras podem ser lidas como espaços de enunciação nos quais se reconfiguram sentidos histórica e socialmente produzidos sobre o envelhecimento, eis que mobilizam discursos sociais diversos: médicos, familiares, institucionais e midiáticos, reinscrevendo-os em um campo simbólico, que valoriza a subjetividade do idoso e suas formas de afetividade, humor e vulnerabilidade, que enaltecem as relações humanas, o valor do amor, da amizade, da família.

Desse modo, o discurso literário visual torna-se um lugar de deslocamento ideológico, em que a velhice deixa de ser vista como o “fim da vida” e passa a ser significada como tempo de experiência, memória e potência de ser. Também nos permite analisar os efeitos de sentido produzidos pelos recursos linguísticos e multissemióticos, como a interação entre palavra, imagem, cor e enquadramento.

Tais elementos orientam a leitura e contribuem para a constituição dos sentidos sobre o envelhecimento, bem como os aspectos interpretativos relacionados à composição gráfica dos quadrinhos que, caracterizadas por sua plasticidade e versatilidade, configuram, conforme Luyten (1989, p.8), uma linguagem dinâmica, com narrativa coesa e adaptável a diferentes contextos, inclusive a temática da velhice.

Por esta e outras razões as HQs têm sido amplamente utilizadas em variados domínios, da publicidade à educação, destacando-se ainda pelo seu potencial na promoção da consciência crítica popular, de especial forma quando alude sobre questões sociais, como nos quadrinhos estudados. Neles, a descrição das pessoas idosas tem íntima relação com a construção do “novo idoso”, aquela pessoa que não se abate com a idade, mas mantém-se ativa, seja física, intelectual ou sexualmente.

São homens e mulheres que já aposentados desfrutam de uma situação econômica satisfatória, podendo se dedicar ao que lhes dá prazer: sair com os amigos, praticar esportes, amar. Pessoas que são vistas no dia a dia. Dessa forma, generalizadamente, tem-se como inadequado associar a velhice a doenças e à perda de mobilidade, vez que tais condições podem afetar indivíduos em diferentes fases da vida, independentemente da idade.

Ademais, em razão da diversidade e da singularidade das experiências vividas por pessoas idosas, resta evidente a necessidade de um olhar mais atento e respeitoso às especificidades dessa fase da vida. É o que vemos nestes trabalhos de Zidrou.

Figura 21: Capas das *graphic novels* de Zidrou, *A obsolescência programada de nossos sentimentos* e *A Adoção*



Fonte: Zidrou, 2022 e 2024

Zidrou, pseudônimo de Benoît Drousie, nasceu em Anderlecht, Bruxelas, Bélgica, em 12 de abril de 1962, ou seja, quando publicou *A obsolescência programada de nossos sentimentos*, em 2022, ele tinha 60 anos. Nos parâmetros legais brasileiros, ele já seria um idoso. Essa condição biográfica pode contribuir para explicar a sensibilidade com que o autor aborda temáticas relativas ao envelhecimento, bem como sua opção por protagonistas idosos, sugerindo um vínculo de identificação que se manifesta na construção narrativa de suas obras.

3.1 Análise de *A obsolescência programada de nossos sentimentos*

Na *graphic novels* *A obsolescência programada de nossos sentimentos*, os protagonistas da história não se comunicam apenas com suas palavras: o tom de voz, seus olhares, suas expressões e até mesmo seu silêncio ressoam profundamente. A novela gráfica de Zidrou, ilustrada pela holandesa Aimée de Jongh é profícua em questionamentos: o que fazer com o tempo advindo da aposentadoria, sobre o amor e o sexo na maturidade, importância das amizades, a relação com o corpo feminino, solidão, relacionamento familiar, preconceito, sonhos, autoestima, a possibilidade da morte, sendo um *corpus* muito rico para análise.

Podemos dizer que o roteiro de Zidrou, com os belos desenhos de Aimè, aborda a velhice a partir do olhar das perdas e da solidão, porém, também ressalta a resiliência e a capacidade de renovação emocional da pessoa idosa. Revela as contradições da velhice contemporânea, em que sentimentos e memórias se entrelaçam com a busca por significado e pertencimento, confrontando o espectro do esquecimento e do abandono, inclusive o social.

Efetivamente combate noções preconceituosas com um relato comovente sobre a persistência das relações e emoções humanas, mesmo diante da passagem do tempo.

3.1.1. A aposentaria e seu preparo para ela

O trabalho de Zidrou aborda um tema sensível e que repercute na vida de muitas pessoas: a aposentadoria, o afastamento remunerado do trabalho decorrente da idade e tempo de contribuição ou serviço. Nela o autor nos apresenta Ulysses, um homem de 59 anos, que se encontra em um momento de ruptura existencial após ser compulsoriamente aposentado da empresa de mudanças na qual construiu uma trajetória profissional por 20 anos. Na primeira página em que ele aparece na história, o vemos dobrando lenta e cuidadosamente uma lona em seu último dia de trabalho. Quando seu rosto surge, a expressão é de irritação e mau humor. “Então isso é a aposentadoria?”, pergunta.

Ao falar com o chefe, sua expressão e postura corporal revelam claramente a revolta diante da aposentadoria imposta. Com o rosto fechado e os punhos cerrados, ele demonstra indignação e ressentimento, evidenciando que não se sente pronto nem disposto a deixar seu trabalho. Ao indagar “O que os outros têm são vinte anos a menos!”, Ulisses expõe com amargura, o sentimento de injustiça e de exclusão que o consome. Sua revolta não é apenas contra a empresa, mas contra um sistema que valoriza a juventude e descarta quem já dedicou a vida inteira ao trabalho. A entrega das chaves se transforma em um símbolo de perda de identidade e de impotência diante do tempo e das regras sociais.

Figura 22: Figura de Ulisses, bravo, ao deixar a chave do caminhão



Fonte: Zidrou e Aimée, 2022, p. 15

O fato de Ulisses ter sido "enxugado" de seu trabalho, apesar de seus anos de experiência, ressalta a tendência social de subestimar ou ignorar as capacidades dos indivíduos mais velhos na força de trabalho. O verbo “enxugado”, colocado entre aspas, é uma metáfora que remete à ideia de “descartabilidade” e “redução de custos”, frequentemente usada no contexto corporativo para suavizar a demissão de empregados.

Ao ser aposentado à força, Ulisses simboliza um sujeito experiente, mas desvalorizado, cuja trajetória profissional é interrompida não por falta de competência, mas por uma lógica produtivista que privilegia a juventude e a renovação em detrimento da experiência.

É uma crítica à cultura contemporânea do trabalho, que tende a associar valor profissional à vitalidade física e à adaptabilidade tecnológica, ignorando o conhecimento acumulado e o papel social dos trabalhadores mais velhos, de forma que a situação de Ulisses não é apenas pessoal, ela reflete uma realidade coletiva, marcada pelo etarismo estrutural (ou ageísmo) no mercado de trabalho.

Nas páginas seguintes vemos Ulisses em momentos de questionamento e divagação, desanimado com os desafios que enfrenta, transmitidos em um tom quase sombrio, caracterizado pelo uso de cores mais escuras, para retratar suas experiências monótonas e vulneráveis. Ao discorrer sobre sua rotina após a aposentadoria é possível perceber como Ulisses ficou abatido, bastando para isso analisar sua linguagem corporal e expressões faciais.

Esse quadro aparenta ser motivado também por seu círculo social restrito, justamente por ter apenas vínculos com colegas de trabalho. Sua vida social limitada foi abalada com a interrupção abrupta com a aposentadoria. Há uma preocupação com o trabalho, por uma questão de sobrevivência, mas não com o aspecto social da vida. Não raro, esquecemos que a interação com os outros é fundamental para o desenvolvimento e bem-estar em múltiplos níveis: mental, emocional, cognitivo e físico. Os seres humanos são, por natureza, seres sociais e dependem uns dos outros para a sobrevivência e a felicidade.

Sem a rotina do trabalho, sem os amigos do trabalho, Ulisses não sabe o que fazer agora, o que é explicitado nos questionamentos “O que eu faço?” (p. 24,26), indicando sua angústia, falta de propósito, e até mesmo impotência. “Cuidar do meu... “jardim”?”, “Limpar o apartamento?”, “Viajar” (p.25). A comunicação não verbal de seu corpo e expressão facial indicam seu desânimo e sofrimento emocional.

Figura 23: Figura de Ulisses em sua casa, desnordeado.



Fonte: Zidrou e Aimée, 2022, p. 24

“O resto do meu tempo”, é o título do capítulo 2. E não sem razão. Retomando a narrativa anterior (p. 24-33), a página 41 inicia com a indagação de Ulisses “Quantas vezes?”, “Quantas vezes mais vou ver bobagens na TV à tarde? Sua conclusão soa como um triste desabafo: “Vazio! Só um vazio para preencher o tempo!” lançada em recordatório, com um Ulisses desleixado, de cabelos desarrumados, com olhar triste e desacorçoado.

Ao fazer uma caminhada suas divagações não param "Quantas vezes mais vou passear no parque da Glissoire?"(p.42). Ao ver um banco com dois homens bem mais velhos que ele, sentados, curvados e quietos, indaga "Quantas vezes ainda vou passar na frente deste banco?". E ao passar por eles continua “Sem parar, dando um passo após o outro?” Seu olhar voltado para trás, para os anciões sentados, com um misto de ansiedade e medo na expressão. Ele pensa “Um passo... ..após... ..o outro.” (p.43), revela o medo da inatividade.

A repetição da frase "Quantas vezes" permanece por mais seis páginas (44-47, 50-53, 56, 57) precedendo cada uma de suas ações (como ir ao estádio ver seu time levar uma surra, cantar as grandes vitórias do passado, fazer compras no mercado) sugerem rotinas e aspectos habituais que antes lhe traziam prazer, mas que após a aposentadoria, passaram a ter um efeito melancólico, eis que sua vida social estava ligada somente aos amigos do “trabalho”, e o faziam lembrar-se o que havia perdido.

Viúvo e mergulhado em uma profunda solidão, ele passa a buscar formas sutis de interação social como maneira de atenuar seu isolamento. Não havendo muito contato com seu único filho, frequentemente circula pelos corredores do supermercado com a expectativa de encontrar rostos conhecidos e, nas filas do caixa, empenha-se em iniciar breves diálogos com os atendentes, “Pra depois chegar ao estacionamento quase vazio com a impressão de que as sacolas pesam umas cinco toneladas...” (p.47), contribuem para um sentimento crescente de vazio e desalento.

Para muitos, o trabalho é um pilar central da identidade e do senso de propósito e, a aposentadoria compulsória pode levar a sentimentos de inutilidade, vazio e autodesvalorização, exatamente como aconteceu com Ulisses. Tem-se, dessa forma, que esta ação termina por se constituir em uma forma de se negar ao idoso a oportunidade de continuar trabalhando e, oportunidades negadas, somadas a outros fatores como a exclusão social e a imagem social da velhice, levam os idosos a terem possibilidades menores de uma vida digna. (Paschoal, 2006), esta história evidencia a necessidade de uma preparação e orientação para quando este momento chegar, o que possibilitará à pessoa, uma transição menos traumática. Estar envolvido com outros grupos (religioso, esportivo, de serviço voluntário etc.) onde se possa desenvolver atividades de lazer, de cultura, física e principalmente, criar e fortalecer novos vínculos de amizade.

A vida de Ulisses muda de tom, literalmente, ao encontrar Mediterrânea na clínica de seu filho, Dr. Julien. Ela passa a seguir um rumo positivo e inesperado, demonstrando como as emoções suscitam ações e reações. Já no primeiro diálogo travado, aquele ar entediado dá lugar a um sorriso, e o olhar sombrio é substituído por um mais vivo, e surge um homem alegre, divertido e que ousa flertar com uma desconhecida: “E você, faz o que da vida...? além de paquerar cinquentões bem-apegoados em salas de espera!” (p.65).

Vemos um novo homem, que manifesta seu interesse pelo sexo oposto aproveitando a resposta de Mediterrânea: “Tenho uma loja de queijos...” numa deixa inusitada diz: “Eu sabia que você tinha algo de ... apetitoso”. E, com uma gargalhada inesperada afirma: “Eu mataria por um pedaço de *brie de meaux* com uma fatia de pão e uma taça de vinho tinto!”

Essa clara demonstração de interesse é retribuída positivamente por Mediterrânea: “Passe lá na loja um dia desses. Eu te faço um desconto no *brie de meaux*. Assim você não precisa cometer um crime por causa de um pedaço!” Ocorre que, mais do que a narrativa textual, a linguagem visual se torna relevante. É o olhar de Mediterrânea que dá o toque de promessa!

Figura 24: Figura de Mediterrânea convidando Ulisses para passar na loja



Fonte: Zidrou e Aimèe, 2022, p. 67

De maneira extrovertida e corajosa Ulisses procura por Mediterrânea em seu trabalho, e passam momentos agradáveis, repleto de risos, falas divertidas, e olhares que dizem muito mais que palavras. Fazem promessas de dias felizes. O que efetivamente acontece.

De outro lado, é impressionante como esta história também retrata o ageísmo, particularmente no que concerne à mulher. A capacidade inerente da linguagem de influenciar o espectro emocional e social dos indivíduos é amplamente reconhecida: as palavras podem ferir ou acalantar. Portanto, a irrevogabilidade do discurso verbal sublinha a importância de uma ponderação cuidadosa antes de sua enunciação, pois, como diz o ditado popular: “a flecha lançada, a palavra dita e a oportunidade perdida, não voltam”.

Nesta *graphic novel*, *Mediterrânea*, ao celebrar seus 62 anos, recebe de Ulisses uma boneca Barbie acompanhada da delicada frase: “Nunca é tarde pra ganhar os presentes que a vida te privou de receber” (p. 126). O instante de ternura, no entanto, é abruptamente quebrado, quando o foco da narrativa se volta para uma personagem secundária que, envolta em ironia e julgamento, afirma: “Uma Barbie, aos 62 anos? Você está entendendo alguma coisa?”. E prossegue: “Que ideia... brincar de Romeu e Julieta assim?! Nessa idade?!”. Por fim, conclui com um comentário ainda mais ácido: “Se ao menos ela fosse mais jovem do que ele!” (Zidrou, 2022, p. 126).

Essas falas expõem de forma crua os preconceitos sociais que cercam o envelhecimento, o desejo e a autonomia feminina. A cena, ao mesmo tempo íntima e provocadora, evidencia como certos gestos, por mais simples que pareçam, ainda desafiam normas que insistem em limitar sonhos, afetos e brincadeiras apenas ao corpo jovem. Por qual razão, afinal, uma mulher de 62 anos ganhar um presente que lhe foi negado na infância incomoda tanto?

Por meio de uma linguagem visual precisa e emocionalmente envolvente, esta história demonstra que, mesmo em uma sociedade que frequentemente marginaliza os afetos ligados ao envelhecimento, as emoções permanecem como elementos centrais da experiência humana.

O amor, neste contexto, não é apenas representado como um afeto possível na maturidade, mas como uma força transformadora, capaz de reconfigurar identidades, restaurar vínculos e reafirmar a continuidade da capacidade de ação emocional ao longo do curso da vida

Figura 25: Figura de Ulisses e *Mediterrânea* se olhando com ternura e desejo



Fonte: Zidrou e Aimée 2022, p. 107

Recentemente, tem-se observado um movimento editorial no Brasil voltado à publicação de quadrinhos com maior diversidade temática. Além da ação, romance, horror, temas como migrações, violência urbana, direitos humanos, jornalísticos, memória e autobiografia, identitários (raça, gênero, sexualidades) tem permitido o fácil acesso a histórias que exploram várias questões, inclusive a velhice e a finitude da vida de forma mais crítica e menos romantizada, sem, entretanto, perder a sensibilidade e a ternura.

Os sentimentos, a sexualidade, as necessidades e potencialidades das pessoas com mais de 60 anos são frequentemente silenciadas ou deslegitimadas pelo imaginário social contemporâneo, razão pela qual a arte sequencial se revela um potente instrumento na construção de uma representação social da pessoa idosa, desconstituída de preconceito, contribuindo para a ressignificação do envelhecimento como experiência plural, ativa e socialmente relevante e ao mesmo tempo, para a formação de uma cultura de respeito, reconhecimento e valorização da velhice.

É fato, no entanto, que o mercado brasileiro para HQs “sobre velhice” ainda não é tão grande, mas tem crescido, especialmente com selos literários e editoras autorais como Pipoca & Nanquim, Conrad, Devir, Panini. Dessa forma, merece destaque, os ilustradores e quadrinistas brasileiros Luciano Cunha, com *Sr. Agora* (2022), publicada com financiamento coletivo, e Wagner Diesel, com *Odilo* (2024), nVersos Editora, que elegeram personagens idosos como protagonistas de suas histórias, trazendo-os para o cenário nacional, contribuindo para a uma visão positiva das pessoas que ultrapassaram os 60 anos de idade.

Figura 26: Capa da HQ *Sr. Agora*



Fonte: Pellegrini, 2022

Figura 27: Capa HQ *Odilo*



Fonte: Wagner Diesel 2024

É possível extrair reflexões significativas de narrativas icônicas como *Sr. Agora*, *Odilo*, *A obsolescência programada dos nossos sentimentos* e muitas outras títulos que, ao elegerem pessoas idosas como protagonistas, deslocam o olhar tradicionalmente dirigido às pessoas jovens para aquelas mais maduras.

Também permitem aprender com esses personagens que, ao se recusarem a se submeter aos julgamentos alheios e às normas sociais que restringem o comportamento na velhice, desafiam estereótipos etários, e evidenciam a potência das HQs. Assim, tais obras não apenas ampliam a representatividade no campo das HQs, mas também convidam o leitor a reconsiderar as formas como a sociedade regula, limita e, muitas vezes, silencia a experiência do envelhecer.

3.1.2. A velhice e a insatisfação corporal feminina

Na história *A obsolescência programada de nossos sentimentos*, a primeira personagem é a morte. Ou a representação dela na Sra. Solenza, mãe de Mediterrânea. Nos recordatórios, a protagonista informa que permaneceu ao lado da mãe doente durante os nove meses de internação; que não desejou outra coisa, senão sua morte, para “Não mais vê-la sofrer. Não mais ouvir seus lamentos”.

Por fim, reflete “E agora... tudo nela já me faz falta... ... até os gemidos!”. Essa oscilação entre o alívio e a saudade traduz de forma sensível a experiência de perda. Além de evidenciar a humanidade de Mediterrânea, aproximando-a do leitor, também constitui um dos elementos que contribuem para o impacto emocional e, possivelmente, para o sucesso da obra.

Figura 28: Mãe de Mediterrânea morta



Fonte: Zidrou e Aimée, 2022, p. 11

Enquanto recolhe os pertences de sua mãe (plano de fundo - plano médio), ela vê uma maçã sobre um móvel (em primeiro plano), muito próxima ao leitor, criando a impressão de que a cena tem um significado oculto ou simbólico. E realmente tem, como veremos mais à frente.

Na sequência seu irmão, comenta “Sabe, Mediterrânea, é difícil me acostumar com a ideia de que agora... você é a mais velha dos Solenza!” (p. 14). Sua expressão facial e corporal torna evidente o impacto que essa nova realidade produziu – um sofrimento profundo.

É assim, com a morte de mãe, que Mediterrânea toma consciência de sua “velhice”.

Figura 29: Mediterrânea impactada pela frase do irmão.:



Fonte: Zidrou e Aimée, 2022, p. 14

Enquanto vai para casa, ela reflete “A mais velha dos Solenza!” “Há palavras que doem. Que surgem do meio de uma frase, como uma víbora debaixo de uma pedra... ...e cravam no seu

tornozelo as presas de cada letrinha que as compõe” (p. 21). Sabemos que algumas palavras, mesmo sem intenção (ou com intenção!), atingem profundamente nossos sentimentos. A figura de uma cobra cravando sua presa um pouco mais fundo a cada sílaba, implica que essas palavras têm um efeito que penetra até as entranhas, e assim como o veneno mata, as palavras também (matam a alegria, o ânimo, a coragem, a autoestima, o amor), sendo extremamente prejudicial para quem ouve.

Ao chegar em casa ela pega a maçã na mão (a maçã em primeiro plano novamente), e se recorda de que foi ao cinema com seu pai, quando tinha cinco ou seis anos, assistir Branca de Neve e os Sete anões. Mas do filme só lembra da bruxa má.

A pequena Mediterrânea ficou tão impactada que associou maçãs a bruxas “A ponto de, até hoje eu me recusar a comer maçã ou qualquer coisa feita com esta fruta” (p. 37). Refletindo sobre a experiência assustadora, ela relembra que ficou tão apavorada que acabou fazendo xixi na calça. (p. 35). Agora envelhecida ela pensa “Maldita bruxa!” “Por anos, seu nariz curvo, suas verrugas repugnantes e seus dedos sujos frequentaram meus sonhos.” (p. 37).

As escolhas artísticas de Jongh, como a justaposição vertical dos quadros, cada um capturando as mãos da bruxa e da protagonista segurando uma maçã, e outro quadro vertical em plano de conjunto onde vemos o corpo todo da personagem mais distante, segurando uma maçã na mão, expressando um sentimento de preocupação ao contemplá-la. No próximo quadro ainda na página 37, ela deixa a maçã sobre a mesa e, lentamente dirige-se ao banheiro. Ao acender o interruptor ela pensa: “E agora essa bruxa...” “...SOU EU”, pensa, olhando-se consternada para o grande espelho, identificando-se com a bruxa. Esse momento tão íntimo e doloroso revela sua conexão emocional com bruxas e maçãs, e somente então entendemos o título do capítulo 1. “A inimiga no espelho” e a razão da bonita maçã (p. 9).

Figura 30: Imagem do Capítulo 1 e pMediterrêa lembrando da bruxa e se comparando a ela ao se olhar no espelho



Fonte: Zidrou, 2022, páginas 37, 38, 78 e 9

A cena terminará na página 78, com Mediterrânea, contemplando-se nua no espelho, pensando, “Bruxa...” e em dois quadros menores, as maçãs, a última em plano detalhe. Esse é um momento de autorreconhecimento, de identificação entre a bruxa e o corpo envelhecido, onde ela assume um significado complexo em face da insatisfação com a imagem corporal, que infelizmente assola uma grande maioria de mulheres.

A insatisfação com a imagem corporal (body dissatisfaction) ocorre quando a imagem percebida do corpo não é compatível com aquela idealizada, e pode gerar estresse e sofrimento, influenciar o humor, os comportamentos em saúde (especialmente na dieta e na atividade física) e a saúde mental, o que afeta negativamente a qualidade de vida (Albuquerque, 2021, p.1942)

Sara Grogan em seu livro *Body Image: Understanding Body Dissatisfaction in Men, Women and Children* [Imagem Corporal: Compreendendo a insatisfação corporal em homens, mulheres e crianças] discute o efeito da apresentação do corpo ideal pela mídia e outras influências culturais. E, apesar da preferência quase exclusiva da mídia por corpos femininos muito jovens, ela constata que mulheres mais velhas não são menos satisfeitas com seus corpos do que mulheres mais jovens. (Grogan, 2021).

A imagem corporal compreende as “percepções, pensamentos e sentimentos de uma pessoa sobre seu corpo” (Grogan, 2021), sendo certo que em pessoas na terceira idade ela “é moldada por uma vida inteira de experiências, desde a infância até a meia-idade.” (Mental Health Foundation, 2019).

À medida que envelhecem, algumas mulheres podem experimentar uma sensação de desconexão com seus corpos, já que sua aparência externa deixa de refletir sua autoimagem. Assim, embora não se percebam como “velhas”, são frequentemente rotuladas dessa forma por outras pessoas com base em sua aparência (Cameron et al., 2019). Simone de Beauvoir afirmou que a percepção de nós mesmos, não coincide com a das outras pessoas:

[...] para reencontrar uma visão de nós mesmos, somos obrigados a passar pelo outro: como esse outro me vê? Pergunto-o ao meu espelho. A resposta é incerta: as pessoas nos vêem, cada uma à sua maneira e nossa própria percepção, certamente, não coincide com nenhuma das outras. (Beauvoir, 2024, p. 363-364).

A exaltação da juventude, e de um modelo de beleza irreal nas mídias sociais (alterados por *photoshop* ou IA, com maquiagem transformadora, cílios postiços, apliques de cabelo, sutiã com bojo, calcinhas “levanta bumbum”, etc.), gera frustração nas mulheres e nos homens com o próprio corpo, os quais esperam encontrar algo que não existe. Mas, a comparação com algo irreal acarreta um grande problema: aquele corpo ‘modelo’ que almejamos conquistar, dificilmente

será alcançado. A arte de Aimée aliada ao roteiro de Zidrou é um manifesto contra estes padrões, combatendo o ageísmo, e propagando a valorização da velhice.

Mediterrânea é uma mulher moderna, independente, madura, 61 anos, ex-modelo, nunca se casou ou teve filhos. Aos 44 anos passou a trabalhar na loja de queijos. É alegre, gentil, bonita e sabe ser sedutora, mas, analisa seu corpo envelhecido sem compaixão. sentindo-se como a bruxa da Branca de Neve. Ocorre uma mudança no foco narrativo, retornando somente na página 75, quando ela se desnuda na frente do espelho.

O capítulo 3 intitulado *Lui* (p. 61) exhibe uma capa de revista com uma modelo seminua, conduzindo o leitor a uma reflexão sobre a inter-relação entre imagem corporal, envelhecimento e expectativas sociais. Enquanto conversa com Ulisses, Mediterrânea revisita sua trajetória profissional como modelo, destacando sua atuação em ensaios fotográficos de lingerie e nudez, e diz “Era bem bonitinha quando jovem, tive até meus dias de glória. Fui capa da Lui de 1974.” (p. 72)

Figura 31: Capa revista masculina,



Fonte: Zidrou e Aimée, 2022, p. 61

A fala da protagonista permite um vislumbre do universo glamouroso da moda e constitui um ponto de partida para a análise das perspectivas estereotipadas em torno do corpo feminino. A capa da revista funciona como uma metáfora visual dos padrões de beleza idealizados, os quais tendem a excluir as pessoas em faixas etárias mais avançadas. A atenção conferida apenas a modelos jovens, especialmente em poses ou trajes que enfatizam a sensualidade, reforça a associação entre beleza, desejo e juventude. Ao reconhecer a valorização do apelo físico juvenil, a narrativa evidencia os preconceitos e as expectativas sociais que sustentam e reproduzem tais normas estéticas. (Ancy, Venkatesan, 2024).

Anteriormente ela havia declarado que assumiu a loja quando o pai morreu, para ajudar a mãe. “Eu tinha 44 anos. Era hora de... me repaginar” (p. 71) e, o uso de reticências pode ser interpretado como uma hesitação à sua decisão de mudar de profissão. Essa “repaginação” pode

não ter sido inteiramente sua escolha, mas decorrente das situações da vida: a morte do pai, a responsabilidade de ajudar a mãe, sendo mulher e a filha mais velha.

Além disso, sua outra frase nos permite contemplar o panorama mais completo: “A lei da gravidade raramente é gentil com as modelos” (p.71). Ou seja, o passar dos anos não lhe permitia mais se conformar aos padrões de juventude exigido. Ela não se enquadrava mais na imagem corporal das modelos. Modelos tem prazo de validade. Preferiu sair antes de um humilhante descarte.

A imagem corporal compreende as “percepções, pensamentos e sentimentos de uma pessoa sobre seu corpo” (Grogan, 2017, 4), bem como “os investimentos que alguém faz na aparência pessoal” (Clarke e Korotchenko 2011, 496). E Ulisses, olhando as fotos nuas da jovem Mediterrânea (p. 74), apresenta expressões bem significativas, que cada leitor interpretará, com certeza, de formas variadas.

Figura 32: Ulisses vendo fotos nua da jovem Mediterrânea, e ela idosa se despindo em frente ao espelho



Fonte: Zidrou e Aimèe, 2022, p. 74 e 75

Na página 75 temos a continuação da página 38, quando Mediterrânea entra no banheiro, depois de toda a carga emocional com a morte de sua mãe, de ser reconhecida como a mais velha da família, de se comparar a uma bruxa. Agora, a vemos se despindo, e se olhando no espelho, com uma expressão que transmite uma mistura de susto, introspecção, vulnerabilidade. Ela parece que está encarando o leitor de frente, sem sinal de vaidade ou disfarce, um olhar direto, confrontando a própria imagem corporal, reconhecendo as marcas do tempo e o envelhecimento.

Em outro momento, podemos observar o fato de se encontrarem lado a lado: a página 74, com Ulisses olhando a revista *Lui*, com Mediterrânea jovem e nua na capa, e na 75, ela, aos 61 anos ela se despindo. A juventude da revista, artificial e imutável, é confrontada com o corpo real, sujeito ao tempo, e à vulnerabilidade.

Essa comparação pode parecer injusta. Mas, no decorrer da história vamos perceber que a intenção do autor é justamente provocar modificação das narrativas sociais e culturais em torno do envelhecimento e do corpo humano. Não há que se ter vergonha do corpo envelhecido, um corpo que viveu, e continua a nos carregar pela vida. O envelhecimento deve ser encarado com respeito e celebração pela jornada vivida.

É sabido que cada etapa da vida possui suas formas e beleza próprias. Comparar mulheres de idades distintas ignora essa diversidade. Tratar o corpo feminino como algo que precisa “manter-se jovem”, em vez de ser reconhecido em sua pluralidade e transformação natural é desumano e traz sérios prejuízos para as pessoas. É preciso que se leve em consideração o aspecto psicológico que tais comparações acarretam: culpa, vergonha, insatisfação corporal, em mulheres de todas as idades, que não se enquadram no padrão estético divulgado pela mídia.

Essa comparação cria uma lógica de competição e hierarquia entre gerações, em vez de promover o respeito e a valorização das experiências corporais distintas, razão pela qual é tão rechaçada nos traços delicados de Aimée de Jongh. Ao retratar os momentos íntimos dos protagonistas, deixa transparecer a confiança que depositam um no outro, superando as inseguranças estéticas, onde o calor da carinhosa proximidade os faz se esquecerem da idade, com o prazer desfrutado nos braços um do outro, não se importam com os corpos envelhecidos nem com as marcas e as cicatrizes que eles carregam.

Analisando sob a ótica dos estudos de gênero e da crítica cultural, comparações desse tipo não investigam o corpo como construção social e histórica, mas como objeto de medida estética. Uma análise crítica deve buscar compreender como a sociedade atribui significados diferentes aos corpos, e não os colocar em oposição. O envelhecimento é um processo contínuo, não uma ruptura ou oposição à juventude. Comparar jovens e idosas como polos opostos nega essa continuidade e impede a compreensão do envelhecer como parte da identidade feminina, e não como perda dela.

Confrontando a jovem com a velha Mediterrânea, se pretende quebrar a reprodução do ideal de juventude como referência de beleza, valor e vitalidade. Criticando a visão de que o corpo jovem é o “padrão” e o corpo idoso é uma “perda”, posto que essa ótica reforça preconceitos idadistas e visões negativas do envelhecimento, especialmente sobre a mulher. O contraste, portanto, fala sobre tempo, desejo e obsolescência, não apenas tecnológica, mas também do corpo e da imagem. Fala sobre aceitação.

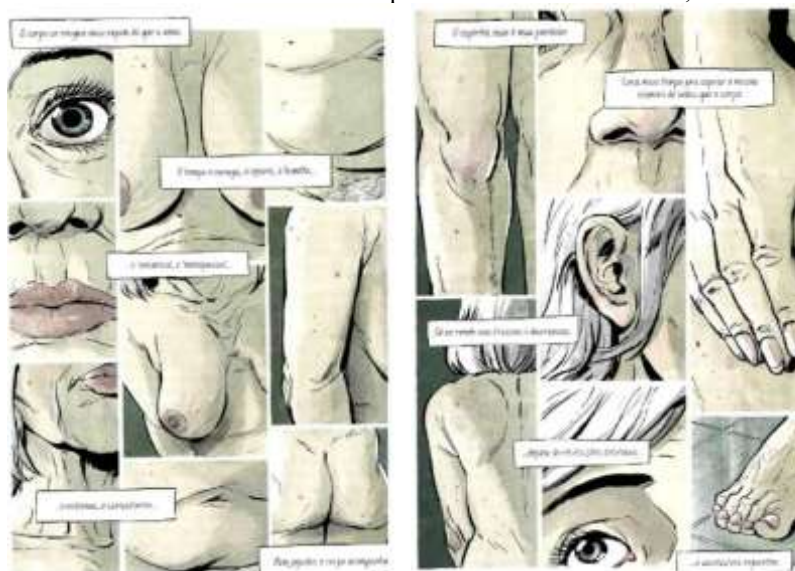
A revista representa a ilusão da permanência e da juventude eterna; o espelho, a realidade da passagem do tempo e da inevitável mudança, enquanto estivermos vivos. Esse momento devolve à Mediterrânea sua autonomia e dignidade. Ela não é mais um objeto congelado no olhar

masculino ou nas páginas de uma revista, é uma mulher viva, que encara seu corpo e sua história com consciência.

A sequência nas páginas 76 e 77, retratam sua corajosa exposição e análise minuciosa de seu corpo, numa demonstração de realismo e autoenfrentamento. Um momento em que a personagem parece encarar a si mesma como realmente é: despida de idealizações.

Mas seu olhar é rigoroso e um tanto cruel consigo mesma, tendência que todos adotamos com mais frequência do que deveríamos. O corpo nú da Mediterrânea de 61 anos é submetido a um doloroso escrutínio visual por meio dos quadros, requadros e calhas revelando um dispositivo narrativo que traduz plasticamente o tema da fragmentação e da materialidade do corpo envelhecido.

Figura 33: Mediterrânea analisa seu corpo envelhecido em detalhes, sem compaixão



Fonte: Zidrou e Aimèe, 2022, p. 76 e 77

Os quadros são numerosos, pequenos e regulares, cada um isolando uma parte do corpo e ampliando-a, olho, boca, seio, joelho, pé, etc. Eles se apresentam em unidades precisas que revelam tanto a frente quanto as costas, criando um efeito de distanciamento e de análise quase clínica, sendo que o corpo deixa de ser uma totalidade para se converter em um campo de leitura.

Essa divisão não é meramente descritiva, sendo uma escolha da artista Aimè de Jongh, que convida o leitor a um olhar atento, despojado e meticuloso sobre o corpo envelhecido. Um corpo que costuma ser invisibilizado, banalizado, considerado feio e assexuado. O requadro (a linha que delimita cada vinheta) reforça essa ideia de recorte, como se estivéssemos diante de uma dissecação visual. A ausência de sobreposição ou fusão entre as imagens impede qualquer erotização, deixando claro que o corpo não é mostrado para o prazer do olhar, mas para o exame e o reconhecimento.

As calhas são estreitas, mas perceptíveis, e funcionam como intervalos ritmicos e simbólicos. As pausas sugerem o tempo do olhar, que se desloca lentamente de um quadro a outro, e introduzem um espaço vazio entre as imagens, entre as partes do corpo, que representam o que não é mostrado, o espaço entre o corpo idealizado e o corpo real, entre a lembrança e a presença. O que permite que o leitor reconstrua mentalmente o corpo ausente na totalidade.

Os planos fechados, com enquadramento muito próximos (*close-ups*), gerando uma sensação de intimidade, mas também de desconforto. Não há planos gerais. O rosto ou corpo completo nunca é mostrado, eliminando a narrativa visual tradicional. Os ângulos são neutros, frontais ou ligeiramente oblíquos, contribuindo para uma estética de proximidade e não de *voyeurismo*, em que o olhar se torna contemplativo e respeitoso e não sensual ou erótico.

Esse tipo de enquadramento é profundamente humano, pois obriga o leitor a confrontar a materialidade da pele, das rugas e das imperfeições. Os traços do desenho contrariam a ênfase dos ideais de corpos jovens, tão arraigados em nossa sociedade, e mostram a realidade do corpo envelhecido, promovendo sua aceitação.

A disposição em página dupla reforça o gesto de contemplação, pois desacelera o ritmo da leitura e amplia a percepção das texturas, rugosidades e marcas do tempo inscritas na pele. Assim, o gesto artístico transforma o ato de olhar em uma experiência de reconhecimento e respeito, conferindo dignidade e presença ao corpo que a sociedade tende a relegar à obsolescência. Tudo é ratificado pelas legendas que são intercaladas entre os quadros, e apresenta as causas do envelhecimento do corpo:

“O corpo desiste mais rápido que a alma.”, “O tempo o enrugam, o injuria, o humilha...”, ... o “envariza”, o menopausa...” ...o extenua, o caricaturiza... “Bom jogador, o corpo acompanha.” “O espírito esse é mau perdedor”, “Leva mais tempo pra soprar o esmo número de velas que o corpo”, “Só se rende aos trancos e barrancos...”, “... depois de revelações dolorosas...”, “...e sucessivos espantos” (Zidrou, 2022, p. 76, 77).

“É muito difícil olhar-se no espelho”. A frase da Dra Sonia Bibe Luyten (2012), embora dita em outro contexto, se adéqua com precisão aos dilemas enfrentados por Meditterânea, e por outras mulheres idosas, pois o espelho reflete a imagem de um corpo marcado pela passagem do tempo, com a qual não se identifica.

Existe uma discrepância entre a imagem inconsciente do corpo e a imagem refletida, posto que se trata de um sujeito psíquico em constante crescimento e evolução, altamente afetado pela representação de um corpo que se deteriora e pela consciência da finitude (Goldfarb, 1998, p.255). De acordo com El Refaie (2012), o espelho é uma "potente metáfora visual para a ambiguidade envolvida em ver algo que é e não é "eu"", bem como para nossa incapacidade de definir nosso senso flutuante de identidade" (El Refaie, 2012, apud Ancy, Venkatesan, 2024).

Na pesquisa realizada por Albuquerque (2021), constatou-se que entre mulheres casadas, a insatisfação com o peso pode estar relacionada ao próprio envolvimento na relação afetiva, considerando a influência do relacionamento com o parceiro na formação da percepção do próprio corpo. Isso envolve tanto as expectativas do parceiro em relação ao corpo da mulher, que podem ser explícitas, quanto percepções subjetivas que a própria mulher tem sobre o parceiro e sobre seu corpo. (Albuquerque et al, 2021).

Essa realidade engrandece a arte de Aimèe, que capturou com maestria o roteiro de Zidrou, traduziu o confronto com um corpo que já não corresponde às exigências estéticas da sociedade, obrigando Mediterrânea (e muitas outras mulheres) a ter que lidar com a invisibilidade social, causando-lhe uma dor silenciosa por não se reconhecer mais.

Mas essa “dor silenciosa” é “ouvida” por todas nós, por todas as mulheres que algum dia já sofreram por não se enquadrar num padrão inalcançável. Por essa razão devemos promover a visão positiva de todos os corpos, independentemente do tamanho, altura, forma, cicatrizes, marcas, tom ou tons de pele, gênero e capacidades físicas.

É preciso propiciar a valorização da funcionalidade e da saúde do corpo humano em vez de sua aparência física, pois a beleza está na diversidade, e é possível cuidar de si, ser feliz e amada, sem mudar as suas características. Quem sabe, dessa forma, as mulheres mudar a perspectiva interna e escolher olhar para si mesma com carinho e aceitação é um passo essencial para recuperar a liberdade pessoal e se sentir suficiente, afinal, aceitar-se com imperfeições é um ato de amor-próprio.

A frase “O corpo se resigna mais rápido do que a alma” (p. 76), permite a interpretação de que o tom de Mediterrânea não é explicitamente de tristeza. Podemos fazer uma leitura simbólica, de que esses quadros representam um ato de coragem e autenticidade, no qual o corpo envelhecido é exposto não como objeto de vergonha, mas como afirmação da própria identidade, pois, o corpo que envelhece carrega histórias, resistências e sabedorias que merecem ser reconhecidas e celebradas. Cultivar um olhar mais amoroso e acolhedor sobre nós mesmos à medida que o tempo passa, é um ato de autocuidado, mas também de resistência a uma cultura que marginaliza a velhice. Afinal, como diz o texto de autoria desconhecida que circula há anos de forma anônima na internet:

“Envelhecer não é para os fracos.
É preciso coragem para se olhar no espelho
e reconhecer que a juventude se foi,
mas junto com ela, partiram também a pressa,
a insegurança e a obsessão por agradar.
Você aprende a caminhar mais devagar,
sim... mas com passos mais firmes.

Aprende a dizer “adeus” sem medo
e a valorizar com alma quem escolhe ficar.
Envelhecer é uma arte silenciosa:
é deixar ir o que pesa, é aceitar o que é,
é descobrir que a verdadeira beleza nunca morou na pele,
mas nas histórias que carregamos no peito, nos olhos, na memória.”

É admirável como o passar do tempo ao lado de Ulisses permite a Mediterrânea se ver pelos olhos dele. Um olhar amoroso, repleto de admiração e desejo, o que favorece a retomada de sua autoestima, de se sentir bonita e desejável. Mediterrânea, ao se relacionar com Ulisses, nos grita: é possível ser feliz sim, a despeito de nossa aparência e independentemente de nossa idade. A história de Zidrou nos permite visualizar uma vida longa, e com satisfação real de felicidade.

3.1.3. O envelhecimento, a sensualidade e o sexo

Basta olharmos ao redor para percebermos que a sociedade supervaloriza a juventude, que é exibida em anúncios, exaltada em filmes e estampada nos meios de comunicação como atributos exclusivos de alegria, energia, vigor, desejo, prazer sexual!

Que digam os comerciais de perfume, ao usarem o apelo sexual e erótico como estratégia de marketing, focando na sedução, atração e desejo. Jean Paul Gaultier, por exemplo, tem suas campanhas conhecidas pelo erotismo lúdico e ousado, com os frascos em forma de corpos (um torso masculino para *Le Male* e um feminino para *Classique*) já indicam a temática, e os comerciais frequentemente mostram interações sensuais entre jovens modelos.

Figura 34: Campanha publicitária dos perfumes Jean Paul Gaultier



Fonte: Jean Paul Gaultier- Le Male Elixir Absolu @ divulgação

As regras de beleza que impregnam a sociedade, supervalorizando a juventude, tendem a denigrir a imagem das pessoas da terceira idade. Os corpos perfeitos e a atração física como requisitos para encontrar um parceiro e manter um relacionamento, pode ameaçar a sexualidade neste período da vida, pois os sinais físicos do envelhecimento como os cabelos grisalhos, a pele coberta de rugas e o corpo sem a tonicidade e elasticidade de antes, são frequentemente associados à diminuição da atratividade, principalmente a feminina, o que pode levar algumas mulheres a reinterpretarem sua própria imagem a partir desses parâmetros discursivamente construídos.

Em uma sociedade que valoriza padrões estéticos associados à juventude, ignorando que a atratividade envolve múltiplos fatores (presença, identidade, confiança, vínculos, contexto), algumas mulheres podem entender que não são mais atraentes.

Com esta visão as pessoas mais velhas começam a achar que é necessário combater o envelhecimento, fazendo o possível para retardar o declínio da juventude, como se o aparecimento das rugas ou dos cabelos brancos, fossem um problema (uma doença) a ser evitado a todo custo. O que não é verdade. Há que se ressaltar que cuidar da aparência é normal em qualquer idade.

Talvez por essa razão, a aceitação do fato de que há uma vida sexual ativa nos anos finais da vida, é muito recente. Durante muito tempo admitiu-se que, com o correr dos anos a vida sexual era praticamente impossível, talvez imoral e absurda. A verdade é bem outra: também os que passaram da casa dos 60 anos tem capacidade e direito de desfrutarem de uma vida sexual satisfatória (Butler, Lewis, 1985). O tema, portanto, deve ser tratado com normalidade.

Na contemporaneidade, a perda da libido, tradicionalmente entendida como um dos principais marcos da transição para a velhice, vem gradualmente perdendo sua força simbólica, seja em razão da ampliação da liberdade dos costumes ou pelos avanços da medicina (à saúde como um todo, e também dos medicamentos que tratam da disfunção erétil e os efeitos da menopausa), a sexualidade passa a ser reconhecida também na fase da velhice, o que contribui para atenuar as fronteiras antes rigidamente estabelecidas entre as diferentes fase da vida. (Vilhena; Novaes, Rosa, 2014, p. 254).

É premente compreender que a sexualidade não se restringe ao ato sexual em si, mas também compreende o tom de voz, beijo, toque, cheiro, entre outras coisas. É plenamente possível que a pessoa com mais de 60 anos, assim como qualquer outro ser humano adulto, vivencie a sexualidade como uma importante dimensão da sua vida. (Rio de Janeiro, 2019). A definição prática de sexualidade pela OMS é:

“...um aspecto central do ser humano ao longo da vida abrange sexo, identidades e papéis de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. A sexualidade é vivenciada e expressa em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relacionamentos. Embora a sexualidade possa incluir todas essas dimensões, nem todas elas são sempre vivenciadas ou expressas. A sexualidade é influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, legais, históricos, religiosos e espirituais.” (OMS, 2007)

Lembrando, ainda, que na sexualidade estão subentendidos os comportamentos e resultados importantes relacionados à saúde sexual, que se refere à capacidade das mulheres e homens, ao longo de suas vidas, de aproveitar e expressar sua sexualidade de maneira saudável,

evitando riscos como infecções sexualmente transmissíveis, gestações não planejadas, coerções, violência e discriminação.

De acordo com o Ministério da Saúde, “a saúde sexual promove a valorização da vida, das relações pessoais e da manifestação genuína de quem somos, inclui o prazer, e incentiva a autoconfiança e a comunicação nas relações, estando relacionada a uma abordagem positiva e respeitosa.” (Brasil, 2025). A sexualidade é uma maneira das pessoas se sentirem vivas, terem qualidade de vida, e se sentirem felizes, consigo mesmas e com quem escolheram para compartilhar estes momentos de intimidade sexual.

Butler e Lewis derrubam tabus e provam que o sexo e a sexualidade são experiências prazerosas, gratificantes e altamente saudáveis, após os 60 anos. É a época em que o ser humano possui maior experiência e disponibilidade de tempo para poder, apesar das dificuldades naturais, usufruir de uma vida sexual plena (Butler, Lewis, 1985). A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações, relacionando-se tanto com a saúde física quanto a mental. Se a saúde é um direito humano fundamental, a saúde sexual também deve ser considerada um direito básico.

A prevalência do mito da 'velhice assexual' constitui um desafio considerável à plena integração da sexualidade na etapa mais avançada da vida. Em contrapartida, a obra de Zidrou subverte essa perspectiva ao retratar protagonistas idosos que vivenciam paixão e desejo, conferindo legitimidade e profundidade às suas interações afetivas e eróticas.

O relacionamento de *Mediterrânea* e *Ulisses* evidencia a química que desperta a paixão, uma energia que neste caso levou ao amor. A sexualidade não precisa ser explícita, podendo ser vivida em sua multiplicidade. Ela pode se expressar no olhar, na forma de sorrir, nos pequenos toques das mãos, provocando um friozinho gostoso na barriga. No jogo de palavras com duplos, triplos sentidos.

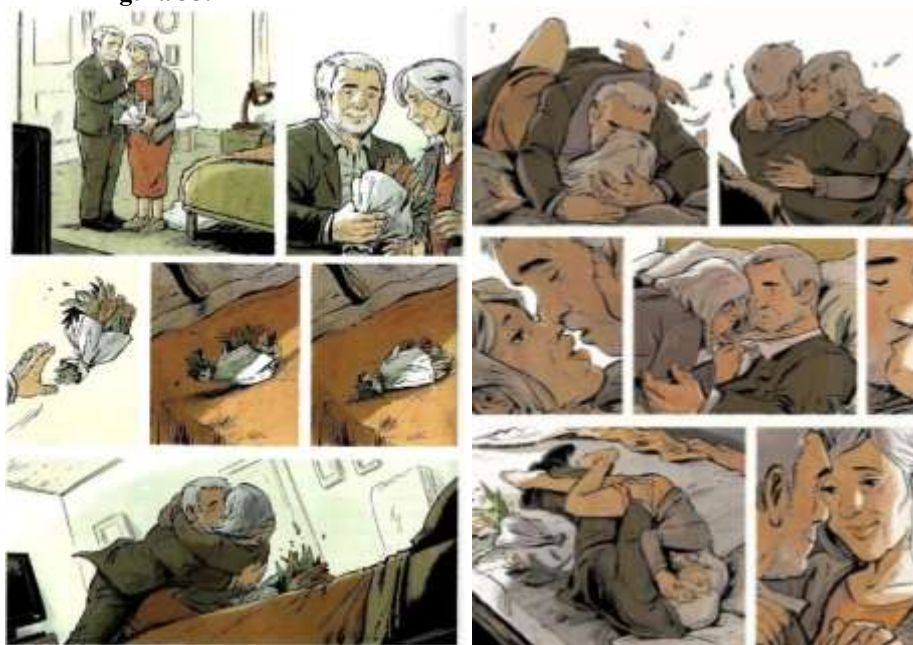
A companhia agradável e alegre de *Ulisses*, o flerte gostoso de ambos, a intimidade que os envolve, são momentos que os preparam quando a excitação se impõe. A confiança e o carinho existentes na hora do sexo superam a realidade de um corpo que não tem mais 20 anos.

Afinal, o que mantém um relacionamento é a qualidade das conexões emocionais e comunicacionais entre as pessoas, na capacidade de construir laços afetivos e significativos ao longo do tempo com lealdade e respeito, gentileza e simpatia. Nesse tipo de relacionamento há confiança para expressar o que gosta no sexo, para aceitar o seu corpo e do parceiro como fonte de desejo e alegria, desafiando a noção hodierna de que apenas um corpo jovem e magro é válido para o prazer.

A sequência de quadros das páginas 98 e 99 reproduzem a dinâmica comunicativa do primeiro momento íntimo de Ulisses e Mediterrânea, explorando de modo expressivo o código imagético em cenas silenciosas, articulando, imagens, gestos, olhares, expressões faciais e corporais como elementos constitutivos de um complexo repertório semiótico que comunicam desejo, carinho, doçura e confiança, numa entrega sem medo.

Foram utilizadas cores suaves, terrosas, com tons quentes, o que evoca aconchego, calor humano e intimidade. Não há cores vibrantes/explosivas, pelo contrário, há calma e sensibilidade. A luz parece difusa, proporcionando um ambiente interno, cálido, auxiliando na construção de um ambiente de privacidade, segurança e entrega.

Figura 35: Ulisses e Mediterrânea em momentos de intimidade sexual



Fonte: Zidrou, 2022, p. 98 e 99

As sombras e os contornos dos rostos, corpos e objetos têm certa definição, vemos as rugas, os sulcos, a textura da pele, o que reforça a condição de maturidade dos protagonistas e o realismo da corporeidade: a expressão total do ser humano, comunicando sua essência, suas vivências.

O aspecto gráfico é simbólico, o tratamento técnico do desenho (vinhetas, calhas, plano, angulação, cor) reforça, tanto para os personagens como para o leitor, o tema da valorização do envelhecimento, afirmação de uma sexualidade e intimidade para pessoas mais velhas. Estas páginas retratam o espaço privado, o quarto de Mediterrânea, que se torna palco de uma nova fase para os personagens, enfatizando a autonomia e o protagonismo da velhice.

Longe do olhar público a recorrência de gestos suaves (acariciar o rosto, encostar a cabeça no peito do outro) denota uma conexão que vai além do sexo. Duas pessoas que estavam

solitárias, mas que encontraram companheirismo e afeto um no outro, reconhecimento não só do desejo, mas da pessoa, onde a idade, não tem qualquer relevância.

A narrativa gráfica articula a importância de abraçar a sexualidade e a intimidade durante as fases posteriores da vida. As notáveis características visuais da obra, incluindo o uso de tons neutros e páginas sem painéis para momentos explícitos, atendem a um duplo propósito. Além de criar uma representação visual imersiva, essas escolhas desafiam crenças convencionais que associam a sexualidade apenas à juventude e sugerem declínio da atividade sexual com a velhice. A integração perfeita de momentos afetivos na narrativa gráfica transcende os limites relacionados à idade e as normas sociais, oferecendo um retrato atemporal da sexualidade. Além disso, a narrativa gráfica promove uma melhor compreensão social da importância da intimidade e da conexão durante o processo de envelhecimento. (Ancy, Venkatesan, 2024, p.)

Os protagonistas seguem desejando, sonhando e vivendo com intensidade, como um ato de resistência cotidiana. Ao fazerem isso, afirmam que a dignidade, o prazer, a liberdade e a sensualidade não têm prazo de validade, que a vida, em todas as suas fases, merece ser plenamente sentida e celebrada, e que nossas emoções jamais ficam obsoletas.

3.2 Análise da obra *A Adoção*

A narrativa de *A adoção*, de Zidrou, com arte de Arno Mornin, apresenta uma construção textual e imagética que se desdobra em múltiplas possibilidades de análise, revelando-se um campo fértil para investigações no âmbito das Ciências Humanas. A princípio a história gira em torno da adoção, pelos franceses Alain e Lynette, de Qinaya, menina de quatro anos que ficou órfã no terremoto de Arequipa, Peru e vem para a França morar com os pais adotivos.

Mas a estrutura da narrativa permite a abordagem sob diversos recortes interpretativos, como os aspectos territoriais, evidenciando o contraste cultural entre Peru e França, questões de saúde, ou os vínculos relacionais: entre marido e mulher; pais e filhos; avós e netos; relações de amizade; ou ainda a relação das perdas e do sofrimento com o envelhecimento.

A complexidade da obra reside, em grande parte, na forma sensível com que as relações interpessoais são representadas e na ambiguidade ética e narrativa com que se constrói o impasse em torno da legitimidade do processo de adoção da personagem Qinaya. Tal riqueza temática torna a obra especialmente significativa para reflexões sobre vínculos familiares, pertencimento e identidade na contemporaneidade.

O título *A adoção* inicialmente remete à relação jurídica e afetiva entre os adotantes e a criança adotada, sugerindo como foco principal o vínculo entre a menina Qinaya e o avô Gabriel. No entanto, à medida que a narrativa se desenvolve, a obra surpreende ao trazer à tona, com sensibilidade e profundidade, a complexa relação entre pai e filho.

O protagonista, Gabriel (74 anos), dedicou a vida ao trabalho em seu açougue para suprir as necessidades materiais da família. Mas, em razão dessa devoção, durante 50 anos, trabalhando das 7 às 21 horas (p. 28), não exerceu plenamente a paternidade, compreendida como presença cotidiana e afeto constante.

A ausência emocional do pai foi, em grande parte, compensada pela figura materna, Rysette, que assumiu a responsabilidade de proporcionar o suporte afetivo aos filhos, Brigitte e Alain. Ainda assim, tal substituição não impediu o surgimento de ressentimentos, especialmente por parte de Alain, que preferiu estudar e trabalhar como corretor em uma seguradora, contrariando o desejo do pai que assumisse o açougue da família. Brigitte, como diz seu pai com orgulho, está na política, na oposição.

Inicialmente, Gabriel mostra-se contrário à adoção, o que fica evidente em sua expressão facial e comentários irônicos. Num diálogo com seus amigos Gaston e Gérald (p.19), ele explica que acha muito tarde ter o primeiro filho na idade de Alain (47 anos) e de sua esposa Lynette (45 anos), argumentando que ele mesmo teve sua primeira filha, Brigitte, aos 21 anos de idade (p. 19).

O sentimento de estranhamento diante da chegada da criança decorre, em parte, do desconforto de Gabriel ao se deparar com o papel de avô, sem, no entanto, ter vivenciado plenamente o papel de pai. Ao longo da obra, a tensão latente entre Gabriel e Alain se materializa por meio de silêncios, olhares e gestos contidos, compondo um quadro de distanciamento afetivo que se torna perceptível, mesmo quando ambos compartilham o mesmo espaço físico.

Figura 36: Alain e Gabriel sentados juntos, mas distantes emocionalmente



Fonte: Zidrou & Monin, 2024, 23

Rysette e Gabriel, mesmo depois de 50 anos de casamento, são companheiros, amigos e mantem um diálogo franco, mesmo que às vezes permeados por tensões. Desfrutam da companhia um do outro, a despeito dos defeitos (que todos temos), são afetuosos, se beijam, abraçam, manifestam carinho, e mantêm a intimidade conjugal.

Mesmo nos momentos difíceis o casal se entende, pois eles se respeitam, se amam, se apoiam mutuamente, mantendo viva a alegria de estarem juntos, e a chama da paixão, como podemos observar na cena abaixo, onde desfrutam de uma intimidade saudável, com brincadeiras sexuais que somente o tempo e a confiança proporcionam.

Figura 37: Rysette e Gabriel em brincadeiras e momentos íntimos



Fonte: Zidrou, 2024, p. 32

Como é comum em muitas estruturas familiares contemporâneas, Alain recorre ao apoio familiar para os cuidados de Qinaya, enquanto ele e sua esposa se dedicam às atividades profissionais. Inicialmente relutante, Gabriel vai sendo gradualmente transformado pela convivência com a neta, cuja espontaneidade e afeto genuíno provocam uma mudança significativa em sua postura.

Figura 38: Gabriel prepara Qinaya para o banho e ganha um abraço



Fonte: Zidrou & Monin, 2024, p. 41

O homem outrora rígido e rabugento passa a expressar traços de ternura e afeto, demonstrando comportamentos característicos de um avô carinhoso e presente. Essa transformação, embora positiva, desperta certo desconforto em Alain, que ainda carrega mágoas pela ausência emocional do pai durante sua infância.

Apesar disso, nota-se um abrandamento nas tensões entre ambos, indicando o início de uma reaproximação e a reconstrução gradual dos vínculos afetivos entre pai e filho, a ponto de propor trocar sua casa pelo apartamento de Alain, pois “um apartamento não é o ideal para uma criança de 5 anos”. Indagado sobre o jardim e a horta, Gabriel responde: “você vai ver as árvores que eu plantei crescerem”.

Esta frase de Gabriel pode funcionar como uma metáfora delicada para o vínculo entre os dois. Não está falando apenas de plantas, mas de um legado afetivo que deseja finalmente compartilhar com o filho. As árvores podem simbolizar o tempo, a paciência e o cuidado silencioso que ele, mesmo distante ou falho, tentou dedicar à família. Ao convidar Alain a “ver crescer” aquilo que plantou, Gabriel expressa o desejo de reconstruir a relação, permitindo que algo novo nasça da convivência tardia. Assim, o jardim torna-se imagem de um afeto que precisa ser cultivado juntos dali em diante, indicando esperança, continuidade e uma tentativa de reparação entre pai e filho.

No ponto em que a narrativa parece alcançar um momento de estabilidade e harmonia, ocorre uma reviravolta marcada por uma tragédia que altera drasticamente o curso da história: Qinaya é repatriada ao Peru, Alain é preso, e Lynette solicita o divórcio, Rysette cai em depressão, gerando uma sequência de rupturas que impactam profundamente as estruturas familiares, inclusive aquelas que estavam em processo de reconstrução.

Diante dessa crise, Gabriel, tomado por desolação e inconformismo, recusa-se a manter qualquer contato com o filho preso, indicando seu sofrimento, frustração e incapacidade de lidar com a situação. Seu afastamento pode ser uma forma de se proteger emocionalmente. Não é necessariamente ausência de amor, mas sim uma manifestação da complexidade afetiva diante de uma crise intensa, refletindo limites humanos diante de perdas, frustrações e rupturas familiares. Tanto que Gabriel decide iniciar uma jornada para Lima, Peru, após contratar um detetive e receber informações sobre a neta.

Nesse contexto, a responsabilidade pelo cuidado de Rysette, visivelmente abalada física e emocionalmente (a base de antidepressivos), recai sobre Brigitte (54 anos). A condição fragilizada da mãe, descrita metaforicamente como “um fantasma de si mesma”, revela não apenas a gravidade de seu estado psicológico, mas também a relevância do suporte familiar nesse momento. Brigitte assume uma postura protetora e solidária para com o irmão, deixando de lado possíveis desavenças passadas para prestar-lhe apoio, fazendo-se presente neste momento difícil, visitando-o regularmente na prisão.

Durante sua estadia em Lima, Gabriel estabelece uma relação de solidariedade com Marc, um pai que se recusa a deixar o país antes de localizar o corpo de sua filha Sophie, ainda

desaparecida sob os escombros do terremoto em Arequipa ocorrido há dois anos. Ambos, embora marcados pela dor, encontram apoio mútuo em suas experiências de perda e impotência diante das duras circunstâncias. Enquanto Marc enfrenta a ausência definitiva da filha, Gabriel, por sua vez, ainda possui a possibilidade de reconstruir os laços com seu filho.

A viagem, inicialmente motivada pela busca por notícias da neta, revela-se, simbolicamente, como um caminho de retorno à própria família, sobretudo ao filho com quem desde criança mantinha uma relação marcada pelo distanciamento.

As reflexões de Marc (a esposa morta aos 38 de AVC, a filha aos 29 anos no terremoto) provocam em Gabriel um processo de introspecção, levando-o a reconsiderar sua trajetória como pai e a relembrar bons momentos que teve na companhia dos filhos.

Figura 39: Gabriel relembra de preparar um lanche especial para os filhos



Fonte: Zidrou, 2024, p. 114

A narrativa, ao enfatizar os ciclos de perda e reencontro, apresenta a vida como um processo contínuo de partidas e recomeços, marcado por um movimento permanente de transformação e ressignificação das experiências vividas. Nesse percurso, os personagens são constantemente confrontados com rupturas que exigem adaptação, elaboração emocional e abertura para o novo, evidenciando que a existência humana não se estrutura de forma linear, mas por meio de transições sucessivas.

Em muitos contextos, gestos afetivos e vínculos emocionais assumem papel central nesse processo, funcionando como elementos mediadores capazes de promover mudanças significativas nas trajetórias individuais. Destaca-se, nesse sentido, a manifestação do afeto por parte de uma criança (Qinaya), cuja espontaneidade e sensibilidade revelam a potência das relações interpessoais na reconstrução de sentidos e no fortalecimento dos laços humanos. Tais interações evidenciam que o cuidado, o acolhimento e o reconhecimento do outro podem atuar como catalisadores de processos de renovação subjetiva, contribuindo para a superação de perdas e para a abertura de novos horizontes existenciais.

O tempo transcorrido durante a viagem de retorno de Gabriel é representado como espaço de reflexão e elaboração de novos caminhos possíveis para a reconstrução dos vínculos familiares, de forma que sua chegada é repleta de significados: seu reencontro com a esposa é terno, sua demonstração de orgulho pela filha (agora com 54 anos) é explícita. Quanto ao filho, Gabriel pensa em uma estratégia gastronômica-emocional de aproximação, para comemorar seu aniversário de 50 anos (embora ainda preso).

O alimento, muitas vezes, transcende sua função nutricional, para fazer parte da construção de memórias afetivas, que não apenas consolidam laços familiares, mas também inculcam uma memória sensorial e experiencial, transformando o alimento em um vetor de transmissão emocional, atuando como gatilhos mnemônicos, podendo emergir como um símbolo de conforto e afeto. Essa heterogeneidade nas memórias afetivas sublinha a natureza subjetiva e peculiar da experiência alimentar, mesmo dentro de um contexto coletivo.

Talvez por essa razão, no campo da gastronomia, tem ganhado destaque o conceito de “cozinha afetiva”, expressão derivada da noção de *comfort food*, difundida no século XX e popularizada a partir dos anos 2000. Essa abordagem valoriza o consumo de alimentos associados à memória emocional, sendo a comida caseira vista como uma experiência capaz de provocar sensações de bem-estar, conforto e nostalgia, especialmente por remeter às refeições da infância. Tal perspectiva é sintetizada na célebre afirmação do escritor moçambicano Mia Couto (2016), segundo o qual **“cozinhar é um modo de amar os outros”**. (negritei)

Nesse sentido, *A adoção* apresenta um momento simbólico em que o afeto é traduzido pela linguagem gastronômica, quando Gabriel se recorda e conta para Marc como fazia um sanduíche para Brigitte e Alain quando eram crianças. Mais tarde, a frase de Marc “um pai que corta um picles no meio por cima de um sanduíche com terrina com certeza é um bom pai”, ressoa em Gabriel (p.115), que compreende que não é o alimento em si, mas os vínculos humanos associados a ele que conferem sentido à experiência culinária.

Esse entendimento o instiga a agir com base na esperança de reconstruir a relação fragilizada com seu filho. Movido por essa consciência afetiva, Gabriel elabora um gesto simbólico, destinado a superar não apenas a distância física, mas a barreira emocional imposta pela mágoa entre pai e filho, uma barreira mais difícil de transpor do que os próprios muros da prisão onde Alain está preso.

Os relacionamentos intergeracionais desempenham um papel essencial no fortalecimento dos laços sociais e afetivos, sobretudo em um contexto marcado pelo individualismo crescente.

Essas relações promovem o respeito mútuo, favorecem o diálogo entre as gerações e contribuem para o enfrentamento de estereótipos associados à idade, e do preconceito. No entanto, essas interações nem sempre ocorrem de forma harmoniosa, uma vez que os conflitos são inerentes às relações humanas, especialmente entre pais e filhos. As diferenças geracionais, somadas às experiências acumuladas ao longo da vida, formam uma rede complexa de afetos, memórias, ressentimentos, frustrações e dificuldades comunicacionais. A superação desses impasses exige disposição para a aproximação, aliada ao exercício da escuta sensível, da empatia, do respeito e da resiliência e do amor.

A narrativa de Zidrou é conduzida por sucessivas reviravoltas emocionais, culminando em um desfecho marcado por sutilezas afetivas e gestos silenciosos de reconciliação. No final da trama, destaca-se a escolha de Gabriel em visitar o filho na prisão, significando a superação das barreiras emocionais e o reconhecimento de que o filho, apesar de adulto, precisa do pai.

Figura 40: Gabriel se reaproxima de seu filho em seu aniversário, com um lanche da infância



Fonte: Zidrou & Monin, 2024, p. 133 e 134

A entrega de um cartão de aniversário, redigido em espanhol, atua como um enunciado não verbal de afeto e redenção, aproximando pai e filho por meio de um abraço carregado de significados. Em vez de um bolo tradicional, Gabriel prepara uma terrina com velas de cinquenta anos, repetindo o ritual de infância ao cortar, com cuidado, um pickles ao meio sobre o sanduíche. Esse gesto singelo, porém, carregado de simbolismo, demonstra como pequenas ações podem representar poderosos mecanismos de (re)construção dos vínculos afetivos e familiares.

Não é rara a suposição de que a saudade está associada apenas às experiências agradáveis, enquanto vivências marcadas por dor ou medo tendem a ser esquecidas ou relegadas à margem da memória. Parte-se, assim, da premissa de que, quanto mais tempo vivemos, maiores são as possibilidades de acumular um repertório de lembranças positivas. No entanto, é importante

destacar que a primeira infância não costuma ser preservada nas memórias conscientes da maioria dos adultos, fenômeno conhecido como amnésia infantil.

Conforme aponta Custódio (2023), as crianças passam a formar lembranças mais estruturadas, próximas ao padrão adulto, por volta dos seis ou sete anos de idade, sendo comum que as recordações anteriores a esse período sejam vagas ou fragmentadas. Nesse contexto, mesmo que Qinyaya, após retomar sua vida anterior no Peru, não guarde lembranças nítidas do período vivido na França, sua presença não será esquecida por aqueles que com ela conviveram.

O próprio nome da personagem, Qinyaya, que em língua aimará (*aymar aru*), significa “nuvem”, é simbólico e representa uma metáfora potente sobre a delicadeza, a beleza e a transitoriedade das relações humanas. Assim como as nuvens, os vínculos podem se dissipar, mas também se transformar e se renovar. A narrativa sugere, portanto, as oportunidades de recomeço enquanto houver vida, independentemente da idade, seja cinquenta ou setenta e cinco anos.

As representações contemporâneas das relações interpessoais e intergeracionais durante a passagem do tempo nesta obra, nos permite, inclusive ressignificar o termo ADOÇÃO: originária no latim *adoptio, onis*, derivada do verbo *adoptare*, que é formado pela junção do prefixo "ad-", com o significado de "a" ou "para", e do verbo *optare*, que significa "escolher", "desejar" ou "optar", de forma que *adoptare* pode ser entendido como "escolher para si", "tomar por escolha" ou "optar por". Portanto, a adoção, em sua essência, envolve a escolha e aceitação de algo ou alguém para integrar-se a um novo contexto, seja ele familiar ou não.

Gabriel escolheu se aproximar de seu filho, optou por aceitá-lo como a pessoa que ele é, e como todos nós somos: repletos de erros e falhas. Ele resolveu resgatar aquela criança que ainda sentia a ausência do pai, para integrá-la no novo contexto da vida, agora já adulto, mas com um pai presente e afetuoso.

A passagem do tempo é inevitável, mas é na forma como o vivenciamos que reside sua verdadeira riqueza. A obra *A Adoção* nos convida a compreender que, independentemente do que seja necessário mudar, aprimorar ou reparar, cada novo dia traz consigo a possibilidade de recomeçar.

3.3 Comparações e sentidos atribuídos à velhice nas duas *graphic novels*

Ulysses (em *A obsolescência programada de nossos sentimentos*) é “aposentado à força”, revelando a velhice associada à perda de função e identidade social, que é reencontrada no amor de Mediterrânea. Já Gabriel (*A adoção*) vive o pós-trabalho, com as consequências das longas horas de labor (7h às 21h), e a ausência no lar, mas reencontra sentido na afetividade de uma netinha, e posteriormente com seu filho, e não na produtividade.

Os protagonistas de *A obsolescência programada de nossos sentimentos*, Ulysses e Mediterrânea, enfrentam a solidão e o peso do corpo envelhecido, mas o foco é dirigido à força e à alegria do amor e do desejo: fragilidade, mas também resistência, o que também é visto em *A adoção*, com o relacionamento de Gabriel e Alain, que percorre um longo caminho para se encontrarem e caminharem juntos.

Em ambas as histórias há um fato incomum: quadros com nu masculino. No ambiente íntimo do banheiro, os corpos envelhecidos de homens saindo do banho são apresentados de forma despretensiosa, cotidiana, sem recorrer a qualquer apelo erótico. Essa exposição é antes de tudo representativa e simbólica, pois evidencia a possibilidade de uma velhice vivida com afeto, desejo e dignidade, em que é possível amam e ser amado, independentemente da idade, das rugas, do tônus muscular ou das transformações físicas impostas pelo tempo.

Figura 41. Ulisses nú se enxugando após o banho



Fonte: Zidrou e Aimée, 2022, p. 32

Trata-se de uma celebração da humanidade comum, de “gente como a gente”, na qual o corpo deixa de ser lugar de julgamento estético e passa a ser compreendido como testemunho de uma vida plena de experiências, onde as marcas nele inscritas revelam uma história singular, construída a partir de afetos e perdas. Nesse sentido, a existência é compreendida como um processo em continuidade, no qual novos capítulos seguem sendo construídos dia a dia.

Figura 42: Gabriel nú saindo do banheiro, conversando com sua mulher



Fonte: Zidrou, 2024, p.21

O discurso multissemiótico de Zidrou, Aimée e Mornin, desloca, assim, os sentidos hegemônicos que associam o envelhecer à invisibilidade ou à dessexualização, apresentando uma narrativa que reconhece o corpo como instância de enunciação simbólica e lugar de inscrição da subjetividade. A naturalidade com que essas representações são construídas evidencia um gesto discursivo de resistência aos modelos normativos de beleza e vitalidade, abrindo espaço para uma leitura mais ampla da pessoa. Uma que sente, deseja e se reconhece nas imperfeições que a constituem, tornando-a igual aos “outros”.

Em ambas, Zidrou critica a sociedade que marginaliza a pessoa idosa, seja pela lógica produtivista e da juventude (*A obsolescência*) ou pela desestruturação familiar (*A adoção*), onde a velhice é reumanizada pelo afeto (uma segunda chance), enquanto na *A obsolescência*, ela é politizada: um questionamento do sistema que “descarta” o velho como obsoleto. Juntas, elas formam um discurso duplo sobre o envelhecer: um olhar íntimo e outro social, ambos marcados pela busca de dignidade e sentido.

Estabelecer uma rede de amizades como Gabriel e os “Gs” Gerald e Gaston (p. 25), que praticam esportes e passeiam juntos, ou um grupo de colegas com os quais se possa ir ao estádio de futebol como Ulysses (p. 45,45) é importante para se manter a saúde física e mental. Como “a velhice é um tempo de síntese de todas as épocas anteriores do ciclo de vida” (Salgado, 1991, p.08), implica em dizer que envelhecer também é crescer, e que à medida que se cresce, aprende-se mais. De forma que o fato negativo de que se vai morrer, é também o fato positivo de que se compreende que se vai morrer e que se pode viver melhor por causa disso. (Albom, 1998, p. 117)

Ao afirmar que “a tragédia da velhice não é o fato de que cada um de nós deve envelhecer e morrer, mas que o processo de o fazer se tornou desnecessariamente e, às vezes, terrivelmente doloroso, humilhante, debilitante e isolador por meio da insensibilidade, ignorância e pobreza” (Butler, 1975, p. 3), o autor evidencia que o sofrimento associado ao envelhecimento não é inerente à condição humana, mas resulta de construções sociais e estruturais.

Embora proferidas há mais de cinquenta anos, tais palavras permanecem atuais, revelando a persistência de discursos e práticas marginalizantes. Nesse contexto, torna-se premente a construção de outras narrativas, como as apresentadas por Zidrou, que delineiam um novo paradigma da velhice, de uma pessoa protagonista de sua própria vida, marcada pela autonomia e pela participação social. Essa perspectiva compreende o envelhecimento não apenas como um dado cronológico, referenciado pelo número de anos, mas como uma experiência atravessada por condições sociais, culturais e relacionais, que podem favorecer a realização pessoal e a participação ativa do idoso nas esferas física, social e política da vida em sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Beauvoir (2024), a velhice precisa aprender a lidar com sua imagem, às vezes incerta, confusa e contraditória, situada dentro de uma problemática complexa, em que cada indivíduo, ao assumir seu destino, traz à reflexão o sentido que confere à própria existência. O *corpus* desta pesquisa trouxe à tona justamente esse entendimento.

Assim, ao articular Saussure, Bakhtin e Fairclough, evidencia-se que as obras de Zidrou constroem a velhice como um espaço de disputa simbólica e social, no qual escolhas linguísticas e discursivas reconfiguram criticamente o lugar do idoso no imaginário contemporâneo. Ao construir discursivamente a representação da pessoa idosa como alguém comum, inserida em situações rotineiras, cotidianas, Zidrou possibilita que o leitor se identifique com seus protagonistas, que são homens e mulheres já aposentados, que desfrutem de uma situação econômica satisfatória e podem se dedicar ao que lhes dá alegria e prazer, promovendo uma ressignificação no imaginário social contemporâneo

Zidrou amplia o debate sobre o preconceito etário ao popularizar, por meio das HQs, uma visão positiva e acessível da velhice. As características dos personagens rompem com os estereótipos dos velhos inativos, dependentes ou doentes, oferecendo uma resposta contra o apagamento da velhice na cultura ocidental, resgatando a dignidade da pessoa idosa. Nesse sentido, ao construí-la sob vários ângulos, afetivo, social, psicológico, familiar e sexual, a narrativa desafia a visão simplista e negativa dessa fase da vida, promovendo uma reflexão crítica sobre o envelhecimento e a valorização da experiência e da subjetividade dos idosos na contemporaneidade.

O vislumbre dessa realidade permite e exige que se lance um outro olhar para esse grupo; caso contrário, não haverá mudanças em nossa sociedade, pois, "a menos que modifiquemos à nossa maneira de pensar, não seremos capazes de resolver os problemas causados pela forma como nos acostumamos a ver o mundo". (Autoria não identificada, *apud* Hayashi, 2022, p. 16).

As narrativas analisadas reconhecem os desafios que a velhice traz, como a solidão e a perda, e abordam reconstrução de vínculos afetivos, mas sem retratar os personagens como meras vítimas. Pelo contrário, favorecem a percepção da velhice como uma etapa da vida com potencial para crescimento pessoal e resiliência, na qual se pode aprender e superar dificuldades. Dessa forma, as HQs de Zidrou contrabalançam discursos fatalistas ou discriminatórios ao ressignificar a dignidade daqueles que já ultrapassaram os 60 anos, no imaginário social contemporâneo, evidenciando que o bem envelhecer depende do equilíbrio

entre as limitações e as potencialidades dos indivíduos e como lidam com as perdas inevitáveis do envelhecimento e da vida.

Ao utilizar uma linguagem acessível e visualmente envolvente, que torna o tema mais fácil de entender, as *graphic novels* de Zidrou, com arte de Aimée de Jongh e Arno Monin, ampliam o alcance dessas mensagens formativas. Tais obras tornam-se instrumentos eficazes para educação, sensibilização e reflexão sobre o envelhecimento e o combate ao preconceito etário em diferentes contextos sociais e institucionais, sendo capazes de promover empatia e provocar discussões críticas sobre os estereótipos associados à velhice.

Esses recursos verbo-visuais podem operar como práticas discursivas que constroem novos sentidos sociais sobre a velhice, valorizando as experiências, os afetos e os desafios das pessoas idosas. Por meio da articulação entre linguagem verbal e visual, essas narrativas instauram um espaço de enunciação no qual se ressignificam estereótipos, se problematizam representações cristalizadas e se favorece a emergência de discursos mais inclusivos e críticos acerca das identidades etárias.

Nesse contexto, a dimensão visual das HQs, tal como desenvolvida por desenhistas como Aimée de Jongh e Arno Ronin, desempenha um papel central na construção de sentidos sociais sobre a velhice, ao complementar e potencializar o discurso verbal. Por meio de recursos como expressão facial, gestualidade, enquadramento, composição de cena e uso da cor, a representação gráfica dos personagens idosos permite transmitir emoções, experiências e relações de poder de maneira imediata e afetiva, criando uma narrativa sensorial que contribui para a ressignificação de estereótipos construídos.

Ao humanizar a experiência da velhice, evidenciar sua complexidade e ressaltar a capacidade adaptativa (principalmente para administrar as perdas) das personagens idosas, o trabalho desses artistas demonstra que a arte visual nas HQs constitui uma prática discursiva poderosa, capaz de gerar empatia, valorizar a autonomia dos idosos e abrir espaço para obras mais inclusivas e críticas das identidades etárias. Assim sendo, é possível resgatar a dignidade da pessoa idosa, ou seja, evidenciar o valor intrínseco de cada indivíduo, independentemente de sua origem, raça, gênero, religião, status social ou situação econômica.

Com a produção e a leitura de um número maior de novelas gráficas que apresentem protagonistas idosos, é possível promover transformações significativas no modo como o envelhecimento é representado e percebido na sociedade. Ao articular linguagem verbal e visual de maneira integrada, esse gênero atua como uma ferramenta discursiva multidimensional, combinando potencial estético e narrativo com uma leitura acessível e reflexiva, capaz de influenciar percepções e valores culturais sobre a velhice.

REFERÊNCIAS

AGUSTINI, Fernando Coruja. **Introdução ao Direito do Idoso**. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2003. p. 25.

ALBOM, M. A última grande lição: o sentido da vida. 6. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 1998.

ALBUQUERQUE, Liliane da Silva, et al. **Fatores associados à insatisfação com a Imagem Corporal em adultos: análise seccional do ELSA-Brasil**. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26(5):1941-1953, 2021. DOI: 10.1590/1413-81232021265.07152019. p. 1941-1953

ANCY, A. L., Venkatesan S. **Beyond wrinkles: ageing, graphic medicine, and Zidrou and Aimée de Jongh's Blossoms in Autumn** - Accepted 4 June 2024. *Med Humanit Epub ahead of print*: [please include Day Month Year]. doi:10.1136/medhum-2024-012898

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente**. Tradução de Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro, Zahar: 1981.

ARISTÓTELES, *Da alma (De anima)*. Apresentação, tradução e notas de Maria Cecília Gomes dos Reis, São Paulo, Editora 34, ano 2006.

ARGIMON, I. I. L. et al. **Velhice e identidade: significações de mulheres idosas**. *Revista Kairos Gerontologia*, São Paulo, v. 14, n.4, p.79-99, 2011. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/issue/view/8130>>. Acesso em: 27 jan. 2015.

BAGOLIN, Izete Pengo; SALATA, André. **Incidência de Pobreza entre os idosos: 2012-2022**. Laboratório de Desigualdades, Pobreza e Mercado de Trabalho – PUCRS Data Social. Porto Alegre, 2022. Disponível em: https://www.pucrs.br/datasocial/wp-content/uploads/sites/300/2023/09/PUCRSDataSocial_Relatorio_TerceiraIdade_V2.pdf. Acesso em: 16 jun. 2025.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. 16ª Ed. São Paulo: HUCITEC, 2014.

BAKHTIN, M. **Questões de Literatura e Estética: a teoria do romance**. 4.ed. Tradução do russo por Aurora F. Bernadini, José P. Júnior, Augusto G. Júnior et al. São Paulo: Unesp: Hucitec, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes Editora, 2003.

BARBOSA, Christian; CERBASI, Gustavo. **Mais tempo, mais dinheiro: estratégias para uma vida mais equilibrada**. Rio de Janeiro, Sextante, 2014, p. 205.

BARBOSA, Eurico. **Euclides da Cunha atira, erra e morre; anos depois seu filho tenta vingança e também é morto**. *Revista Bula*, 14 jun. 2024. Disponível em: <https://www.revistabula.com/5971-euclides-da-cunha-atira-erra-e-morre-anos-depois-seu-filho-tenta-vinganca-e-tambem-e-morto/>. Acesso em: 20 nov. 2024

BARI, Valéria Aparecida. **O potencial das histórias em quadrinhos na formação de leitores: busca de um contraponto entre os panoramas culturais brasileiro e europeu.** 2008. 250 p. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes, São Paulo, 2008

BARTHES, Roland. **O prazer do texto.** São Paulo: Perspectiva, 1973

BAUMAN, Z. (2001). **Modernidade Líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

BAZOTE, Sylvio. **Gerações.** [S.l.:s.n.], 203.5 vídeos (6 a 9 mi). Reportagem exibida no jornal da Globo. Postado por Tstbauu. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LuQvjZec2h8&list=PLXXuZljChbL\7iC9ccFv462qNCDSHh6LA&index=2>. Acesso em 01 jul. 2025

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice.** Traduzido por Maria Helena Franco Martins. Prefácio por Andréa Pachá. 4 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2024.

BIRMAN, J. (1994). **Futuro de todos nós.** In Veras, R. (Org.). Terceira idade (p. 35-48). Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

BIRMAN, Joel. **Terceira idade, subjetivação e biopolítica.** História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.22, n.4, out.-dez. 2015, p.1267- 1282.

BOBBIO, Norberto. **O Tempo da memória.** Rio de Janeiro, RJ, Editora Elsevier, 1997

BORGES, Eliza de Oliveira. **Sobre senilidade x senescência.** Geriatria Goiânia, Goiânia, [s.d.]. Disponível em: <https://geriatriagoiania.com.br/sobre-senilidade-x-senescencia/>. Acesso em: 10 mar. 2024

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: Crítica social do julgamento.** Porto Alegre, RS: Editora Zouk, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **O senso prático.** Tradução de Maria Ferreira, Revisão da tradução, Odaci Luiz Coradini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009 – Coleção Sociologia.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos.** 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANCO, Verônica. **Práticas de leitura de histórias em quadrinhos no ensino fundamental.** Curitiba, PR: Appris Editora; 2020

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Envelhecimento e saúde da pessoa idosa.** Brasília: Ministério da Saúde, 2007. 192 p.: Disponível em <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/abcad19.pdf>. Acesso em 10 fev. 2025.

BRASIL. Decreto nº 7.508, de 28 de junho de 2011. Regulamenta a Lei no 8.080/1990. **Dispõe sobre a organização do Sistema Único de Saúde – SUS**, e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7508.htm. Acesso em 22 fev. 2025.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei n. 8.069 de 13 de julho de 1990. Diário Oficial da União: -Seção I, Brasília, DF, 16 julho 1990, retificado em 27 set. 1990.

BRASIL. **Estatuto da Pessoa Idosa**. Lei nº 10.741 de 1 de outubro de 2003. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm Acesso em 12.nov.2024.

BRASIL. Lei Nº 14.423, de 22 jul. 2022. Altera a Lei nº 10.74/2003, **substitui, em toda a Lei, as expressões “idoso” e “idosos” pelas expressões “pessoa idosa” e “pessoas idosas”**. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato20192022/2022/Lei/L14423.htm#art1. Acesso em 12.nov.2024.

BRASIL. Lei nº 8.842, de 4 jan. 1994. **Dispõe sobre a política nacional do idoso**, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18842.htm. Acesso em 10 abr. 2024.

BRASIL. Portaria GM/MS nº 2.528, de 19 out. 2006. **Aprova a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa**. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt2528_19_10_2006.html>. Acesso em: 13 jun. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência à Saúde. **Redes Estaduais de Atenção à Saúde do Idoso**: guia operacional e portarias relacionadas. Brasília: 2002. Disponível em https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/redes_estaduais.pdf. Acesso em 13 ju.2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção Primária à Saúde. Departamento de Gestão do Cuidado Integral. **Guia de cuidados para a pessoa idosa**. Brasília, 2023. Disponível em https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_cuidados_pessoa_idosa.pdf. Acesso em 10.dez.2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde Sexual e Reprodutiva**. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/saude-do-adolescente/saude-sexual-e-reprodutiva>. Acesso em: 10 mar 2025.

BRITISH MUSEUM. **Les Ages de l'homme** (The ages of man/ As idades do homem). Disponível em: https://www.britishmuseum.org/collection/object/P_1871-1209-972. Acesso em: 10 out 2024.

BRUSCHINI, Cristina.; RIDENTI, Sandra. **Família, casa e trabalho**. Cadernos de Pesquisa, n. 88, pp. 30-36, 1994.

BUTLER, Robert N.; LEWIS, Myrna I. **Sexo e amor na terceira idade**. Trad. Ibanez de Carvalho Filho, São Paulo: Summus.1985

BUTLER, Robert Neil. **Why Survive?** Being Old in America. Nova York: Harper & Row Publishers, 1975.

CABADA, Gerardo. **3001 Pensamentos**. São Paulo: Edições Loyola, 2001. p. 131. ISBN 8515023075.

CACHIONI, Meire. **Universidade da Terceira Idade**: história e pesquisa. Revista Temática Kairós Gerontologia, São Paulo, v. 15, n. 7, p. 01-08, dez. 2012.

CAGNIN, Antônio Luís. **Os quadrinhos**. São Paulo, Ática, 1975

CAMARANO, Ana Amélia (Org.). **Os novos idosos brasileiros**: muito além dos 60? Rio de Janeiro: IPEA, 2004. p. 30. Disponível em: <https://portalantigo.ipea.gov.br>. Acesso em: 12 mar. 2025.

CAMARANO, Ana Amélia. **Mulher idosa**: suporte familiar ou agente de mudança? Estudos Avançados, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 35–63, 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9944/11516>. Acesso em: 12 maio 2025.

CAMERON, Erin.; Ward, Pamela.; Mandville-Anstey, Sue Ann.; Coombs, Alyssa. The female aging body: a systematic review of female perspectives on aging, health, and body image. *Journal of Women & Aging*, v. 31, n. 1, p. 3-17, 2019. DOI: 10.1080/08952841.2018.1449586.

CARNEIRO, Julia Dias. **Filha busca Justiça histórica para pai**, que matou Euclides da Cunha. BBC News Brasil. 09/07/2019. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/48916568>> Acesso em 20 jan.2024

CASSIONI, Raul. **Censura nas HQs**: o Código dos Quadrinhos. Maxiverso, 11 set. 2016. Disponível em <<https://maxiverso.com.br/blog/2016/09/11/censura-nas-hqs-o-codigo-dos-quadrinhos/>> Acesso em 15 abril 2025

CASTRO, O. P. Processo Grupal, A Subjetividade e a Ressignificação da Velhice. In: (Org.) **Velhice, que idade é essa?** Uma construção psicossocial do envelhecimento. Porto Alegre: Síntese. 1998. p.35-55.

CARNEIRO, Julia Dias. **Filha busca Justiça histórica para pai**, que matou Euclides da Cunha, BBC Brasil no Rio de Janeiro, 9 julho 2019. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/48916568>> Acesso em 20 nov. 2024.

CARVALHO, Lu Dias de. **A Vida e a Morte**; As três idades da Vida (Aula nº 90). Vírus da Arte & Cia. 28 fev. 2022. Disponível em <https://virusdaarte.net/a-vida-e-a-morte-as-tres-idades-da-aula-no-90-c/> Acesso em: 08 jun.2024.

CAVALHEIROS DA NONA ARTE. **Resenha**: Reino do amanhã. 18 jul. 2016. Disponível em: <https://cavaleirosdanonaarte.blogspot.com/2016/07/resenha-reino-do-amanha.html>. Acesso em: 01.dez. 2024.

CHINEN, Nobu. **Graphic novel**: conceitos básicos. São Paulo-SP: Criativo, 2020.

CHINEN, Nobu. **Reinterpretando Wertham**. Influência de Seduction of Innocent nos estudos de quadrinhos no Brasil. In: Anais da 2ª Jornada Internacional de Histórias em Quadrinhos organizada pelo Observatório de Histórias em Quadrinhos da ECA-USP. 2013. Disponível em

<http://www2.eca.usp.br/anais2ajornada/anais2asjornadas/anais/10%20-%20ARTIGO%20-%20NOBU%20CHINEN%20-%20HQ%20E%20HISTORIA.pdf>

CHÉROLET, Brenda. **Você sabe o que é geração prateada?** Educa Mais Brasil, 26 jul. 2023. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/noticias/voce-sabe-o-que-e-geracao-prateada>. Acesso em: 05 maio 2024

CIRNE, Pedro. **Mangás históricos, autores inéditos por aqui e mais:** uma entrevista com Valéria Fernandes, do Shoujo Café. Coluna *Hábito de Quadrinhos*, UOL Cultura, 14 out. 2024. Disponível em: https://cultura.uol.com.br/noticias/colunas/habitodequadrinhos/213_mangas-historicos-autores-ineditos-por-aqui-e-mais-uma-entrevista-com-valeria-fernandes-do-shoujo-cafe.html. Acesso em: 13 jul. 2025.

COELHO, Vera; DINIZ, Gláucia. **Da solidão à solidariedade:** grupos de familiares de idosos com demência. In: FERES-CARNEIRO, Terezinha (org.). Família e casal: efeitos da contemporaneidade. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2005. p. 179–190.

COGO, Paulo S. Fernandes. **A universidade para a terceira idade como espaço de vida, cidadania e construção de possibilidades.** In: CASTRO, Odair Perugini de (Org.).

CONGER, Jay. **Quem é a geração X?** HSM Management, n. 11, p. 128-131, nov./dez. 1998.

CORREA, Mariele Rodrigues. **Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade:** velhice e terceira idade. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

CORRÊA, Gabriel. **Gravidez precoce:** por ano, 1 em cada 23 adolescentes é mãe no Brasil. Rádio Nacional / Agência Brasil, São Luís, 23 jul. 2025. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/saude/audio/2025-07/gravidez-precoce-por-ano-1-em-cada-23-adolescentes-e-mae-no-brasil>. Acesso em: 20 set. 2025.

DE VOSTHEM, D. Les Ages de l’homme (The Ages of Man) (**As idades do homem**), final do século XVI. Gravura. Museu British Londres. Inv. 1871,1209.972. Disponível em: https://www.britishmuseum.org/collection/object/P_1871-1209-972 Acesso em 24 out.2024

DEBERT, G.G. (2003). **O velho na propaganda.** Cadernos Pagu, 21. Campinas (SP).

DEBERT, G.G. **A reinvenção da velhice:** Socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. 1.ed.,3. reimp. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020

DIAS, M. de J. S.; SERRA, J. **Mulher, velhice e solidão:** uma tríade contemporânea? Serviço Social e Saúde, Campinas, SP, v. 17, n. 1, p. 9–30, 2018. DOI: 10.20396/sss.v17i1.8655190.

DUARTE, Lúcia Regina Severo. **Idade cronológica:** mera questão referencial no processo de envelhecimento. Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento, v. 2, 1999. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br>.

DURAN, Juliano Ramos; MAGALHÃES, Josiane. **Percepção e construção de identidade entre idosos no Brasil.** In: SEREX – Seminário de Extensão Universitária da região Centro-Oeste, 5., 2012, Goiânia. Anais [...]. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2012. Disponível

em: <https://serex.ufg.br> (ou link direto, se houver). Acesso em: 17 jun. 2025.

EARLY MODERN WORLD. **The ages of ageing in early modern society**. 22 jun. 2019. Disponível em: <https://arlymodernworld.home.blog/2019/06/22/the-ages-of-ageing-in-early-modern-society/>. Acesso em 24 out 2024

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**: princípios e práticas do lendário cartunista. Tradução: Luís Carlos Borges, Alexandre Boide. – 4ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**; Izabel Magalhaes, coordenadora da tradução, revisão técnica e prefácio. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 2001.

FEATHERSTONE, M. **A velhice e o envelhecimento na pós-modernidade**. Terceira Idade, SESC, ano X, n. 14, p.5-17, agosto de 1998

FERNANDES, Valéria. **Envelhecendo o Japão**: os mangás ficam grisalhos – mas espirituosos – junto com os leitores. Shoujo Café, 30 set. 2018. Disponível em: <<http://www.shoujo-cafe.com/2018/09/envelhecendo-o-japao-os-mangas-ficam.html>>. Acesso em: 13 jul. 2025.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. Verbetes: Velhice. p. 2054.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

FIORIN, José Luiz. **Uma teoria da enunciação**: Benveniste e Greimas. Gragoatá, Niterói, v.22, n. 44, p. 970-985, set.-dez. 2017. <http://dx.doi.org/10.22409/gragoata.2017n44a983>.

FLANGE, Paulo. **O estatuto do idoso comentado**. 2002. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/68029>. Acesso em: 15 maio 2025.

FONDA, Jane. **O melhor momento**. Tradutora: Débora Landsberg. São Paulo: SP, Editora: Paralela, 2012.

GAGLIETTI, Mauro; BARBOSA, Marcia Helena Saldanha. **Que idade tem a velhice?** RBCEH - Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano, [S. l.], v. 4, n. 2, 2007. DOI: 10.5335/rbceh.v4i2.131. Disponível em: <https://ojs.upf.br/index.php/rbceh/article/view/131>. Acesso em: 4 out. 2025

GAMBARO, Daniel; MARTINS, Maria Valeria Espinos Guerra. **Nostalgia e cultura pop** – convite a uma viagem ao tempo na série Ms. Marvel. Anais do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, SP. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, UFPB, 5 a 9 set. 2022. Disponível em <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0718202218121962d5ccb3aa931.pdf> Acesso em 28.set.2024.

GOLDFABR, Delia Catullo. (1998). **Corpo, tempo e envelhecimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo

GOLDENBERG, Mirian, **Por que os homens preferem as mulheres mais velhas?** Rio de Janeiro, Ed. Record, 2017.

GOMES, Cristiano. **Respeito** [peça ilustrativa: charge sobre a falta de respeito no transporte público, metrô]. Traça Logo, 9 set. 2008. Disponível em:

<<https://tracalogo.blogspot.com/2008/09/respeito.html>> Acesso em 30. set. 2024

GOMES, Nataniel dos Santos. **Quadrinhos:** uma aproximação apreciativa. Anais SIEL e Semanas de Letras – FAALC/UFMS, Campo Grande, MS, n. 3, p. 31–37, 2021.

GOMES, Sandra Regina (Coord.). **Glossário coletivo de enfrentamento ao idadismo: 1ª e 2ª edição – 2021/2022.** Belém, PA: Editora Recriar, 2022. Disponível em

GONÇALVES, J. P. **Ciclo Vital:** Início, desenvolvimento e fim da vida humana possíveis contribuições para educadores. Revista Contexto & Educação, v. 31, n. 98, p. 79, 2016.

GRANCHI, Giulia. **Claudia Raia anuncia gravidez aos 55:** por que é tão rara a gestação nessa idade? BBC News Brasil, São Paulo, 20 set. 2022. Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/geral-62972107>. Acesso em: 15 nov. 2024.

GROSS, Fernando. **Velhice e ancianidade no Pentateuco.** 2023. Tese (Doutorado em Teologia) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em <

<https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/41045>> Acesso em 14 out. 2025.

HAYASHI, Maria Cristina P. I. **Epígrafes no sistema de recompensas da ciência:** notas teóricas e modelo de análise. RDBCI- Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação. Campinas, SP | v.20 | e022004 | 2022. Disponível em <

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8667926>> Acesso em 30 set. 2025.

HESSE, Hermann Karl. **Com a Maturidade Fica-se Mais Jovem.** Rio de Janeiro: Editora Record, 2018

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2022.** Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em

<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao.html>. Acesso em 20 jan. 2025

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Especial Mulheres – Março, 2025.**

Disponível em < <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/22610-especial-mulheres-marco-2025.html>> Acesso em 17 out.2024.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pirâmide etária 1970–2022. **Atlas Escolar IBGE.** Disponível em: <https://atlascolar.ibge.gov.br/brasil/3051-caracteristicas-demograficas/idade/21898-piramide-etaria-1970-2022.html>. Acesso em: 17 out. 2024.

IBGE. **Brasil: uma visão geográfica e ambiental no início do século XXI.** Rio de Janeiro: IBGE, Coordenação de Geografia, 2016. ISBN 978-85-240-4386-4.

IBGE. **Regiões metropolitanas.** Rio de Janeiro, 1983. v. 7, t. 22. (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, 1981).

IBGE EDUCA: **Jovens**. 30 mar. 2025. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/22610-especial-mulheres-marco-2025.html>. Acesso em: 04 out. 2025.

INSTITUTO NORBERTO BOBBIO. **Biografia de Norberto Bobbio**. Instituto Norberto Bobbio, [s.l.], disponível em: <<https://inb.org.br/norberto-bobbio/>> Acesso em: 03 mar. 2024.

IPEDF -Instituto de Pesquisa e Estatística do Distrito Federal. **Retratos sociais do Distrito Federal 2021**. Brasília, DF: IPEDF, 2022. https://agenciabrasilia.df.gov.br/documents/20117/25073154/Retratos_Sociais_2021_Pessoas-Idosas_IPEDF.pdf

ITO, Carolina. **Moacy Cirne**, o poeta que levou as HQs para a universidade. Jornal GGN, 05.11.2015. Disponível em < <https://jornalggn.com.br/literatura/moacy-cirne-o-poeta-que-levou-as-hqs-para-a-universidade/>> Acesso em: 10 out. 2024.

JOÃO PAULO II. **Carta aos anciãos**. Roma, 1º de outubro de 1999, n. 10. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1999/documents/hf_jpii_let_01101999_elderly.html> Acesso em: 04 ago. 2024

JODELET, Denise. **Loucuras e representações sociais**. Petrópolis: Editora Vozes; 2005

JÚNIOR, Miguel Horvath; QUEIROZ, Vera Maria Corrêa. **Etarismo à luz do princípio da dignidade da pessoa humana**. Revista Brasileira de Direito Social – RBDS, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 95-110, 2024. E-ISSN 2595-7414.

KLIMT, Gustav. **Death and Life (Morte e Vida)**, 1908. Óleo sobre tela. Leopold Museum, Viena. Disponível em: <https://www.gustav-klimt.com/Death-And-Life.jsp>. Acesso em: 15 nov. 2024.

LARA, Simone B.; SÁ, Patricia Galante de. **Glossário da longevidade**: um guia para o mercado, a mídia e profissionais em geral. 2022. Disponível em: <https://mailchi.mp/3099220fa17e/glossario>. Acesso em: 16 dez. 2024.

LE LOMBARD: **Zidrou** – Scénariste. Le Lombard, [s.d.]. Disponível em: <https://www.lelombard.com/auteur-bd/zidrou>. Acesso em: 23 ago. 2025.

LEITE, Will. Will Tirando, **Anésia # 303**, 15 set. 2016. Disponível em: <http://www.willtirando.com.br/2016/09/>. Acesso em: 5 set. 2025.

LUYTEN, Sonia B. **O que é histórias em quadrinhos**. São Paulo-SP. Editora Brasiliense 2ª ed. 1987. Disponível em < <https://pt.scribd.com/document/467652964/BIBE-LUYTEN-Sonia-O-que-e-Historia-em-Quadrinhos-pdf>> Acesso em 5 set. 2024

LUYTEN, Sonia B. **Mangá**: o poder dos quadrinhos japoneses. São Paulo: Hedra, 2011.

LUYTEN, Sonia B. **Histórias em quadrinhos**: leitura crítica. Edições Paulinas, 1989

MACEDO, Joaquim Manoel de. **A Moreninha**. Rio de Janeiro, Pallas, 1975 (p.66).

MENDES, Tania Maria Scuro. **A resiliência na envelhecimento**. Caderno Universitário de Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem: adolescência e vida adulta. Canoas: Edulbra, 2010.

MENDES, Tania Scuro: **Envelhecimento**: um conceito a ser refletido. Revista Querubim – revista eletrônica de trabalhos científicos nas áreas de Letras, Ciências Humanas e Ciências Sociais – Ano 07 nº 15 vol. 2 – 2011. ISSN 1809-3264, p. 155-183. Disponível em <<https://www.yumpu.com/pt/document/read/12467195/revista-querubim-uff>> Acesso em 08 set. 2024.

MENTAL HEALTH FOUNDATION. **Body image in later life**: How comfortable are adults with their bodies in later life? Londres: Mental Health Foundation, 2019. Disponível em: <https://www.mentalhealth.org.uk/our-work/research/body-image-how-we-think-and-feel-about-our-bodies/body-image-later-life>. Acesso em: 8 nov. 2025.

MICHAELIS. **Velho**. Dicionário Michaelis Online. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/velho/>. Acesso em 13 ago. 2025

MONTENEGRO, Oswaldo. **Se puder, envelheça** [vídeo]. Oswaldo Montenegro Oficial, 4 maio 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0xCCKVnzodM&ab_channel=OswaldoMontenegroOficial. Acesso em: 17 jun. 2025.

MORAGAS, Vicente Junqueira. **O que é ageísmo?** Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios – TJDF, Brasília, 20 jul. 2022. Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/informacoes/cidadania/direitos-humanos/igualdade-e-nao-discriminacao/ageismo/o-que-e-ageismo>. Acesso em: 24 jan. 2025

MOURA, Luciana. **As acepções do vocábulo idoso**. Revista Jus Navigandi, 16 fev. 2016. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/46598>. Acesso em: 15 maio 2025.

MOYA, Álvaro. **A reinvenção dos quadrinhos**: memória da primeira exposição mundial da arte sequencial: quando o gibi passou de réu a herói. São Paulo: Criativo, 2012

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **Número de pessoas com mais de 60 anos deve subir 46% até 2030**. Nações Unidas Brasil, 01 out. 2019. Brasília, DF. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/84293-n%C3%BAmero-de-pessoas-com-mais-de-60-anos-deve-subir-46-at%C3%A9-2030>. Acesso em: 04 fev. 2025.

NERI, Anita Liberalesso. (1995). **Psicologia do envelhecimento**: uma área emergente. In Neri A.L. (org.). Psicologia do envelhecimento, p. 13-40. Campinas: Papyrus.

NERI, Anita Liberalesso. **O legado de Paul B. Baltes à Psicologia do Desenvolvimento e do Envelhecimento**. Temas psicol., Ribeirão Preto, v. 14, n. 1, p. 17-34, jun. 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2006000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 18 set. 2025.

NOGUEIRA, Natania A. S.; REBLIN, Iuri Andreas (orgs.). **Arte sequencial e seus multiversos conceituais**. Leopoldina: Aspas, 2018.p 10.

NORTE, Diego Braga. **Machado**, Eça e a Carolina entre eles. 12/12/2018. Disponível em: <<https://resenhandoeandando.wordpress.com/2018/12/12/machado-e-eca-havia-uma-carolina-no-meio-do-caminho/>> Acesso em 20 nov. 2024.

OLIVEIRA, Rita de Cássia. **Terceira Idade**: do repensar dos limites aos sonhos possíveis. São Paulo: Paulinas, 1999.

OMS - Organização Mundial de Saúde. **Envelhecimento ativo**: uma política de saúde [Internet]. Brasília: OPAS; 2005 [citado 2018 jun. 10]. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf. Acesso em 25 nov. 2025

OMS – Organização Mundial da Saúde – **Relatório mundial da saúde**, 2006. Trabalhando juntos pela saúde / Organização Mundial da Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2007

OMS- Organização Mundial da Saúde **Relatório mundial de envelhecimento e saúde**. Genebra: OMS, 2015. Disponível em: <https://www.who.int/es/initiatives/decade-of-healthy-ageing>. Acesso em: 13 dez. 2024.

OMS- Organização Mundial da Saúde. **Envelhecimento e saúde**. 1º out. 2024. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/ageing-and-health> Acesso em: 17 jun. 2025.

OMS- Organização Mundial da Saúde Sexual and Reproductive Health. WHO, 2006. Disponível em: <https://www.who.int/teams/sexual-and-reproductive-health-and-research/key-areas-of-work/sexual-health/defining-sexual-health>

ORLANDI, Eni P. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 1996.

OXFORD LANGUAGES. **Velho**: *sinônimos e antônimos*. Oxford University Press, s.d. Disponível em: <https://languages.oup.com/>. Acesso em: 10 jan. 2024.

PACHÁ, Andréa. **Velhos são os outros**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018. p.58

PASCHOAL, Sérgio Márcio Pacheco. **Qualidade de vida na velhice**. In: FREITAS, Elizabete Viana de et al. Tratado de Geriatria e Gerontologia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. cap. 14.

PAUL, Maria Constança. **Percursos pela velhice**: uma perspectiva ecológica em psicogerontologia. Dissertação (Doutorado), Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar, Universidade do Porto, 1991. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10216/64540>.> Acesso em 03 mar. 2024.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. **Envelhecimento e imagem**: as fronteiras entre Paris e Rio de Janeiro. São Paulo: Annablume, 2000.

PEREIRA, Pablo. **Um retrato da intimidade de Machado**. Estadão. Blog da Garoa-Histórias de São Paulo. 25/02/2011. Disponível em < https://www.estadao.com.br/sao-paulo/blog-da-garoa/um-retrato-da-intimidade-de-machado/?srsltid=AfmBOorcFv2-OScXYq1VMw6y6V7pgZnMc9nyf_aJpk_u0yq-q1E0GlBz> Acesso em 20 nov. 2024.

PRIORE, Mary Del. **Uma história da velhice no Brasil**. São Paulo: Vestígio, 2025

PRUCHNO, Rachel. **Não é a velhice da sua mãe**: os baby boomers aos 65 anos. *The Gerontologist*, v. 52, n. 2, p. 149–152, abr. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/geront/gns038>. Acesso em: 17 jun. 2025.

RAMA, Angela et VERGUEIRO, Waldomiro (org.). **Como Usar os Quadrinhos na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 2004

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2023

RAMOS, Paulo. **Tiras cômicas e piadas**: duas leituras, um efeito de humor. 2007 Tese (Doutorado) Universidade de São Paulo. São Paulo, 1995.

RAMOS, Paulo; VERGUEIRO, Waldomiro. **Quadrinhos na educação**: da rejeição à prática. São Paulo: Contexto, 2009.

RASPANTI, Márcia Pinna. **O mistério e a vergonha da “mulher mais velha”**. Disponível em <https://historiahoje.com/o-misterio-e-a-vergonha-da-mulher-mais-velha/>

RIBEIRO, Débora. **Velho**. In: DICIO – Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/velho/>. Acesso em: 13 mar. 2025

RIO DE JANEIRO (Estado). Secretaria de Estado de Saúde. **Sexualidade na terceira idade**. 11 mar. 2019. Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 155-168, mar. 2008. Disponível em: <https://www.saude.rj.gov.br/atividade-na-terceira-idade/noticias/2019/03/sexualidade-na-terceira-idade>. Acesso em: 10 mar 2025

RODRIGUES, M. **“A velhice em construção”**. Portal do Envelhecimento e Longevidade, 07 jul. 2019. Disponível em: <https://portaldoenvelhecimento.com.br/a-velhice-em-construcao/>. Acesso em: 05 mar 2025.

ROSO, Larissa. **Alexandre Kalache**: "O brasileiro é preconceituoso com a velhice". GZH – GaúchaZH, Comportamento, 23 abr. 2016. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2016/04/alexandre-kalache-o-brasileiro-e-preconceituoso-com-a-velhice-5784325.html>. Acesso 09.nov.2024.

SALGADO, M. **Velhice**, uma nova questão social. São Paulo: Sesc, 1991.

SARLET, Ingo Wolfgang, **Dignidade da pessoa humana e direitos fundamentais na Constituição Federal de 1988**. Imprensa: Porto Alegre, Liv. do Advogado, 2001.

SILVA, Luna Rodrigues Freitas. **Da velhice à terceira idade**: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, n.1, p.155-168, jan.-mar. 2008. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702008000100009> Acesso em 22 nov. 2025.

SIQUEIRA, Vinícius. **Doxa** – Pierre Bourdieu. Colunas Tortas, 13 ago. 2024. Disponível em: <https://colunastortas.com.br/doxa-pierre-bourdieu/>. Acesso em: 20 mar. 2024

SIQUEIRA, M. E. C. (2002). **Teorias Sociológicas do envelhecimento**. Em: E. V. Freitas, L. Py, A. L. Neri, F. A. X. Cançado, M. Gorzoni & S. M. Rocha. Tratado de Geriatria e Gerontologia. pp.47-57. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

SOBRINHO, Barbosa Lima. **Crônicas da Juventude**. Recife: Bagaço, 1998: 174.

SOUZA, Aurea Celeste Pires de; ALCARÁ, Adriana R. **Competência em informação e as diferentes gerações**. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 1–20, 2021. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1658>. Acesso em: 20 jun. 2025.

SOUZA, Danielle; SANDES, Eline. "**Velhofobia**": veja respostas de famosas ao preconceito de idade. *Metrópoles*, 03 jun. 2022. Disponível em: <https://www.metropoles.com/vida-e-estilo/comportamento/velhofobia-veja-respostas-de-famosas-ao-preconceito-de-idade>. Acesso em: 03 out. 2025.

STUCCHI, Beatriz Helena Peres. **Envelhescência** – um fenômeno da modernidade. , São Paulo, SP: Percurso v. 26, n. 51, p. 156–159, 2013. Disponível em: <https://percurso.openjournalsolutions.com.br/index.php/ojs/article/view/1363>. Acesso em: 25 jul. 2025.

TEIXEIRA, Selena Mesquita de Oliveira; SOUZA, Luana Elayne Cunha de; MAIA, Luciana Maria. **Ageísmo institucionalizado**: uma revisão teórica. , [S. l.], v. 21, n. 3, p. 129–149, 2018. DOI: 10.23925/2176-901X.2018v21i3p129-149. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/41448>. Acesso em: 10 ago. 2025.

TENDIMAG – **As idades da vida**. Tendências do Imaginário, 2016. Disponível em: <https://tendimag.com/2016/12/23/as-idades-da-vida/>. Acesso em: 12 abr. 2025.

TOLLER, Paula. **Paula Toller fala da aparência jovem e diz**: “Idade não serve para determinar o que faço”. Gshow, Rio de Janeiro, 13 nov. 2020. Disponível em: <https://gshow.globo.com/tv/noticia/paula-toller-fala-da-aparencia-jovem-e-diz-idade-nao-serve-para-determinar-o-que-faco.ghtml>. Acesso em: 17 jun. 2025.

TURMA DA MÔNICA – **Intergeneracionalidade**. Revista HQ, [S.l.], [2023?]. Disponível em: <file:///C:/Users/maril/Downloads/Revista_Portugues_versao_WEB.pdf>. Acesso em: 12 maio 2025.

UAI. **Susana Vieira reflete sobre ataque dos haters**: 'Desumano'. Portal UAI, 17 abr. 2025. Disponível em: <https://www.uai.com.br/app/entretenimento/famosos/2025/04/17/not-famosos,359831/susana-vieira-reflete-sobre-ataque-dos-haters-desumano.shtml>. Acesso em: 03 nov. 2025.

UEMS - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL. **Fotografia de atividade com idosos publicada em**: UEMS / CG: atividade com foco na qualidade de vida envolve acadêmicos da UMA e do Curso de Medicina. Campo Grande, 22 ago. 2023. Disponível em: <https://www.uems.br/noticias/detalhes/UEMS-CG-Atividade-com-foco-na-qualidade-de-vida-envolve-academicos-da-UMA-e-do-Curso-de-Medicina>. Acesso em: 10 fev. 2025.

VAN DIJK, Teun A. **Ideologia e discurso**. São Paulo: Contexto, 2008.

VEIGA, Márcia Regina Medeiros; FERREIRA, Sónia Cristina Mairós; CORDEIRO, António Manuel Rochette. **Construção de identidade(s) na velhice**: os territórios enquanto marcos identitários. *Psicologia & Sociedade*, v. 28, n. 3, p. 453–462, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-03102016v28n3p453>. Acesso em: 17 jun. 2025.

VELHO. *In*: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2025. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/velho/>. Acesso em 19 mar 2025.

VELHO. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/velho/>. Acesso em: 17 jun. 2025.

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos; RAMOS, Paulo; CHINEN, Nobu (orgs.). **Os Pioneiros no Estudo de Quadrinhos no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Criativo, 2013.

VERGUEIRO, Waldomiro e RAMOS, Paulo (orgs.) **Quadrinhos na educação**: da rejeição à prática. São Paulo: Contexto, 2015.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Como usar as histórias em quadrinhos em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2006.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Panorama das Histórias em Quadrinhos no Brasil**. São Paulo: Peirópolis, 2017

VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio dos (orgs.). **A linguagem dos quadrinhos**: estudos de estética, linguística e semiótica. 1ª ed. São Paulo: Criativo, 2015.

VIANA, Nildo (org.); **Valores e histórias em quadrinhos**: as manifestações valorativas no universo ficcional das histórias em quadrinhos. Goiânia: Edições Redelp, 2024. p. 22.

VIEIRA, Tereza Rodrigues; NASCENTES, Claudiene. **O idoso, a publicidade e o Direito do Consumidor**. *Revista Jus Navigandi*, ISSN 1518-4862, Teresina, ano 9, n. 183, 1 jan. 2004. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/4621>. Acesso em: 13 ago. 2025.

VILHENA, J. de, Novaes, J. de V., & Rosa, C. M. (2014, junho). **A sombra de um corpo que se anuncia**: corpo, imagem e envelhecimento. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 17(2), 251-264.

WAID, Mark (roteiro); ROSS, Alex (arte); RASPLER, Dan (editor original). **Reino do Amanhã** - Edição Definitiva. Barueri, SP: Panini Books, 2013.

WANDERMUREM, Isadora. **Famosas que já foram atacadas por causa da idade e não deixaram barato**. 2024. Disponível em: https://www.terra.com.br/nos/famosas-que-ja-foram-atacadas-por-causa-da-idade-e-nao-deixaram-barato,daef230522aef66a07eaf2426927fb331ipx24n2.html?utm_source=clipboard. Acesso em: 3 out. 2025.

WEB GALLERY OF ART. Hans von Marées. **Das Orangenbild (As Quatro Idades do Homem)**, 1877–78. Têmpera sobre painel. Alte Nationalgalerie, Berlim. Disponível em: https://www.wga.hu/html_m/m/marees_h/orangen.html Acesso em 24 out 2024

ZIDROU (roteiro), JONGH, Aimée de (arte e cores); **A obsolescência programada dos nossos sentimentos**. Tradução por Fernando Paz. São Paulo: Pipoca & Nanquim, 2022.

ZIDROU (roteiro), MONIN, Arno (arte e cores). **A adoção**. Tradução: Renata Silveira. São Paulo: Nemo, 2024.